



Consolato Generale d'Italia
Rio de Janeiro

EDIFÍCIO CASA D'ITALIA DO RIO DE JANEIRO: *uma biografia*

2ª Edição

Aristides Corrêa Dutra

 Editora Comunità

EDIFÍCIO
CASA D'ITALIA
DO RIO DE JANEIRO

2ª Edição

O Ministério da Cultura, o Consulado-Geral da Itália, o Instituto Cultural Italiano,
o Instituto Europeu de Design, Ternium, Tenaris, Grupo Autoglass, Vale, TIM Brasil,
Generali Seguros, Saipem do Brasil e Leonardo do Brasil apresentam

EDIFÍCIO CASA D'ITALIA DO RIO DE JANEIRO

Aristides Corrêa Dutra

com

Eliane Bardanachvili

Flavio Cenciarelli

Marco Antonio Rezende







Foto da capa: Marco Antonio Rezende

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dutra, Aristides Corrêa
Edifício Casa D'Italia do Rio de Janeiro
/ Aristides Corrêa Dutra com Eliane Bardanachvili,
Flavio Cenciarelli ; fotografia e texto Marco
Antonio
Rezende. -- 2. ed. -- Rio de Janeiro : Editora
Comunità, 2026.

Bibliografia.
ISBN 978-85-98111-40-7

1. Edifício Casa D'Italia (Rio de Janeiro) -
História 2. Rio de Janeiro (Cidade) - História
I. Bardanachvili, Eliane. II. Cenciarelli, Flavio.
III. Rezende, Marco Antonio. IV. Título.

26-375353.0

CDD-720.981531

Índices para catálogo sistemático:

1. Rio de Janeiro : Cidade : Arquitetura 720.981531

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

EDIFÍCIO CASA D'ITALIA DO RIO DE JANEIRO

CONCEPÇÃO, CURADORIA, PESQUISA E TEXTO

Aristides Corrêa Dutra

TEXTO

Eliane Bardanachvili

TEXTO, PRODUÇÃO E REVISÃO TÉCNICA

Flavio Cenciarelli

FOTOGRAFIA E TEXTO

Marco Antonio Rezende

TEXTOS ADICIONAIS

Massimiliano Iacchini - Apresentação

Pietro Petraglia - Prefácio

Alexandre Rese - Apêndice 1

Marco Marica - Apêndice 2

PRODUÇÃO E REVISÃO TÉCNICA

Francesca Menegon

TRADUÇÃO PARA VERSÃO EM ITALIANO

Elena Rapisardi

DESIGN

Alberto Carvalho

ACERVOS DE PESQUISA

Hemeroteca Digital da
Biblioteca Nacional - Brasil

Archivio Centrale dello Stato • Fondo
Clemente Busiri Vici - Itália

Fondazione Alinari per
la Fotografia - Itália

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Artepadilla Gestão e Produção Cultural

Roberto Padilla

Mariana Oscar

Elizabeth Nogueira

Patrick Correa

IMPRESSÃO

Editora Comunità Ltda.

TIRAGEM

1.500

REALIZAÇÃO

Consulado Geral da Itália
no Rio de Janeiro

SUMÁRIO

Apresentação Cônsul Massimiliano Iacchini.....	12
Algumas palavras Aristides Corrêa Dutra.....	16
Prefácio Pietro Petraglia.....	20
Edifício Casa d'Italia do Rio de Janeiro	
1. Uma história em construção (das origens até 1970)	24
– Box: O Plano Agache e as galerias cariocas	76
2. De volta à casa (1972-2010)	78
– Box: Paixão 'binacional'	90
3. Reviver a casa (2012-2026)	92
– Box: História também nas obras de arte	100
4. Uma praça chamada Itália	102
– Box: Revitalização da Praça Itália	116
5. Um <i>tour</i> imagético pela Itália	118
Agradecimentos	160
Referências bibliográficas.....	161
Anexos	
1. Italian Design Day 2026 Alexandre Rese	164
2. Teatro Sala Italia Marco Marica.....	166
Posfácio Aristides Corrêa Dutra.....	170

*A própria cidade é a memória coletiva
dos povos; e como a memória está
ligada a fatos e lugares, a cidade é o
“locus” da memória coletiva.*

Aldo Rossi



APRESENTAÇÃO

naugurada em 29 de março de 1936, a ***Casa d'Italia*** no Rio de Janeiro continua, ainda hoje, a contar uma história intensa, feita de encontros e de diálogo constante entre duas culturas, a italiana e a brasileira. Este livro foi concebido como uma biografia do edifício, para narrar seus primeiros noventa anos de vida com um olhar voltado para o futuro.

Percorrer as etapas da história deste edifício significa mergulhar na própria história da imigração italiana no Rio. Desde o final dos anos 1930, quando a Casa surgiu em um espaço urbano ainda em formação, sua presença marcou os diversos momentos das relações ítalo-brasileiras, consolidando-se sempre como um ponto estratégico e um centro da vida política, social e cultural da cidade. As relações diplomáticas entre os dois países enfrentaram um período de grande complexidade durante a Segunda Guerra Mundial, quando, em 1942, por meio de um decreto do Governo federal brasileiro, o edifício Casa d'Italia foi entregue ao então Ministério da Justiça local. A partir de sua devolução ao Governo Italiano, em 2 de janeiro de 1970, o edifício pôde gradualmente voltar a ser aquilo para o qual havia sido criado: a sede de instituições e associações da Comunidade Italiana, atuando como ponte nas relações sociais e culturais entre Itália e Brasil. Em 1974, o Instituto Italiano de Cultura (IIC) passou a ocupar o edifício, deixando sua antiga sede no bairro de Laranjeiras para instalar-se no quarto e quinto andares. Posteriormente, em 8 de setembro de 1975, a Casa d'Italia tornou-se também sede do Consulado Geral da Itália no Rio de Janeiro, paralelamente à transferência da Embaixada da Itália do Rio para Brasília (após a mudança da capital brasileira).



Esta nova edição do livro (pela primeira edição agradeço calorosamente ao meu predecessor no Rio, o colega Paolo Miraglia del Giudice), além de ilustrar os principais momentos da história da Casa d'Italia, pretende destacar a importância estratégica da obra de requalificação do edifício no contexto urbano do centro do Rio, iniciada em 2012 e concluída durante a minha gestão. O projeto se apresenta como um modelo da chamada “*Diplomacia da Arquitetura*”, que busca valorizar o patrimônio imobiliário e o *design* italiano no exterior como instrumento de *soft power* e de promoção da imagem do nosso país.

As diversas intervenções realizadas tiveram como objetivo devolver a este edifício o papel de verdadeira Casa dos Italianos e ítalo-descendentes no Rio de Janeiro, bem como de vitrine permanente das excelências do *Made in Italy*, por meio da criação de espaços funcionais destinados a cumprir as diversas demandas institucionais atribuídas à



Sede Diplomático-Consular, em colaboração com as demais entidades do *Sistema Itália* aqui presentes (serviços consulares, promoção econômico-comercial, promoção cultural e integrada).

Nesse contexto, assume especial relevância a criação do *Polo Cultural ItaliaNoRio*, idealizado em colaboração com o Instituto Italiano de Cultura (IIC) e com o Instituto Europeu de Design (IED), além da contribuição fundamental das principais empresas italianas no Brasil com sede no Rio. Inaugurado em 21 de fevereiro de 2024, por ocasião do 150º Aniversário da imigração italiana no Brasil, o espaço foi posteriormente ampliado com a revitalização da adjacente *Praça Itália* (11 de outubro de 2025) e a abertura da *Escola italiana de gastronomia “Cucina”* (18 de março de 2026). Este novo espaço de convivência, criado com o objetivo de promover a cultura e as excelências italianas, consolidou-se como um local privilegiado de encontro, diálogo e compartilhamento entre Itália e Brasil no Rio. Além de sediar uma programação permanente de iniciativas nas áreas de arte, design, inovação tecnológica e gastronomia (cerca de 70 mil visitantes nos dois primeiros anos de funcionamento), o espaço também é utilizado diariamente como recepção e centro de informações para os usuários dos serviços consulares, garantindo um acolhimento digno, com máximo conforto e, ao mesmo tempo, a possibilidade de uma verdadeira imersão na cultura do nosso País.

De igual importância é a completa requalificação do oitavo e nono andares do edifício, com a recente inauguração do *Espaço de Negócios para o Made in Italy*, no oitavo andar, que, integrado ao renovado *Terraço Panorâmico*, será destinado à promoção das excelências italianas no setor econômico-comercial, contando com um espaço de

co-working de aproximadamente 400 metros quadrados, além de ambientes para eventos e atividades institucionais.

Consciente do imenso valor histórico e cultural que este patrimônio imobiliário representa, o Consulado Geral renova, por meio destas páginas, seu compromisso em preservar e valorizar a Casa d'Italia, para que ela continue sendo um polo de integração e intercâmbio entre Itália e Brasil, cada vez mais vivo e moderno. Com a esperança de que este caminho virtuoso possa se fortalecer e se renovar nos anos vindouros.

Por fim, um devido e sincero agradecimento a todos aqueles que contribuíram nestes anos, com paixão, entusiasmo e profissionalismo, para a realização deste ambicioso projeto de devolver à Comunidade Italiana e aos amigos do Rio um lugar simbólico e representativo. Um agradecimento especial aos meus colaboradores do Consulado Geral, aos colegas do Instituto Italiano de Cultura, ao Instituto Europeu de Design (IED) e às empresas italianas e ítalo-brasileiras patrocinadoras que acreditaram em nossa visão, hoje transformada em realidade.

Esta Casa d'Italia — devolvida ao seu antigo esplendor, mas ao mesmo tempo com o olhar voltado para o futuro — é um presente do nosso País para esta Cidade Maravilhosa.

Massimiliano Iacchini

Cônsul-Geral



MEMÓRIAS COABITADAS

Há quatro anos, o Consolato Generale d'Italia in Rio de Janeiro decidiu resgatar a história do Edifício Casa d'Italia, sede do Consulado, do Istituto Italiano di Cultura e de outras importantes instituições das relações Brasil-Itália. O resultado foi apresentado no livro *Casa d'Italia, uma biografia*, que chega agora à sua segunda edição, revisada, atualizada e ampliada.

Na primeira edição deste livro, nós já tínhamos feito um bom mergulho em sua história, desde os sonhos de uma *Casa degli Italiani* que abrigasse as diversas associações italianas na cidade até a constituição física e institucional mais recente da Casa d'Italia.

Acreditamos que aquele gesto de resgate foi não somente um registro de fatos e datas, não um mero retrato na parede, mas sim parte viva de uma grande engrenagem de transformações e ressignificações pelas quais a Casa d'Italia tem passado, de maneira mais intensa nos últimos anos, como a inauguração do Polo Cultural ItalianoRio, a revitalização da Praça Itália e a renovação e ampliação do Terraço Panorâmico, dentre outras. Assim, para os 90 anos da inauguração da Casa d'Italia que agora comemoramos, achamos importante e oportuno atualizar o conteúdo do livro com essas marcantes transformações.

Nossa abordagem desse resgate histórico passa por alguns aspectos arquitetônicos, evidentemente, mas foca mais atentamente no lado humano dessa trajetória, pois uma casa é muito mais que uma construção. Uma casa é um organismo vivo, que pulsa, que respira, que se adapta e que evolui. Uma casa são as pessoas e as ideias que nela vivem ou que por ela passam. Uma casa são vivências, são memórias, são histórias, são imagens e palavras, são trocas e aprendizados.

Milhares e milhares de pessoas passaram e continuam passando pelos belos portões de ferro da Casa d'Italia trazendo vivências e levando de volta memórias. Cada pessoa tem suas próprias lembranças. Algumas dessas memórias já foram apagadas pela poeira do tempo, outras ainda restam por serem resgatadas. Este livro é apenas um pequeno pedaço dessa grande narrativa.

Para contar essas histórias, no primeiro capítulo eu narro desde os sonhos iniciais de uma *casa degli italiani* até a devolução da Casa d'Italia ao Consulado em 1970, enquanto no capítulo seguinte Eliane Bardanachvili cobre os acontecimentos a partir dessa data. Mas nesta segunda edição do livro, trazemos algumas novidades. Flavio Cenciarelli, Coordenador Administrativo do Consulado, assina, em coautoria com Eliane, um novo capítulo onde abordam as intensas transformações ocorridas nos últimos anos. Seguimos nossa narrativa com um capítulo especial que retrocede no tempo para reportar a trajetória da Praça Itália desde sua origem como homenagem recíproca entre as cidades de Roma e do Rio de Janeiro até sua adoção pelo Consulado e sua integração aos espaços e ao funcionamento da Casa d'Italia. E para registrar visualmente as recentes transformações, estruturais, funcionais e estéticas da Casa, o ensaio fotográfico de Marco Antonio Resende foi atualizado e fartamente ampliado.

Nós contamos ainda com outras participações especialíssimas. Na apresentação do livro, temos o Cônsul Massimiliano Iacchini, em cuja gestão a valorização do passado e uma arrojada visão de futuro se fundem para reafirmar o papel da Casa d'Italia não somente junto à colônia italiana local, mas também no fecundo diálogo da Itália com a cultura e a comunidade carioca. Na sequência, o diretor da revista



Comunità Italiana e da Editora Comunità, Pietro Petraglia, compartilha suas memórias de testemunha privilegiada dos eventos da Casa d'Italia por mais de trinta anos. A Comunità, inclusive, é a casa editorial deste livro, juntamente com o Consolato Generale d'Italia.

Nos anexos, mais duas participações enriquecem nossas páginas. Alexandre Rese, Coordenador Acadêmico do Istituto Europeo di Design no Rio de Janeiro – IED, fala do Italian Design Day, cuja edição de 2026 tem como tema “RE-DESIGN: Regenerar espaços, objetos, ideias e relações”, em total sintonia com o momento atual da Casa d'Italia. E Marco Marica, Diretor do Istituto Italiano di Cultura di Rio de Janeiro – IIC-Rio, resgata algumas histórias do Teatro Sala Italia e antecipa detalhes do projeto de renovação do espaço, que inclui a melhoria das instalações do auditório e a criação de um novo espaço reservado à biblioteca do Istituto. Coincidentemente (ou não), o IIC e o IED estão instalados nos dois únicos andares da Casa d'Italia servidos de um salão de pé direito duplo: no quarto andar, o antigo Auditório abriga o atual Teatro Sala Italia, do IIC, enquanto no segundo andar o IED ocupa o espaço do antigo Clube Dopolavoro.

Tempo e memórias forjam cidades e narrativas. Este livro abre-se com uma epígrafe de Aldo Rossi sobre a memória e encerra-se com uma citação de Renzo Piano sobre o tempo. Além de figurarem entre os mais importantes arquitetos italianos do último século, ambos compartilham uma interessante coincidência com o objeto deste livro. Rossi nasceu em 1931, quando estava em andamento o concurso de anteprojetos que começou a dar forma ao que viria depois a se tornar a Casa d'Italia. E Piano nasceu em 1937, quando o edifício finalmente terminou de ser construído.

A história é a vida em movimento. Ela resgata e registra os acontecimentos do passado para melhor compreender o presente e, assim, traçar com mais sabedoria os caminhos do futuro, pois o resgate da memória é também, e acima de tudo, a edificação de um lugar de pertencimento. Seja bem-vinda, seja bem-vindo a essas memórias coabitadas e compartilhadas. E boa leitura.

Aristides Corrêa Dutra

O EMPENHO HISTÓRICO DOS ITALIANOS NO BRASIL

Dia 27 de março de 1936. *O Jornal*, um dos principais veículos impressos da então capital federal, o Rio de Janeiro, estampava a manchete sem verbo, sem artigo ou qualquer adjetivo. Simplesmente nela constava somente “Casa d’Italia” tamanha a eloquência da obra que estava em andamento no centro da capital, na antiga avenida das Nações, região da esplanada do Castelo, que hoje chama-se avenida presidente Antônio Carlos. E logo a seguir à manchete, acompanhada de uma ilustração do que viria a ser a construção, assim estava escrito: “Com a realização, a 29 corrente, da ‘Festa da Cumeeira’ da Casa d’Italia, encontrar-se-á a cidade enriquecida não apenas de um edifício novo, mas sim de um símbolo das estreitas afinidades que unem ao nosso país o berço da civilização latina. Fruto da operosidade da colônia italiana aqui radicada, a Casa d’Italia ergue-se, também, como testemunho da hospitalidade brasileira debaixo de cuja proteção os colonos vivem e prosperam.”

Sede do Consulado-Geral da Itália, a Casa d’Italia foi erguida pelos engenheiros Ricardo Buffa e Giulio Cellini com base no projeto original de Clemente Busiri Vici. Seu terreno foi adquirido por membros da comunidade italiana, cada um doando o que podia para que o projeto fosse concretizado. Muito mais do que concreto, a alma italiana e o vigor histórico deste povo foram decisivos para a realização desse sonho.

Boa parte da minha vida transcorreu pelos nove pavimentos deste *Palazzo*. Neles estavam distribuídos, além dos andares do Consulado, as sedes do Instituto Italiano de Cultura, do Comitê dos Italianos no Exterior, da Sociedade Italiana de Beneficência e Mútuo Socorro, do Circolo Italiano, da Associação Cultural Ítalo-Brasileira. Tive a honra de participar de eventos memoráveis com a passagem de autoridades de todas as esferas dos poderes entre os dois países. Particularmente marcantes foram os encontros

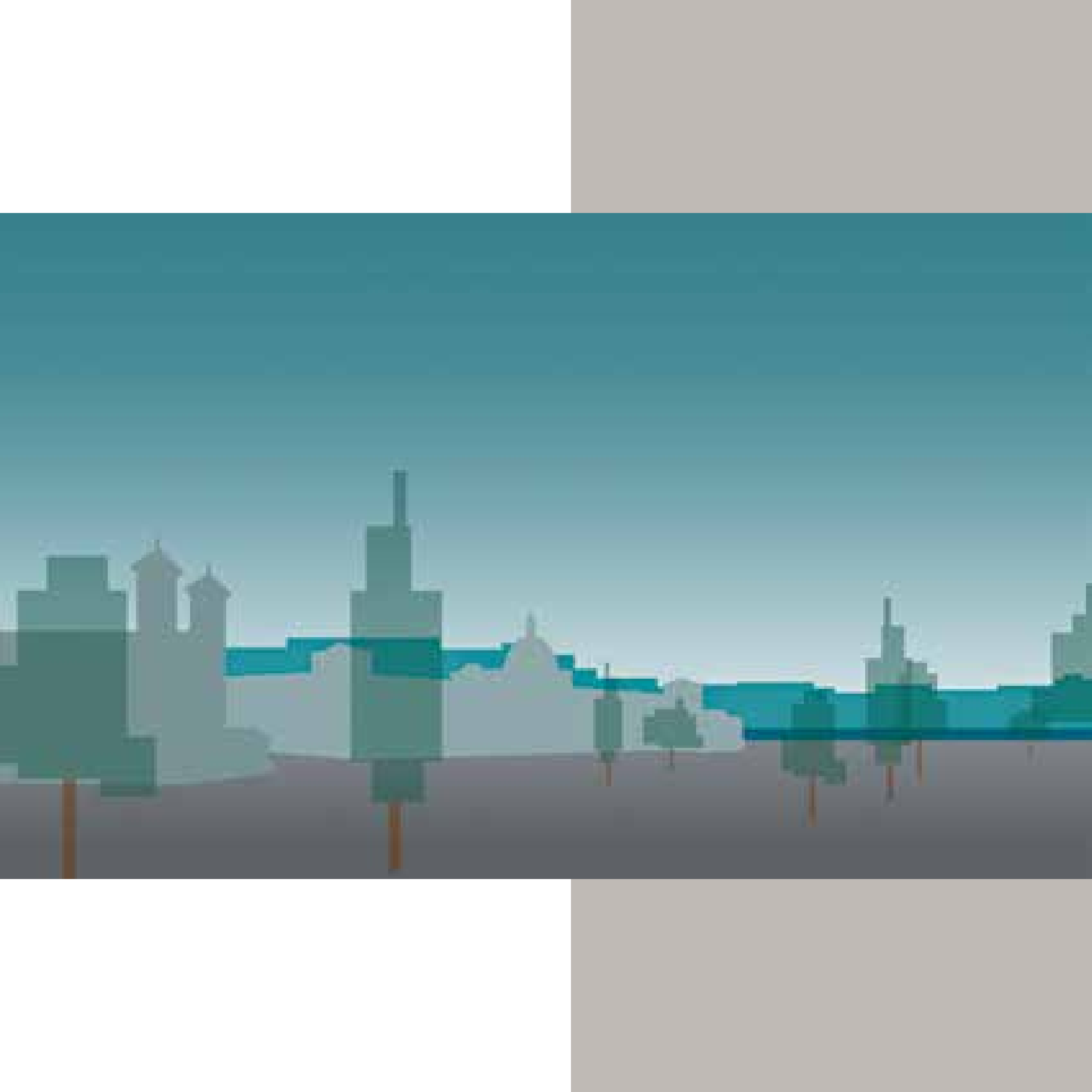
dos presidentes da Itália com representantes da coletividade. Oscar Luigi Scalfaro, em junho de 1995, e o presidente Carlo Azeglio Ciampi, em maio de 2000. A primeira edição da revista *Comunità Italiana*, datada de março de 1994, foi elaborada também com a participação de membros das instituições italianas aqui presentes e entregue às mãos do cônsul-geral à época, Claudio Zanghi, como símbolo da sinergia com a diplomacia italiana na importante missão de informar.

Hoje, com o cônsul-geral Massimiliano Iacchini, a Casa d'Italia ganha cada vez mais destaque como referência no cenário sócio-cultural do Rio de Janeiro. Com a iniciativa deste Polo ItaliaNoRio e a recente revitalização da Praça Itália, que hora recebe um investimento importante no espaço Cucina, para o desenvolvimento de atividades ligadas à gastronomia italiana, abre-se um horizonte ainda mais amplo para as relações a partir deste imponente equipamento público. Com suas sedes no Edifício, o Instituto Italiano de Cultura e o Instituto Europeu de Design (IED Rio) contribuem com justo dinamismo para as ações de cultura e de ensino. Um símbolo das relações entre Itália e Brasil e da sólida presença italiana na formação cultural e socioeconômica que se mantém ainda mais firme com essa revitalização que dará nova vida e atrairá mais negócios para a região central da cidade do Rio de Janeiro.

Um verdadeiro símbolo de amizade entre o Brasil e a Itália.

Pietro Petraglia

*Presidente do Grupo Comunità de Comunicação e da
Confederazione degli Italiani nel Mondo (CIM) Brasile*





EDIFÍCIO CASA D'ITALIA DO RIO DE JANEIRO

Ilustração: Aristides Corrêa Dutra

1

Uma história em construção
(das origens até 1970)

Aristides Corrêa Dutra

Professor da Universidade Veiga de Almeida



Década de 1930, Rio de Janeiro, Brasil. No Centro da cidade toma forma um novo bairro, conhecido como Esplanada do Castelo. Mais tarde, ele abrigará marcos importantes da arquitetura moderna desenvolvida no país e parte significativa da movimentação social e política do Brasil, como ministérios e embaixadas. Pois foi justamente ali que foi erguido o edifício Casa d'Italia, destinado a abrigar o Consulado da Itália no Rio, assim como agremiar diversas associações e serviços dedicados à comunidade ítalo-brasileira. Mas esta é uma história que começou a ser gestada tempos antes, com muitos desdobramentos ao longo de sua trajetória.

Quando a napolitana Teresa Cristina de Bourbon, princesa do Reino das Duas Sicílias, se casou com Dom Pedro II, tornando-se a imperatriz do Brasil, teve início uma significativa onda migratória de italianos para o País em busca de melhores condições de vida em terra nova. Um deslocamento espontâneo que ganhou ainda mais fôlego entre o fim do século 19 e a Segunda Guerra Mundial, durante a diáspora italiana — movimento que espalhou pelo mundo dezenas de milhões de cidadãos oriundos da Itália.

Naquele Brasil tão promissor quanto receptivo de então, italianos chegavam trazendo na bagagem hábitos, gostos, valores, sonoridades, sabores e vocabulários próprios. Indivíduos, famílias e grupos vinham em busca de mobilidade social e ascensão socioeconômica: do campo para a cidade, do comércio ambulante para o fixo, da fábrica para o comércio e para o investimento imobiliário. Mas eram os principais polos urbanos, potencializados pela perspectiva de maiores e melhores oportunidades de trabalho, que atraíam esse êxodo.

Longe de ser uma aventura sem precedentes, muitos italianos já haviam passado por vivências similares e que carregaram na bagagem. Segundo a historiadora Cléia Schiavo Weyrauch, os italianos trouxeram para o Rio de Janeiro a experiência urbana da economia de risco sentida no comércio no Mediterrâneo, colaborando para tornar a cidade uma metrópole moderna em todas as suas dimensões.

A migração italiana seria, então, um movimento modernizador urbano que não se fechou nas próprias comunidades de migrantes, mas se integrou à cidade, moldando-a e transformando-a. Juntamente com a ideia de urbanidade, os italianos agregaram seu sentido pátrio de comunidade. Onde se instalavam, estabeleciam uma forte rede de relações sociais, desde as mais informais até as agregações convencionalmente instituídas.

Nesse sentido, diferentes associações foram estabelecidas para defender os interesses e suprir necessidades trabalhistas, de saúde, educação e lazer, entre outras

demandas dessa população instalada em terras estrangeiras, de forma até hoje característica e marcante das colônias italianas espalhadas mundo afora. No encerramento da conferência *Vecchia e nuova emigrazione — per una rivalorizzazione strategica della rete degli italiani nel mondo* (Velha e nova emigração — por uma revalorização estratégica da rede de italianos no mundo), realizada online em 11 de novembro de 2020, Emanuela C. Del Re, vice-ministra das Relações Exteriores e Cooperação Internacional da Itália, disse:

O associacionismo é talvez uma das características mais belas e mais importantes da nossa emigração e que um pouco constitui também a marca de como os italianos se posicionaram no mundo, mesmo no passado. Hoje temos no mundo cerca de 1.700 associações oficialmente registradas pelo Ministério das Relações Exteriores e Cooperação Internacional [da Itália].¹

Uma das primeiras associações de imigrantes italianos a constituir-se no Brasil foi a Società Italiana di Beneficenza. Anterior à própria unificação da Itália, a mais antiga sociedade de assistência da América do Sul nasceu em 1854 por iniciativa do médico Cesare Persiani, um bolonhês radicado no Rio de Janeiro, que contou com o apoio do imperador Pedro II e da imperatriz Teresa Cristina. Em 1875, ao fundir-se com a Società di Mutuo Soccorso — associação de auxílio mútuo, fundada no ano anterior —, tomou o nome de Società Italiana di Beneficenza e Mutuo Soccorso. Suas finalidades eram, sobretudo, a assistência aos compatriotas necessitados, a solidariedade entre trabalhadores cadastrados e a organização de eventos e banquetes de caridade. Em 1907, foi inaugurada, na Praça da República nº 17, no Centro do Rio de Janeiro, uma sede própria, com projeto de Antonio Jannuzzi, arquiteto italiano radicado na cidade.

1 Tradução livre. No original: « L'associazionismo è forse una delle caratteristiche più belle e più importanti della nostra emigrazione e che un pochino costituisce anche la cifra di come gli italiani si sono posti nel mondo anche nel passato. Oggi abbiamo circa 1.700 associazioni ufficialmente registrate nel mondo dal Ministero degli Affari Esteri e della Cooperazione Internazionale. »

GLI ITALIANI NEL BRASILE

Società Italiana di Beneficenza e M. S. di Rio de Janeiro

LE SUE ORIGINI

E' QUESTA la più antiga Società Italiana, fundada nel 1865, che opera in Rio de Janeiro. A sua criação, o objetivo era proporcionar assistência social e beneficência aos imigrantes italianos que chegavam ao Brasil.

Em 1911, a Sociedade foi reorganizada e passou a ser denominada Sociedade Italiana de Beneficência e Mutuo Soccorso. A partir de 1911, a Sociedade passou a ser denominada Sociedade Italiana de Beneficência e Mutuo Soccorso.

Em 1911, a Sociedade foi reorganizada e passou a ser denominada Sociedade Italiana de Beneficência e Mutuo Soccorso. A partir de 1911, a Sociedade passou a ser denominada Sociedade Italiana de Beneficência e Mutuo Soccorso.



Foto: Arquivo Histórico do Rio de Janeiro, vol. 1, p. 241.

Em 1911, a Sociedade foi reorganizada e passou a ser denominada Sociedade Italiana de Beneficência e Mutuo Soccorso. A partir de 1911, a Sociedade passou a ser denominada Sociedade Italiana de Beneficência e Mutuo Soccorso.

Em 1911, a Sociedade foi reorganizada e passou a ser denominada Sociedade Italiana de Beneficência e Mutuo Soccorso. A partir de 1911, a Sociedade passou a ser denominada Sociedade Italiana de Beneficência e Mutuo Soccorso.

Em 1911, a Sociedade foi reorganizada e passou a ser denominada Sociedade Italiana de Beneficência e Mutuo Soccorso. A partir de 1911, a Sociedade passou a ser denominada Sociedade Italiana de Beneficência e Mutuo Soccorso.

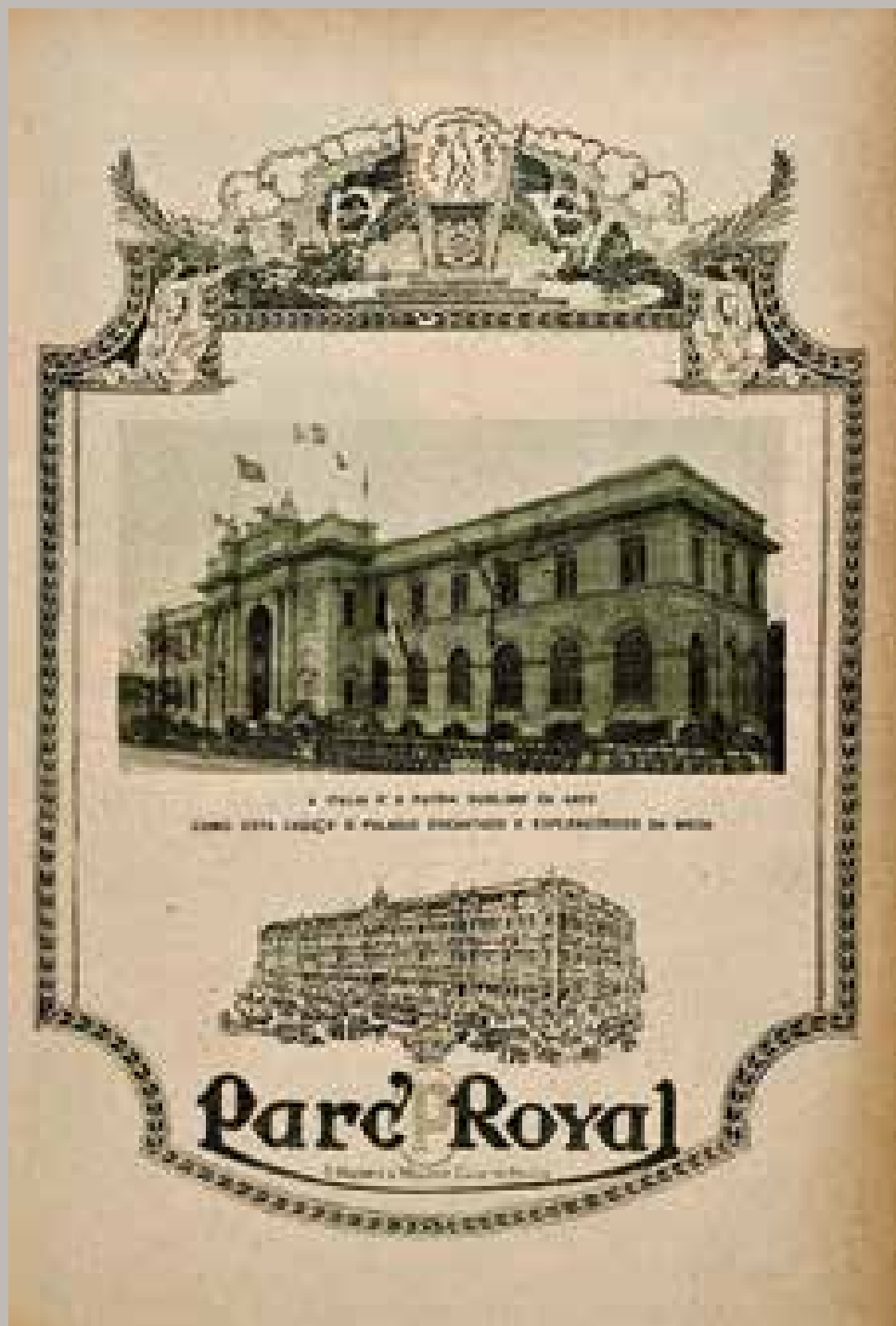


Fundada em 1865 por imigrantes italianos em Barcelona, a Società Italiana di Beneficenza e Mutuo Soccorso uniu-se em 1911 a outras associações locais, criando a Casa degli Italiani di Barcelona [Foto: Jordiferrer (editada). Fonte: Wikimedia Commons]

Construída por Antonio Jannuzzi e inaugurada em 1907, a sede carioca da Società Italiana di Beneficenza e Mutuo Soccorso logo tornou-se referência para a colônia italiana local, abrigando importantes eventos e sendo tratada informalmente como a *casa degli italiani* [Gli italiani nel Brasile, vol 1, p 241. Fonte: Biblioteca Digital Unesp]



Após a realização da Exposição Internacional do Centenário da Independência, em 1922, o governo da Itália cedeu seu pavilhão em prol da colônia italiana. Entre os aspirantes ao benefício estavam instituições de ensino, o Ospedale e a Casa degli Italiani, mas um impasse quanto à propriedade do terreno impediu a concretização da cessão (*Il Pasquino Coloniale*, 27/3/2026, p. 17). No posterior redesenho das ruas da Esplanada do Castelo, o pavilhão acabou sendo demolido. O Pavilhão da Itália aparece no anúncio de uma loja de departamentos publicado na revista *Fon-Fon* (4/11/1922, p. 19) [Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional]



CASA DEGLI ITALIANI

Na soma desse movimento de apoio, no início do século 20, a cidade do Rio de Janeiro já contava com diversas associações italianas, algumas delas sem sede própria. Circula, então, a ideia de unir essas associações em um espaço único, de modo a integrá-las e fortalecê-las, na construção de uma autêntica *Casa degli Italiani* (*Casa dos Italianos*). Um edifício assim poderia servir não somente à colônia italiana local, mas também promover uma ponte nas relações sociais e culturais entre a Itália e o Brasil.

Essa, aliás, não é nem uma ideia originalmente carioca, mas um movimento aparentemente natural e coordenado das colônias italianas em diversos países. Nos idos de 1865, a comunidade italiana de Barcelona criou sua *Società Italiana di Beneficenza e Mutuo Soccorso*. Outras associações continuaram surgindo até que, em 1911, no cinquentenário da proclamação do Reino da Itália, a *Beneficenza* funde-se a essas associações locais formando a *Casa degli Italiani* de Barcellona.

Também não foi a primeira vez em que o termo *Casa degli Italiani* foi utilizado para se referir a um local agregador. No Brasil, o conceito e o nome já eram apregoados. Em carta enviada ao semanário *Il Pasquino Coloniale*, Gaetanino Pepe alega ter registrado, em 1906, na Junta Comercial de São Paulo, o projeto de um edifício “*Casa degli Italiani*” (*Il Pasquino Coloniale*, 19/8/1916, p. 15). A partir da década de 1910, essa será uma luta e uma campanha de Menotti Falchi.

Em carta enviada ao jornal *Il Bersaglière* e publicada no dia 30 de junho de 1910, Felice U. Mandroni, presidente da *Fratellanza Italiana*, imaginava se seria “uma simples utopia tentar uma espécie de consórcio de todas as associações italianas” para que ocupassem, seguindo um calendário semanal pré-estabelecido, o prédio, “de maneira que todos, inclusive a *Beneficenza*, se juntassem para pagar os juros do empréstimo hipotecário que onera o prédio?”.

Mandroni se refere ao prédio da *Beneficenza* como *Casa degli Italiani*. Em outra carta publicada na mesma data e página, assinada, além de Mandroni, por presidentes de outras seis associações, a colônia italiana do Rio é conclamada a recepcionar o escritor e político italiano Ferdinando Martini — de passagem pela cidade — em uma solenidade programada na sede da *Beneficenza* chamando-a de *Casa degli Italiani*.

Foi então que, no dia 16 de março de 1911, em uma reportagem sobre a reunião preparatória para a festa do cinquentenário da promulgação do Reino da Itália, o mesmo *Il Bersaglière* observa que foi “consenso chamar-se de censura disfarçada” o encontro “ter

lugar na sede do Real Consulado e não na das nossas associações – a *Casa degli Italiani*.” Nos anos seguintes, diversos jornais passaram a mencionar a sede da Beneficenza pelo mesmo apelido. Em matéria publicada em 25 de julho de 1917 no jornal *Lanterna*, a sede da Società Italiana di Beneficenza na Praça da República era informalmente chamada de Casa dos Italianos.

O tema gerou assunto e pauta para debates nas publicações da época. Na crônica satírica publicada no *Il Bersaglière*, no dia 20 de abril de 1913, assinada por um certo Folchetto (presumível nome artístico), vamos encontrar mais uma referência. Provavelmente fazendo troça da disposição dos imigrantes italianos de se juntar em associações, o autor imagina uma potente cooperativa de produtos alimentícios para combater a carestia e alimentar a colônia, com armazéns espalhados por toda a cidade e com um grande capital levantado pela venda de ações. Em certo momento, Folchetto imagina que Giovanni Fasano destine os lucros produzidos pela cooperativa à construção de “um grandioso edifício que será a verdadeira casa dos italianos”, onde quem não soubesse “o que fazer com o seu tempo” poderia jogar “uma partida de bilhar” ou se dedicar a “exercícios atléticos para treinar a futura luta pela vida na vasta sala destinada a tão nobre propósito”. O artigo informava ainda que o arquiteto Foresto Salvadori e o desenhista Archisio Borsetti estudavam “as linhas gerais do projeto do prédio a ser construído.”

O citado Fasano era, na verdade, um conceituado alfaiate. Já Salvadori era um famoso cobrador da Società Italiana di Beneficenza, e Borsetti, professor no Centro Italiano d’Istruzione. Mas uma sátira só funciona se refletir a realidade que satiriza. O objeto do motejo era tanto o associacionismo italiano quanto seu acalentado sonho de um edifício próprio.

Um dos exemplos mais evidentes da integração italiana veio da Argentina, que, desde essa época, já tinha suas associações agremiadas em federações regionais. O associacionismo verticalizado incluía a Confederación de Federaciones Italianas en Argentina (Feditalia), que, a partir de 1912, passou a reunir todas as agregações locais. Provavelmente influenciado pela vizinha Argentina, no Rio Grande do Sul surgiu a Federação das Sociedades Italianas no Estado já em 1911, que durou poucos anos. A ideia foi relançada em 1929, sem êxito. Em 1932, a proposta chegou a ser parcialmente efetivada, dessa vez restrita às associações italianas existentes em Porto Alegre.

O histórico ímpeto agregador perceptível na colônia italiana do Rio de Janeiro — assim como em muitas outras — está em consonância com as ambições do próprio Istituto Coloniale Italiano (ICI), órgão criado em 1906 pelo governo da Itália e que apresentava um duplo escopo.

UN SOGNO ?

Il Circolo Italiano vuol fare la Casa degli Italiani.

(Cronaca coloniale).



— Saranno “castelli in Spagna”?

Para os mais céticos, sonhar com uma Casa degli Italiani seria como construir *castelli in Spagna* ou, como se diz em português, castelos de vento [Il Pasquino Coloniale, 27/2/1926, p. 16. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional]

Um Vibrante Protesto Contra as Violências do Fascismo

**A GRANDE REUNIÃO DE ONTEM NA
FEDERAÇÃO SINDICAL REGIONAL DO RIO**

Consumer organizations, including the National Consumer Council, have expressed concern over the proposed changes to the way in which the standard of living is measured. The council has said that the changes will lead to a significant increase in the standard of living, which it believes will be a significant increase in the standard of living.

problema especialmente en países en los que la corrupción puede impedir que los recursos sean utilizados para el desarrollo. Esto puede ser especialmente cierto en el caso de los países en desarrollo que tienen una alta proporción de recursos naturales en su economía. En estos países, la corrupción puede ser un obstáculo para el desarrollo económico y social.



100

© 2000 by John Wiley & Sons, Inc.

Two models are discussed: (1) a model for the case of a single input and (2) a model for the case of multiple inputs. The model for the case of a single input is a simple linear model, and the model for the case of multiple inputs is a more complex model.

Copyright © 2004 by John Wiley & Sons, Inc.

Source: *Journal of the American Statistical Association*, 1997, 92, 1037-1046.



1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 2609, 2610, 2611, 2612, 2613, 2614, 2615, 2616, 2617, 2618, 2619, 2620, 2621, 2622, 2623, 2624, 2625, 2626, 2627, 2628, 2629, 2630, 2631, 2632, 2633, 2634, 2635, 2636, 2637, 2638, 2639, 2640, 2641, 2642, 2643, 2644, 2645, 2646, 2647, 2648, 2649, 2650, 2651, 2652, 2653, 2654, 2655, 2656, 2657, 2658, 2659, 2660, 2661, 2662, 2663, 2664, 2665, 2666, 2667, 2668, 2669, 2670, 2671, 2672, 2673, 2674, 2675, 2676, 2677, 2678, 2679, 26

Source: The author's calculations based on data from the 1990 Census of the United States.

• **Training as an American citizen**
The State Department Training Service in Washington, D.C., provides training for American citizens who are interested in working in the U.S. State Department. The training is provided in the form of a course in American history, government, and culture. The course is available in English and Spanish. The training is provided in the form of a course in American history, government, and culture. The course is available in English and Spanish.

Many other findings within the pastures for improvement. Further, participants in the study, by participating in the intervention, were able to identify areas for improvement.

O associacionismo italiano fazia-se presente até mesmo no antifascismo. Na capital federal, além do engajamento combativo de algumas entidades já existentes, tivemos o surgimento da Liga Antifascista do Rio de Janeiro, a Liga Antifascista da Faculdade de Direito e a Liga Italiana dos Direitos do Homem [Crítica, 24/3/1929, p. 3. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional]

A propósito das colônias territoriais — as colônias no exterior efetivamente governadas pela Itália —, o ICI deveria empreender estudos econômicos e etnográficos, além de preparar a Itália para a vida e para os empreendimentos coloniais. Em relação às chamadas colônias etnográficas — as comunidades de migrantes italianos instalados em outros países —, o Istituto tinha como meta promover a unidade moral mediante um ordenamento das colônias.

Em 22 de junho de 1914, o recém-eleito Conselho Central do ICI fazia sua primeira conferência para examinar o programa apresentado por seu novo presidente, Ernesto Artom, deputado do Parlamento italiano. Dentre as propostas, constava que o Instituto deveria se tornar o grande representante das comunidades italianas no exterior, promovendo a representação livre das colônias por meio de seus delegados, que teriam de estabelecer uma *Casa degli Italiani* em cada colônia como centro de encontro dos compatriotas. Segundo noticiou *Il Bersaglière*, em 12 de julho de 1914, o Instituto deveria transformar sua sede em uma “verdadeira e grande ‘Casa dos Italianos no Exterior’, para cuja fundação contribuirão nossos filhos distantes e que será como o Grande Templo erguido em Roma para nosso povo ao redor o mundo”.

É importante ressaltar aqui que a denominação de “Casa de” para um edifício que congregue instituições sociais e culturais de um país e suas representações consulares não é um fato raro. No Rio de Janeiro, o Consulado da Suíça fica na Casa da Suíça. O edifício que sedia o Consulado da França chamou-se, por décadas, *Maison de France*, mas a partir de 2013, quando passou a sediar também o consulado da Alemanha, alterou seu nome para Casa da Europa. E o Palácio Pamphili, sede da Embaixada Brasileira na Itália, é oficialmente a Casa do Brasil em Roma.

RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS

O Brasil teve uma atuação modesta e pontual na Primeira Guerra Mundial, combatendo ao lado da Tríplice Entente, que nesse momento contava também com a adesão da Itália. Após o fim da guerra, a Itália elevou sua representação no Rio de Janeiro à categoria de embaixada. Até então os dois países mantinham relações através de delegações – missões diplomáticas hierarquicamente inferiores a uma embaixada e chefiadas por um ministro plenipotenciário. Em 1919, o conde Alessandro De Bosdari torna-se o primeiro embaixador da Itália no Brasil, enquanto Luís Martins de Souza Dantas inaugura a representação brasileira em Roma.



Em 1922, quando o Partido Nacional Fascista chegou ao poder na Itália, houve redução da imigração em massa, melhorias na defesa dos interesses trabalhistas dos imigrantes italianos no Brasil e favorecimento do comércio. (Cervo, 1992, p. 89) A diplomacia italiana empenhou-se em produzir na Itália uma imagem sedutora do Brasil enquanto construía junto aos brasileiros a imagem de uma Itália progressista e dinâmica. Os efeitos se fizeram sentir. A partir de 1925 aumentou o número de brasileiros que viajavam à Itália com fins culturais, comerciais ou industriais.

Anos, décadas vão se passando. Muito se fala, mas pouco se faz de concreto para a construção da casa sonhada, esperada, suspirada *Casa degli Italiani*. Em 27 de fevereiro de 1926, o semanário paulista *Il Pasquino Coloniale* publica uma charge onde um distinto senhor está sentado em uma poltrona fumando seu charuto. Da fumaça do charuto surge um castelo com a expressão “*Casa degli Italiani*”. Sob o cartum, uma pergunta – “Saranno Castelli in Spagna”? Em português, diríamos: “Seriam castelos de vento?”

Mas eis que as movimentações para a concretização do sonho da *Casa degli Italiani* do Rio de Janeiro começariam a produzir ações mais concretas. Durante o governo brasileiro de Washington Luís (1926-1930), foi solicitada a cessão de um terreno na esplanada do antigo Morro do Senado, próximo à atual Praça da Cruz Vermelha. Embora o pedido fosse encaminhado à Câmara de Deputados, não houve avanços, e a ideia acabou esquecida com a deposição do presidente pela Revolução de 1930.

UM CONSULADO ENGAJADO

A *Casa degli Italiani* do Rio de Janeiro deixa de ser apenas um sonho e torna-se realmente um projeto concreto a partir de 1928, com a chegada de um novo cônsul à cidade, o comendador Ludovico Censi. Condecorado herói aviador da primeira Guerra Mundial que passou a se dedicar à diplomacia, ele participou, ao lado do poeta e militar Gabriele D’Annunzio, do voo sobre Viena em 9 de agosto de 1918, quando lançaram sobre a cidade centenas de milhares de folhetos conclamando os moradores a se renderem.

A carreira diplomática de Ludovico Censi começou em 1925 com a representação em Buenos Aires. Designado para o Rio de Janeiro, chegou à cidade em 31 de janeiro de 1928. O novo cônsul foi o responsável por fazer o sonho da *Casa degli Italiani* passar da teoria à prática, pondo em movimento ações que culminariam na efetiva construção do edifício. Em dezembro daquele mesmo ano, Censi iniciou uma campanha de

recolhimento de doações para a construção da tão sonhada Casa, logo acolhida pela colônia italiana. Em 15 de dezembro, o jornal matutino *O Paiz* noticiava:

É ideia da colônia italiana no Rio construir no mais puro estilo italiano, a Casa degli Italiani, nesta capital. Nesse sentido, sem distinção de credos políticos, os italianos aqui residentes têm concorrido, de acordo com suas posses, para o fim colimado, o da construção da “casa”, cujo nome lhes lembrará a pátria. Em dez dias, o Sr. Censi, cônsul italiano aqui, já reuniu, em donativos que tem recebido, a quantia de 170 contos de réis. (O Paiz, 15/12/1928, p. 4)

Em 1º de fevereiro de 1929, o jornal *A Noite* publicou o relatório da reunião de uma comissão encarregada de planejar a construção do edifício para sediar a *Casa degli Italiani*. O Conselho da Società Italiana di Beneficenza e Mutuo Soccorso elegeu uma comissão para estudar uma proposta de ampliação de sua sede na Praça da República 17, que contou com o recolhimento de doações comandado pelo cônsul Ludovico Sensi.

O comitê local da Sociedade Dante Alighieri e o Ente Ospedale aderiram à empreitada, colocando à disposição do projeto todo seu patrimônio. Esperava-se que outras associações aderissem. O cônsul considerava essencial a participação da Beneficenza na fusão patrimonial. Os fundos da Sociedade Dante Alighieri e do Ente Ospedale mais as doações recolhidas alcançariam o montante de 400 contos de réis, acreditava o cônsul. Somada essa quantia ao patrimônio da Beneficenza, teriam cerca de 700 contos de réis, que permitiriam erguer um edifício adequado às necessidades das associações italianas e do Consulado. Havia ainda a possibilidade de obter renda com aluguel de espaços. O cônsul assegurou que a *Casa degli Italiani* se manteria apolítica, seguindo orientação expressa do Governo da Itália de que ela deveria abarcar todos os italianos, independentemente de filiações políticas.

A comissão extraordinária instituída para estudar a ideia propôs que o edifício fosse construído no próprio terreno onde estava a Beneficenza, ampliando ou, se necessário, demolindo o sobrado já existente. A Beneficenza permaneceria como proprietária e administradora do novo edifício, concedendo às outras associações o direito de uso do espaço. O jornal *A Noite*, em 1º de fevereiro de 1929, transcrevia o relatório da proposta, assinada pelo cônsul, que se encerrava “reafirmando a ideia de que a ‘Casa degli Italiani’ deveria ser construída onde se encontra o atual edifício da Società Italiana

di Beneficenza”, e que seriam providenciados o estudo e a apresentação de um projeto concreto nas seguintes bases:

- 1) A “*Casa degli Italiani*” manterá seu caráter apolítico;
- 2) A sede será ampliada de acordo com a disponibilidade, as necessidades da colônia e as modalidades do projeto que será realizado por italianos através de concurso;
- 3) A propriedade e a administração do edifício, ampliado e reconstruído, pertencerá à *Società Italiana di Beneficenza*;
- 4) Com contratos regulares a serem submetidos à aprovação prévia da Assembleia, serão reconhecidos aos órgãos aderentes com o seu patrimônio direitos proporcionais à dimensão dos mesmos e suficientes ao seu pleno e livre funcionamento;
- 5) Os fundos arrecadados pela coleta pública do Real Cônsul e todos os demais que foram destinados à “*Casa degli Italiani*” serão colocados à disposição da *Società Italiana di Beneficenza* e destinados exclusivamente à ampliação e reconstrução da atual Sede Social;
- 6) Nomear uma comissão especial para o estudo definitivo do projeto e dos contratos, autorizando-a a tratar com todas as Entidades aderentes e o Real Consulado e submetendo-o à aprovação da Assembleia.

Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1929.

Visto. O Real Cônsul Comendador Ludovico Censi.

O envolvimento de Ludovico Censi no projeto, contudo, não foi isento de críticas. A chegada do novo cônsul estava alinhada a uma nova orientação de Roma: exercer um controle mais forte sobre as colônias italianas no exterior, alinhando-as ostensivamente com os princípios do fascismo. O desejo manifesto, em 1914, pelo Istituto Coloniale Italiano, de implantar uma “*Casa degli Italiani*” em cada colônia patrícia no exterior seria ostensivamente apropriado e desvirtuado pela doutrina fascista como uma ferramenta de controle ideológico e policialesco dos italianos no exterior.

Efetivamente, a década de 1930 presenciou a implantação de diversas Casas italianas pelo mundo. A promessa de Censi de uma *Casa degli Italiani* carioca apolítica era mais um argumento retórico do que uma verdadeira declaração de princípios, como ficou claro, na assembleia extraordinária seguinte da Beneficenza, com a aprovação da

proposta de tornar o cônsul sócio honorário da Società Italiana di Beneficenza, o que certamente aumentaria seu poder de interferência no destino das associações italianas da cidade. A audiência da supostamente apolítica assembleia foi majoritariamente ocupada por simpatizantes do fascismo ostentando o distintivo do partido. As objeções apresentadas pelos dissidentes foram reprimidas com violência física e envolvimento da polícia. O jornal *O Paiz* noticiou, em 10 de fevereiro de 1929: “Acalmados os ânimos, prosseguiu a assembleia, sendo votada toda a ordem do dia, aos vivas entusiásticos ao rei da Itália, ao primeiro-ministro Mussolini, ao cônsul Censi e ao presidente Lipiani.”

Em 5 de fevereiro de 1929, o jornal *Crítica*, bastante contundente, denunciou a proposta de unificação das associações e seus patrimônios como “ambições inconfessáveis do fascio de apossar-se, à moda mussolinica, do patrimônio da Beneficência”. A operação seria, assim, uma estratégia para enfraquecer as possíveis dissidências ao regime de Roma e de fortalecer o controle do governo italiano sobre os patrícios residentes no exterior.

REAÇÃO ANTIFASCISTA

O aprimoramento das ferramentas de controle fascistas a partir de fins dos anos 1920 provocou, em consequência, o correspondente aumento da reação antifascista em diversos países. A vizinha França tinha se tornado um refúgio imediato para os italianos — que foram bastante ativos e combativos, especialmente em cidades como Paris, Nice, Lion, Dijon e Chambéry. Até a Suíça, um país tradicionalmente neutro quanto às disputas internacionais, moveu ações antifascistas.

No Brasil, o antifascismo manifestou-se em várias regiões, mas foi mais intenso na cidade de São Paulo. Perseguido pelos fascistas, o ex-deputado pelo Partido Socialista Italiano, Francesco Frola, em 1926, instalou-se em São Paulo, vindo a dirigir o jornal *La Difesa* e a associação antifascista *Unione Democratica*. Sua atuação certamente contribuiu bastante para uma maior politização da colônia italiana de São Paulo, principalmente junto à classe operária.

No entanto, na capital federal, três anos mais tarde, o presidente da Liga Antifascista do Rio de Janeiro, Francesco Itria, foi expulso da Beneficenza por alegada difamação da associação, de seus sócios, do governo e do rei da Itália.

A mesma linha de pensamento também era seguida pela Liga Italiana dos Direitos do Homem. As duas entidades já haviam sido convocadas para uma reunião com a



Na Casa degli Italiani de Santos, SP — posteriormente renomeada como Casa d'Italia —, alas distintas do sobrado separavam a escola feminina da masculina [Foto: Archivi Alinari, Firenze. Fonte: Fondazione Alinari per la Fotografia]



Beneficenza devido aos tumultos ocorridos entre fascistas e antifascistas, mas continuaram combatentes, culminando nas expulsões.

O perfil dos imigrantes e de suas associações nas colônias italianas espalhadas pelo Brasil variou conforme diversos fatores, como a região de origem dos migrados, o número de assentados, o tipo de atividade a que se dedicavam, o perfil dos habitantes anteriores e os tipos de interação e integração desenvolvidos por uns e outros. Cada região produzia número e associações de diferentes características, o que se refletiu



A antiga sede da Casa d'Italia de Nova Friburgo, RJ, localizada às margens do Rio Bengalas, já foi demolida. No mesmo endereço ergue-se hoje o Edifício Itália [Foto: Archivi Alinari, Firenze. Fonte: Fondazione Alinari per la Fotografia]

também em um grau diversificado e heterogêneo de controle fascista do associacionismo. A determinação, expressa em 1916 pelo Istituto Coloniale Italiano, e posteriormente encampada pelo governo fascista de Mussolini, de se criar uma *Casa degli Italiani* em cada colônia patrícia no exterior só se concretizaria em escala limitada.

O estado de São Paulo, que tem a maior colônia italiana no Brasil, é um bom exemplo disso. Todas as seções de *Casa degli Italiani* ou de *Casa d'Italia* foram instaladas no interior. A capital, onde o antifascismo era mais estruturado e combativo, não recebeu nenhuma.

LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL

A grande repercussão de uma épica travessia aérea coletiva de uma esquadrilha de doze hidroaviões italianos pelo Atlântico Sul até a chegada triunfal com pouso nas águas da Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, acabou servindo de incentivo para acelerar o projeto de se reunir em um só edifício as diversas associações italianas então espalhadas pela cidade. Em 26 de dezembro de 1930, representantes do governo brasileiro e das associações italianas efetuaram a compra de um terreno de 765 metros quadrados na esquina das avenidas Beira Mar e Santos Dumont (atual avenida Presidente Antônio Carlos) para erguer um edifício de oito andares que deveria abrigar o Consulado da Itália, as sociedades italianas, uma enfermaria, uma biblioteca. Por ironia do destino, justamente numa esquina da Esplanada do Castelo, o tão sonhado ‘castelo de vento’ italiano começava a se concretizar.

O terreno ficava a 140 metros do local onde havia sido instalado o Pavilhão da Itália na Exposição do Centenário da Independência, de 1922. A nova Esplanada do Castelo, criada após o desmonte do Morro do Castelo, apresentava uma grande oportunidade de remodelação e modernização do centro da cidade. O Plano Agache — o estudo urbanístico de 1930 para a cidade do Rio apresentado pelo urbanista francês Alfred Agache — previa para essa região a instalação de edifícios públicos com galerias para pedestres no térreo.

Em 18 de janeiro de 1931, o general Italo Balbo, que comandara a esquadrilha italiana, e seus aviadores foram convidados de honra da colocação da pedra fundamental da *Casa degli Italiani*. Era domingo, e a cerimônia estava marcada para as 9h30. Desde cedo formou-se no local uma multidão composta principalmente de membros da colônia italiana do Rio em volta do terreno, cercado por um cordão de isolamento, onde foi instalado um palanque.

Além de Balbo e equipe, estavam presentes à solenidade o embaixador Vittorio Cerruti, o almirante Umberto Bucci, comandante da flotilha italiana que acompanhou a travessia aérea, e o cônsul italiano no Rio, Riccardo Moscatti. Complementavam a comitiva, portando bandeiras e estandartes de suas associações, os representantes da Società Italiana di Beneficenza e Mutuo Soccorso, dos Ausiliari della Stampa, da Sociedade Dante Alighieri, do Fascio do Rio de Janeiro, com seus jovens escoteiros, além de membros de associações paulistas.

Abrindo a cerimônia, o arquiteto italiano radicado no Rio Antonio Jannuzzi — presidente do Comitê Pró-Casa do Italiano — proferiu um longo discurso historiando os

esforços empreendidos para a criação da *Casa degli Italiani*. Ele exaltou a boa convivência entre italianos e brasileiros na cidade, destacou o significado da proeza da aeronáutica capitaneada pelo general Balbo e concluiu puxando um grande viva à Itália e outro ao Brasil. Já o cônsul congratulou a colônia italiana, enquanto o embaixador teve suas palavras abafadas por uma salva de palmas.

Na sequência, houve a preparação da pedra fundamental, uma peça cúbica de aproximadamente 70 centímetros de altura. No topo da pedra tinha sido escavada uma cavidade cilíndrica de aproximadamente 20 centímetros de diâmetro para servir de cápsula do tempo, onde foram depositados a ata da cerimônia com a assinatura das autoridades presentes, algumas moedas e jornais do dia. Uma tampa fabricada com material da mesma pedra selou a cavidade, que foi lacrada com cimento. O cardeal do Rio de Janeiro, Dom Sebastião Leme, abençoou a pedra fundamental, que foi então descida e enterrada, enquanto uma banda tocava os hinos do Brasil e da Itália.

As associações italianas na cidade ofertaram ao general Balbo e ao embaixador Cerruti, respectivamente, a pá e o martelo de prata usados na cerimônia. E Balbo ofereceu como recordação ao cardeal Leme uma medalha de prata especialmente cunhada para o evento. Após a cerimônia, foi servido um lanche com doces, refrescos, vermouthes e chapanhe. Do outro lado do cordão de isolamento, a multidão de curiosos permaneceu assistindo. A grande maioria dos visitantes da Casa d'Itália não sabe, mas em algum lugar sob seus pés ainda dorme um pequeno cubo de pedra que guarda em seu interior o testemunho daquele dia histórico.

Uma curiosidade: quando o terreno foi comprado e a pedra fundamental lançada, a avenida se chamava Santos Dumont. O terreno aparece sempre nos jornais sem numeração definida, indicado pelas esquinas próximas, seja com Avenida Beira Mar por um lado ou com Avenida das Nações (atual Presidente Wilson) pelo outro. A partir de 1933, o nome muda para Avenida Aparício Borges nº 131. Foi uma homenagem ao Coronel Aparício Borges — sobrinho de Borges de Medeiros —, morto ao combater os antigetulistas na Revolução Constitucionalista de 1932. A numeração da avenida é posteriormente refeita, e o endereço passa a aparecer como Avenida Aparício Borges nº 40 a partir de 1942.

Em 1946, temos uma nova e última alteração. Com a morte de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, ex-presidente do estado de Minas Gerais (cargo que corresponde hoje a governador) e ex-presidente da Câmara de Deputados, a denominação muda para a atual Avenida Presidente Antônio Carlos. A numeração na rua permanece a mesma, nº 40.



Vista aérea da
Esplanada do Castelo
com marcação do
terreno da Casa
d'Italia. A Avenida
Beira Mar – à
direita na foto – é
hoje separada do
próprio mar pelo
Aterro do Flamengo
[Foto: Sacha. Fonte:
Archivio Centrale
dello Stato, Roma-
CLBV-FOT/021bis]



Levantaram voo em Orbetello, rumo ao Brasil, quatro esquadrilhas da aviação militar da Itália



Source: Author's calculations on unpublished data and census data of 1990.

Deputatul român în Parlamentul European, Ionel Dumitru, a declarat că România este în prezent în situația de a fi un mare beneficiar al programului de finanțare europeană, care va fi implementat în următoarele luni. El a spus că România este în prezent în situația de a fi un mare beneficiar al programului de finanțare europeană, care va fi implementat în următoarele luni.

[illegible]

A Crociera aerea transatlantica Italia-Brasile (Cruzeiro aéreo transatlântico Itália-Brasil) – primeira travessia do Atlântico por uma esquadilha de aviões – foi comandada pessoalmente pelo próprio Ministro da Aeronáutica italiano, o General Italo Balbo [A Noite, 17/12/1930, p. 1. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional]



O RAID TRANSATLANTICO ITALIA-BRASIL



Lançamento da Pedra Fundamental da Casa dos Italianos.



O General Balbo colocando a Pedra Fundamental.

A pedra fundamental da Casa d'Italia é também uma cápsula do tempo que contém, lacrados em seu interior, jornais do dia, moedas da época e a ata do evento com a assinatura dos participantes. O convidado de honra foi o General Balbo, naquele momento a maior celebridade italiana em terras cariocas [Revista Careta, 24/1/1931, p. 17. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional]

CONCURSO DE PROJETOS ARQUITETÔNICOS

Adquirido o terreno e lançada a pedra fundamental, foi instituído um concurso de projetos arquitetônicos para a *Casa degli Italiani*. Cabe lembrar que, na proposta de 1929 de se construir a *Casa degli Italiani* ainda no terreno da sede da Beneficenza, já estava prevista a realização de um concurso de projetos criados por arquitetos italianos.

O edital do concurso estipulava um edifício de oito andares com entrada principal na Avenida Santos Dumont, galeria, passagem para o terreno do fundo, vestíbulo, quatro armazéns e vitrines, além de compartimentos sanitários e portarias no térreo. O primeiro andar teria um grande salão para festas, cercado por uma varanda, espaço para buffet, uma sala para as autoridades, cômodos e toilettes separados para homens e mulheres, depósito e compartimentos sanitários. No segundo andar ficariam as salas do consulado italiano. O terceiro andar teria escritórios. As sedes de todas as sociedades italianas existentes na Capital Federal ficariam no quarto andar. No quinto pavimento, destinado à Sociedade Italiana de Beneficência e Mútuo Socorro, haveria espaço para administração e um ambulatório completo, mais a sala de reuniões da *Casa degli Italiani*. O sexto andar receberia as sociedades Dante Alighieri e Dopolavoro. Já no sétimo pavimento seria instalada a Escola Italiana Luigi Mercatelli. Na cobertura, o terraço poderia ser aproveitado para os alunos da Escola e Dopolavoro.

O concurso, direcionado aos arquitetos italianos residentes no Rio de Janeiro, especialmente convidados pelo embaixador da Itália, Vittorio Cerruti, teve o intuito de apresentar anteprojetos para o edifício. Na comissão julgadora estavam os arquitetos Lucio Costa, diretor da Escola de Bellas Artes, Nestor de Figueiredo, presidente do Instituto Central dos Arquitetos do Rio, e o comendador Silvio Polacco, arquiteto italiano radicado em São Paulo.

Dos sete anteprojetos apresentados, apenas quatro foram julgados aceitáveis. Convocados a participar de uma nova etapa do concurso, apenas três desses finalistas aceitaram: os arquitetos Mario Vodret, Giulio Cellini e Giacomo Jannuzzi.

Os três anteprojetos ficaram expostos para a apreciação pública de 19 a 29 de junho de 1931 em uma sala da Escola Nacional de Bellas Artes, então localizada no prédio onde hoje funciona o Museu Nacional de Belas Artes. O *Jornal do Commercio* deu, em 21 de junho de 1931, especial destaque à proposta de Giacomo Jannuzzi, considerado de excelente distribuição:

O autor apresenta três tipos de fachadas, sendo uma de estilo moderno, dominada por linhas perpendiculares, o que produz bom efeito. A segunda fachada em estilo italiano



Fachada do anteprojeto de Giulio Cellini e Riccardo Buffa apresentado na terceira etapa do concurso arquitetônico para o edifício então denominado Casa degli Italiani, cujo auditório seria voltado para o lado da Avenida Beira Mar. [Fonte: Archivio Centrale dello Stato, Roma]

clássico que faz lembrar a fachada de uma casa premiada na Rua Dante, em Milão. A terceira fachada em perspectiva em estilo clássico italiano, com alguma lembrança do estilo grego, recorda a fachada do Palácio da Justiça da cidade de Modena.

O arquiteto Ayrton Inhatá publicou carta-artigo em *O Jornal* de 30 de junho de 1931, com alguns poucos elogios e uma análise bastante severa, indicando diversos problemas que identificava em todos os anteprojetos, entre eles o descumprimento do edital do concurso, deficiências técnicas, inadequação ao fim destinado e fachadas “bem desenhadas e de efeito para os profanos, mas [que], artisticamente falando, pouco significam”. As críticas de Inhatá foram mais incisivas quanto à proposta de Giulio Cellini:

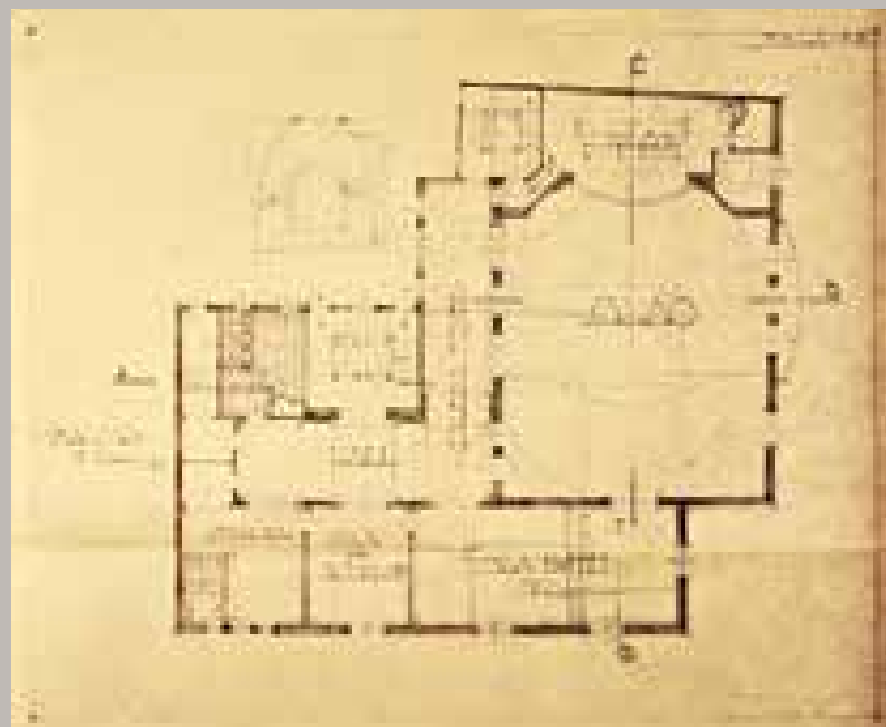
Não foi muito feliz no preparo das plantas, as quais, como desenho, deixam muito a desejar. [...] Para solucionar parte do edital do concurso, criou por cima do terraço mais um andar, coisa que não é permitida pela municipalidade e acarreta despesa. [...] Em todos os pavimentos sente-se a falta de luz. [...] Encontramos deficiência na capacidade das diversas salas destinadas às aulas e alunos da escola. [...] O autor apresenta três fachadas, aliás, bem desenhadas, mas acredito que nenhuma delas poderá contentar o espírito artístico italiano. Há muita fantasia, mas nenhum espírito artístico capaz de se impor ao observador crítico.

Essa segunda etapa do concurso também não apresentou um vencedor, e uma terceira fase foi convocada, na qual o persistente Cellini associou-se ao conceituado arquiteto Riccardo Buffa com um projeto conjunto. Ainda assim, a contenda saiu sem um projeto vitorioso.

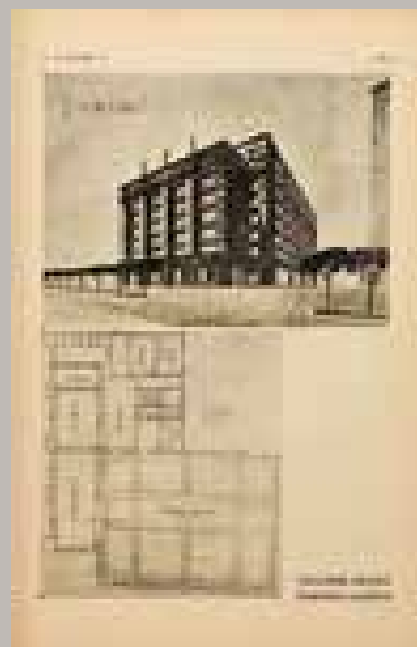
O arquiteto Natal Palladini, que fez dupla com Gino Miozzo no anteprojeto apresentado na terceira fase do concurso, publicou algumas pranchas de sua proposta na edição de novembro de 1931 da revista arquitetônica *A Casa*, acompanhadas de um texto em que reclamava da comissão julgadora, que “não encontrou nenhum dos projetos satisfatórios, não se sabendo a que atribuir esse constante insucesso, porquanto não é de se acreditar [que] seja devido à incompetência dos arquitetos domiciliados aqui no Rio.” Com o terreno comprado, a pedra fundamental lançada, três etapas do concurso arquitetônico realizadas e nenhum anteprojeto aprovado, o desenlace da questão só chegaria dois anos depois. E de navio.



Planta do andar 1 do anteprojeto de Cellini-Buffa, com o auditório ou salão [Fonte: Archivio Centrale dello Stato, Roma - CLBVFOT/021bis]



Perspectivas e plantas dos anteprojetos propostos pela dupla de arquitetos Natal Palladini e Gino Miozzo para a terceira etapa do concurso da Casa degli Italiani publicadas pela revista *A Casa* (nov/1931, p. 28-30) [Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional]



CLEMENTE BUSSIRI VICI

No dia 21 de novembro de 1933, atracava no porto do Rio o transatlântico Augustus. Entre seus passageiros estava o arquiteto italiano Clemente Busiri Vici, especialmente enviado pelo governo da Itália com a missão de projetar a *Casa degli Italiani* do Rio de Janeiro e a de Juiz de Fora. No desembarque, Busiri Vici declarou à imprensa, que ao deixar Roma, Mussolini o chamara para lhe dizer “Desejo que o nosso palácio seja uma obra digna do Rio de Janeiro”. E completava:

Agora que acabo de chegar à mais formosa cidade que já pude ver, sinto-me pequeno diante da magnificência dessa metrópole. Como engenheiro arquiteto, não sei se serei capaz de realizar um trabalho para tão rica e deslumbrante moldura. (Última Hora, 21/11/1933, p. 3)

Nascido em Roma e formado pela Scuola d’Applicazione per gli Ingegneri da Universidade de Roma, Clemente Busiri Vici (1887—1965) era um dos mais conceituados e requisitados arquitetos italianos de seu tempo. Autor de mais de 300 projetos em seus quase 80 anos de vida, incluindo diversos edifícios públicos, edifícios residenciais, lojas, palácios, vilas e igrejas, como urbanista, foi o responsável pela remodelação da área da Bocca della Verità, em Roma. Restaurou edifícios históricos como palácios e igrejas, além das catacumbas romanas na Via Nomentana. Busiri Vici também integrou conceituadas instituições artísticas e arquitetônicas italianas. Foi membro da tradicional Accademia Nazionale di San Luca, consultor de Roma no Governatorato Boncompagni Ludovisi, arquiteto da Sacra Congregazione di Propaganda Fide, consultor da Pontificia Commissione Centrale di Arte Sacra, comissário extraordinário na Accademia dei Virtuosi al Pantheon e membro de diversas comissões.

O arquiteto foi um dos expoentes do racionalismo italiano, estilo que conjugou a lógica estrutural herdada do futurismo e do modernismo corbusiano com a métrica do classicismo italiano, produzindo obras modernas que preservam a identidade nacional italiana e integram-se aos edifícios históricos vizinhos.

Em 1929, Clemente Busiri Vici foi encarregado de projetar Regie Scuole Littorie e Convitto di Alessandria d’Egitto (Real Escola Litória e Internato de Alexandria, Egitto). A obra foi inaugurada em 1933 com a presença do próprio rei da Itália, Vittorio Emanuele III. Com o êxito da empreitada, o arquiteto foi encarregado dos projetos de diversos



Os principais jornais da cidade noticiaram a chegada de Busiri Vici, o arquiteto especialmente enviado pelo governo da Itália para projetar o tão desejado edifício [O Jornal, 22/11/1933, p. 5. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional]

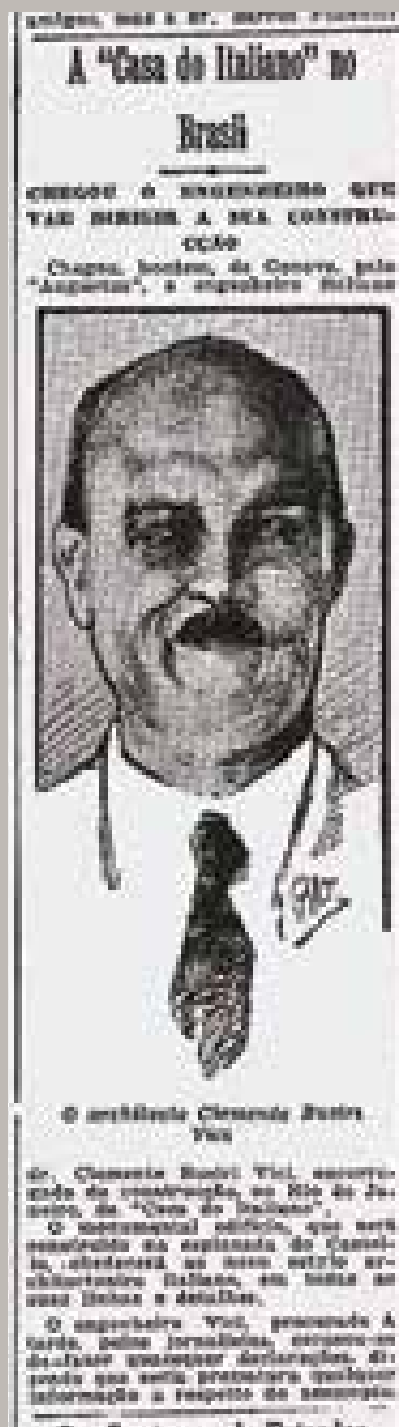
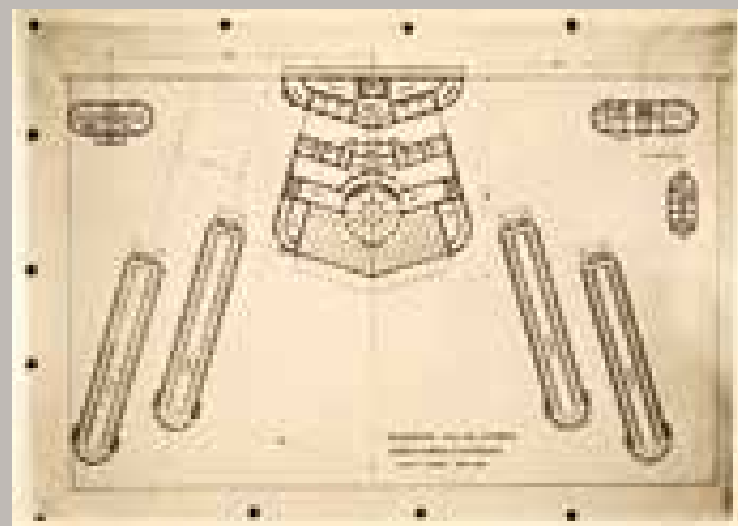




Imagem publicitária do lançamento do Augustus, luxuoso transatlântico italiano que trouxe o arquiteto Clemente Busiri Vici ao Rio de Janeiro [Imagem: Domínio Público]

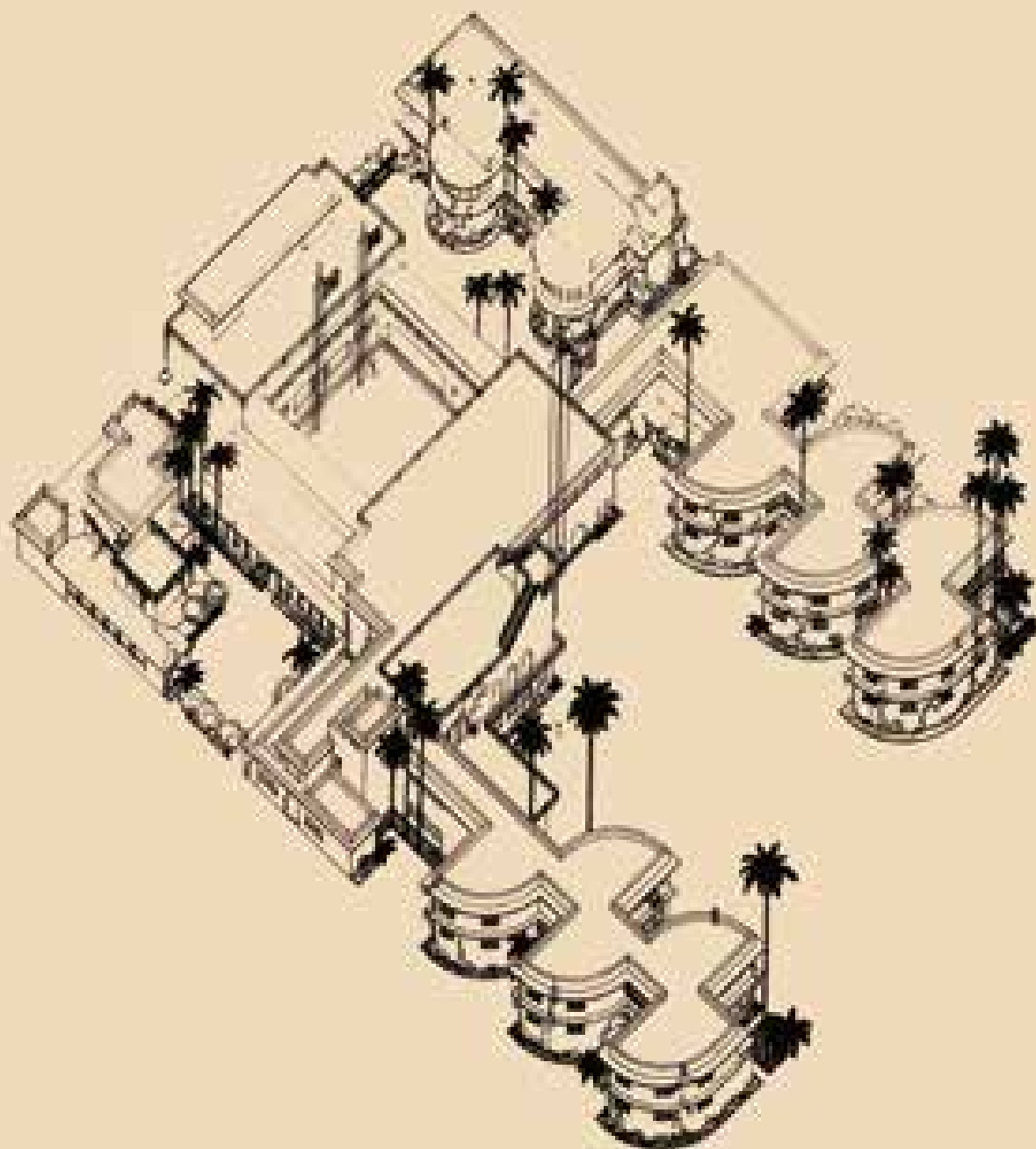


Dentre os projetos mais célebres e insólitos de Busiri Vici está a Colônia Marinha XXVIII Ottobre — na cidade costeira de Cattolica —, cujos pavilhões foram inspirados na forma de navios para funcionar como colônia de férias de filhos de italianos residentes no exterior. É considerado um dos raros exemplares da arquitetura futurista italiana. Em 2000, foi adaptado para funcionar como Acquario di Cattolica Le Navi. À esquerda, foto de um dos pavilhões, e acima, planta de situação do conjunto [Fonte: Archivio Centrale dello Stato, Roma - CLB-V-FOT/025]

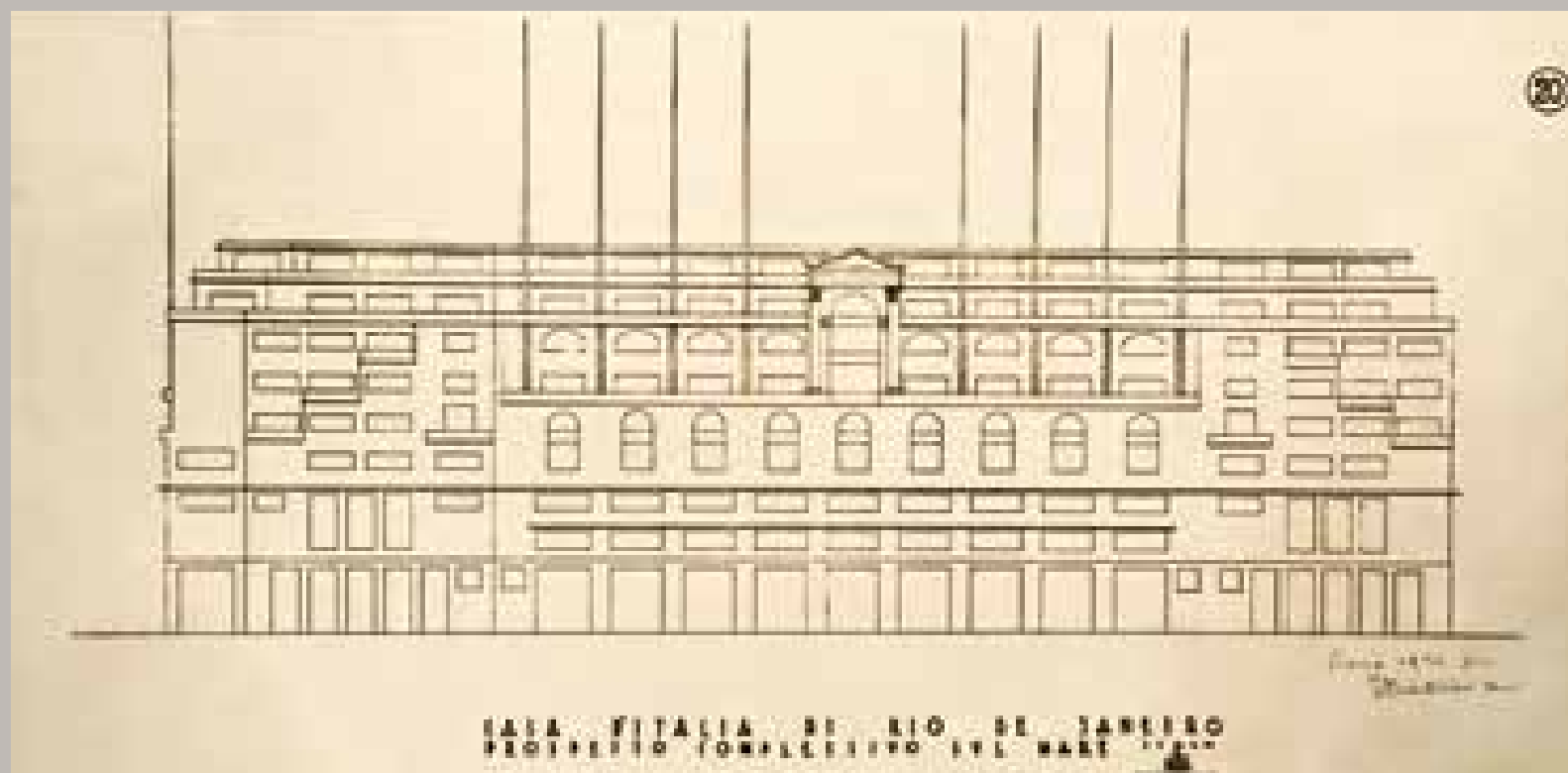


Dentre os inúmeros projetos religiosos de Busiri Vici figura a Igreja de Sant'Ippolito (1933–1934), em Roma, onde a modernidade do racionalismo arquitetônico italiano integra-se a processos e formas construtivas tradicionais [Fonte: Archivio Centrale dello Stato, Roma – CLBVFOT/027]





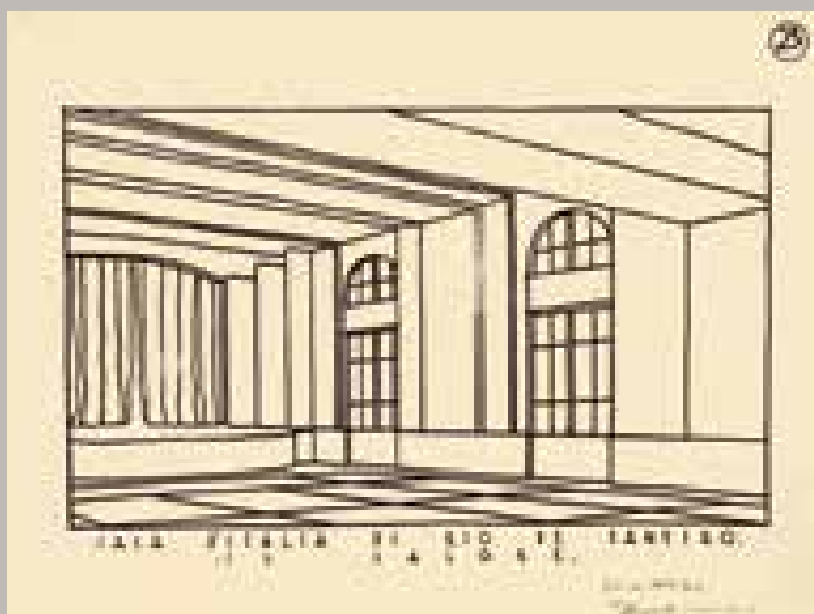
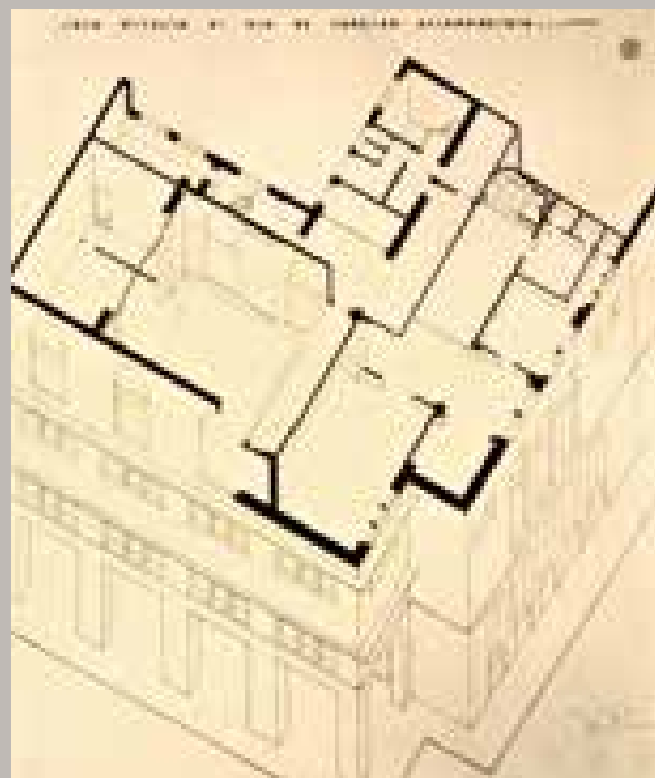
Perspectiva axonométrica de Busiri Vici para as Scuole XXVIII Ottobre (1933–1935) em Shubra, Cairo [Fonte: Archivio Centrale dello Stato, Roma – CLB-V-FOT/028]



Entre os estudos de Bussiri Vici para a Casa d'Italia do Rio encontra-se a ampla fachada mostrada acima, que necessitaria de um terreno bem maior que o disponível. A hipotética expansão permitiria outras comodidades, como a piscina coberta mostrada ao lado

[Fonte: Archivio Centrale dello Stato, Roma – CLBVFOT/021bis]





Planta, perspectiva axonométrica e vista interna de Clemente Busiri Vici para o andar do auditório. Nesse projeto, o auditório ladeia a atual Avenida Presidente Antônio Carlos. Curiosamente, o foyer apresenta ao fundo um altar e poderia, possivelmente, ser utilizado como uma capela reversível. A sala menor, no lado oposto ao palco, previa um bar para atender o público das apresentações [Fonte: Archivio Centrale dello Stato, Roma – CLBV-FOT/021bis]



Vae ser construida a «Casa da Italia»

Avulso doativo do governo fascista para a levantamento do edificio, cujo projecto ja foi approuado pela Prefeitura



Il projecto da Casa d'Italia

A Prefeitura do Município, através do seu Departamento de Obras, tem a honra de anunciar a construção da «Casa da Itália», a ser construída no terreno situado no bairro de Santa Theresa, na cidade do Rio de Janeiro, e que será construída em terrenos pertencentes ao Estado do Rio de Janeiro, e que foram cedidos ao Município do Rio de Janeiro, para a construção da Casa da Itália.

Esta obra, que será construída em terrenos pertencentes ao Estado do Rio de Janeiro, e que foram cedidos ao Município do Rio de Janeiro, para a construção da Casa da Itália, é uma obra de grande importância para a cidade do Rio de Janeiro, e que será construída em terrenos pertencentes ao Estado do Rio de Janeiro, e que foram cedidos ao Município do Rio de Janeiro, para a construção da Casa da Itália.

Homenagem da coletividade italiana do Rio ao Embaixador Roberto Cantalupo

A assinatura do contrato para a construção da «Casa da Italia»

Em uma das ruas da cidade do Rio de Janeiro, onde se encontra o edifício da Prefeitura, a população italiana do Rio de Janeiro, em homenagem ao Embaixador Roberto Cantalupo, realizou uma solenidade para a assinatura do contrato para a construção da «Casa da Italia».

A solenidade foi realizada no dia 22 de fevereiro de 1935, e contou com a presença de muitos convidados, incluindo o Embaixador Roberto Cantalupo, o Prefeito do Município do Rio de Janeiro, e outros membros da comunidade italiana do Rio de Janeiro.

A obra, que será construída em terrenos pertencentes ao Estado do Rio de Janeiro, e que foram cedidos ao Município do Rio de Janeiro, para a construção da Casa da Itália, é uma obra de grande importância para a cidade do Rio de Janeiro, e que será construída em terrenos pertencentes ao Estado do Rio de Janeiro, e que foram cedidos ao Município do Rio de Janeiro, para a construção da Casa da Itália.



Assinatura do contrato para a construção da Casa da Itália, no dia 22 de fevereiro de 1935, com a presença do Embaixador Roberto Cantalupo e outros membros da comunidade italiana do Rio de Janeiro.

A solenidade foi realizada no dia 22 de fevereiro de 1935, e contou com a presença de muitos convidados, incluindo o Embaixador Roberto Cantalupo, o Prefeito do Município do Rio de Janeiro, e outros membros da comunidade italiana do Rio de Janeiro.

A obra, que será construída em terrenos pertencentes ao Estado do Rio de Janeiro, e que foram cedidos ao Município do Rio de Janeiro, para a construção da Casa da Itália, é uma obra de grande importância para a cidade do Rio de Janeiro, e que será construída em terrenos pertencentes ao Estado do Rio de Janeiro, e que foram cedidos ao Município do Rio de Janeiro, para a construção da Casa da Itália.

A obra, que será construída em terrenos pertencentes ao Estado do Rio de Janeiro, e que foram cedidos ao Município do Rio de Janeiro, para a construção da Casa da Itália, é uma obra de grande importância para a cidade do Rio de Janeiro, e que será construída em terrenos pertencentes ao Estado do Rio de Janeiro, e que foram cedidos ao Município do Rio de Janeiro, para a construção da Casa da Itália.

O projeto de Busiri Vici aprovado pela Prefeitura do Rio em 1934 previa algumas janelas em arco, e o terraço recuado era simples e despojado [A Noite, 2/10/1934, p. 1. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional]

Em fevereiro de 1935, uma solenidade especial foi organizada para a assinatura do contrato de construção da Casa d'Italia [Jornal do Brasil, 22/2/1935, p. 8. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional]

edifícios italianos em outros países, dentre os quais a Embaixada da Itália em Londres (restauros, modificações e mobiliário) e o Salão de Honra do Palácio das Nações na Exposição Internacional de Nova York de 1939. E foi o principal arquiteto das Casas italianas no exterior. Durante a década de 1930, de sua prancheta saíram os projetos de sedes para a instituição na Argélia, Romênia, Tunísia, Suíça, México, Grécia, Canadá, Bolívia e Egito. Foi nesse período que as novas Casas construídas no exterior passaram a ser nomeadas como Casa d'Italia.

Busiri Vici criou também o projeto da Casa degli Italiani all'Esterio (Casa dos Italianos no Exterior) (1936-1937), em Roma, que seria um escritório central das diversas Casas espalhadas pelo mundo. A Casa ficaria localizada próximo à Porta San Paolo, mas o empreendimento não foi executado.

Para a Casa d'Italia do Rio foram realizados dois anteprojetos reelaborados por solicitação do demandante, além de um terceiro que foi aprovado, compreendendo o álbum com o projeto completo, 35 pranchas de apresentação e uma ilustração em tempera para exposição local. Em seus relatórios ao Ministério, Bussiri Vici ressalta a excepcional importância da empreitada, que envolveu volumosa correspondência, um ano de trabalho em estúdio e visitas ao local para reconhecimento do terreno, apresentação do projeto e verificação das obras. Seu orçamento para a realização do projeto foi de 2.500.000 libras. Segundo o relatório do arquiteto, o projeto foi executado, “mas com substanciais variações praticadas no local contrariamente às ordens da direção geral”.

GIULIO CELLINI E RICCARDO BUFFA

A construção do edifício Casa d'Italia ficou a cargo dos arquitetos Giulio Cellini e Riccardo Buffa, que haviam apresentado juntos um projeto para a terceira etapa do concurso da *Casa degli Italiani*. Cellini graduou-se engenheiro e arquiteto pelo Regio Istituto di Belle Arti di Roma. Ex-combatente da Primeira Guerra Mundial, teve participação ativa junto à colônia italiana no Rio e engajou-se em comissões organizadoras de eventos e de exposições. Também foi membro do Conselho Diretor do Instituto de Arquitetos do Brasil no período 1935-38, coincidindo com a construção do edifício Casa d'Italia. Em 1925, assinou o ambicioso projeto do Edifício do Theatro Nacional de Comedia Brasileira, não construído. Em 1930, empreendeu a reforma e modernização do Theatro Trianon, já demolido. Em 1937, ficou em terceiro lugar no concurso de anteprojetos para uma nova estação de hidroaviões onde hoje se instala o Aeroporto Santos Dumont. Sua relação



EDIFÍCIO DO THEATRO NACIONAL DE COMÉDIA BRASILEIRA



Este ambicioso arranha-céu projetado por Giulio Cellini seria construído na quadra atrás da Biblioteca Nacional e contaria com 25 andares, 18 elevadores e um amplo teatro no térreo, mas nunca saiu do papel [Revista da Semana, 26/9/1925, p. 26. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional]

O traço *art déco* de Riccardo Buffa — visto aqui nos insólitos balcões do Edifício Guahy, em Copacabana — acabou se impondo sobre o academicismo de Cellini e a arquitetura racionalista de Busiri Vici, modelando o aspecto final da Casa d'Italia [Foto: Aristides Corrêa Dutra]





com a colônia italiana se fortaleceu ao longo do tempo. Em 1969, projetou a Igreja da Paróquia de São Francisco de Paula, na Barra da Tijuca.

Radicado no Rio de Janeiro desde 1921, Riccardo Buffa formou-se pela Accademia Albertina di Belle Arti, em Turim. Representante do art déco carioca, é autor dos projetos da fachada do Santuário Basílica Matriz de São Sebastião dos Capuchinhos, da Igreja Matriz de São Geraldo, da Associação Beneficente Luso-Brasileira e do Edifício Guahy, dentre outros. O portão do prédio, em ferro forjado, uma oferta do arquiteto Buffa à Casa d'Italia, foi executado pelo artista Oreste Fabbri. Nos detalhes do portão, instalou o escudo italiano e a Loba Romana. Italiano estabelecido no Rio de Janeiro desde abril de 1931, Fabbri também executou a serralheria artística em bronze do Prédio do Ministério da Fazenda — localizado na mesma avenida da Casa d'Italia — e a cancela de ferro forjado e ferro batido da porta de entrada da Igreja de São Francisco de Paula, no Centro do Rio, dentre outros.

Durante a construção da Casa d'Italia, a dupla Cellini e Buffa empreendeu uma série de alterações não previstas sobre o projeto de Clemente Busiri Vici, previamente aprovado pela prefeitura do Rio de Janeiro. O estilo *art déco* de Riccardo Buffa acabou impondo-se sobre o academicismo de Cellini e a arquitetura racionalista de Busiri Vici, modelando o aspecto final da



Clemente Busiri Vici
retornou ao Brasil
especialmente para
inspecionar as obras
do edifício, onde
constatou as alterações
feitas à sua revelia
pelos construtores.
Na foto, o arquiteto
visita o salão do
Clube Dopolavoro
[Foto: Sacha. Fonte:
Archivio Centrale dello
Stato, Roma – CLBV-
FOT/021bis]





Artigo do jornal *Correio Paulistano*, publicado em ocasião da festa da cumeeira da Casa d'Italia, exalta as relações de amizade entre o Brasil e a terra “dos descendentes de Remo e Rômulo”. Na perspectiva, assinada por Riccardo Buffa e Giulio Cellini Arquitetos, as janelas são todas retangulares, e o imponente terraço de linhas *art déco* é bastante diferente do apresentado no projeto de Busiri Vici aprovado na prefeitura [*Correio Paulistano*, 21/4/1936, p. 14. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional]



Casa d'Italia em construção [Foto: Sacha. Fonte: Archivio Centrale dello Stato, Roma – CLBV-FOT/021bis]



Casa d'Italia. Na nova concepção, os arcos da fachada foram eliminados, resultando unicamente em janelas retangulares; e o terraço ganhou um imponente coroamento *art déco*.

Em 1936, Clemente Busiri Vici retornou ao Brasil especialmente para inspecionar as obras do edifício, e constatou as alterações feitas à sua revelia pelos construtores Cellini e Buffa. O arquiteto ficou contrariado com as alterações, mas não renegou sua autoria no projeto. Em um memorando de 1938 enviado à Direzione Generale per gli Italiani all'Estero (Direção-geral para Italianos no Exterior) – onde Busiri Vici presta contas de seus diversos trabalhos executados para a instituição –, o tópico da Casa d'Italia do Rio de Janeiro diz: “Obra concluída, mas com alterações substanciais feitas no local, contrariando as ordens da Direzione Generale.”

FESTA DA CUMEEIRA

Na manhã de 29 de março de 1936, a Casa d'Italia tem sua festa da cumeeira, a tradicional celebração que comemora o momento quando uma construção alcança, finalmente, o teto do último andar. O dia amanheceu chuvoso, mas o mau tempo não intimidou o público. Uma guarda de honra ficou formada na entrada do prédio, ao longo das escadas e no vestíbulo do último andar. O evento lotou o grande salão do prédio, que tem capacidade para



A festa da cumeeira da Casa d'Italia atraiu um grande público ao auditório, ainda inconcluso e sem janelas. O evento é tradicionalmente promovido quando uma edificação alcança a cobertura de seu último andar [Revista Careta, 4/4/1936, p. 32. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional]

Foi inaugurada solemne- mente a Praça de Italia

Presidência e arca o interventor e o embaixador do país amigo assistem



Uma group dos senhores presentes na d'inauguração, presidida por o interventor *Delegheri*, com o embaixador italiano *Delegheri*, e o a presidente *Adolfo* de *Quinto* do *Estado*

Na sessão da *Comissão de Urbanismo*, presidida por o interventor *Delegheri*, com o embaixador italiano *Delegheri*, e o a presidente *Adolfo* de *Quinto* do *Estado*, foi inaugurada a *Piazza d'Italia*, obra do arquiteto *Adolfo* de *Quinto*, com o embaixador italiano *Delegheri*, e o a presidente *Adolfo* de *Quinto* do *Estado*.

Na sessão da *Comissão de Urbanismo*, presidida por o interventor *Delegheri*, com o embaixador italiano *Delegheri*, e o a presidente *Adolfo* de *Quinto* do *Estado*, foi inaugurada a *Piazza d'Italia*, obra do arquiteto *Adolfo* de *Quinto*, com o embaixador italiano *Delegheri*, e o a presidente *Adolfo* de *Quinto* do *Estado*.

Na sessão da *Comissão de Urbanismo*, presidida por o interventor *Delegheri*, com o embaixador italiano *Delegheri*, e o a presidente *Adolfo* de *Quinto* do *Estado*, foi inaugurada a *Piazza d'Italia*, obra do arquiteto *Adolfo* de *Quinto*, com o embaixador italiano *Delegheri*, e o a presidente *Adolfo* de *Quinto* do *Estado*.

ESTADÃO
SABRAL
Rua *Adolfo* de *Quinto*, 1234

Em 1937, ao lado do edifício recém-construído foi inaugurada a Praça Itália [O Imparcial, 12/10/1937, p. 12. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional]

O edifício Casa d'Italia finalizado foi registrado pelos fotógrafos itinerantes do estúdio florentino Fratelli Alinari, que preserva o mais antigo acervo fotográfico do mundo [Foto: Archivi Alinari, Firenze. Fonte: Fondazione Alinari per la Fotografia]



mil pessoas. Não haviam ainda sido instalados nem o acabamento nem as janelas. Num dos lados do salão, por trás de um tablado improvisado, a parede estava decorada com as bandeiras brasileira e italiana e os retratos do rei da Itália e de seu primeiro-ministro. Sobre o tablado, uma mesa com as autoridades: o embaixador da Itália, o cônsul, o núncio apostólico, os ministros do Exterior e da Viação, representantes do presidente da República e do prefeito do Distrito Federal, membros do Congresso Nacional, da Corte Suprema, diplomatas e outros.

Durante a cerimônia, o embaixador da Itália, Roberto Cantalupo, entregou ao ministro das Relações Exteriores do Brasil, José Carlos de Macedo Soares, as insígnias da Ordem dos Santos Maurício e Lázaro (em italiano: *Ordine dei Santi Maurizio e Lazzaro*), conferida pelo governo de Roma ao chanceler brasileiro. À noite, na sede da Beneficenza, na Praça da República nº 17, a diretoria do Dopolavoro ofereceu uma *soirée* dançante.

A ideia era se fazer a inauguração da Casa d'Italia no dia 28 de outubro de 1936, coincidindo com o aniversário da Marcha sobre Roma — evento determinante da ascensão do Partido Nacional Fascista da Itália ao poder —, mas o edifício não ficou pronto a tempo. Em 18 de outubro de 1936, o sexto pavimento foi liberado pela Prefeitura. A liberação dos outros andares aconteceu gradativamente. Alguns sofreram atrasos na liberação do Habite-se por modificações executadas em desacordo com o projeto original (1º de janeiro de 1937) ou pela necessidade de adequação dos elevadores (3 de março de 1937), por exemplo. Mesmo só parcialmente liberado, contudo, o edifício foi sendo ocupado, abrigando eventos. Em 9 de janeiro de 1937, os salões da Opera Nazionale Dopolavoro, no segundo andar do edifício, se abriram para um grande baile em comemoração do 82º aniversário da fundação da Società Italiana di Beneficenza e Mutuo Soccorso. Com a liberação gradual dos andares, as associações foram pouco a pouco se instalando na Casa d'Italia e dando seguimento a suas atividades.

Num ato de reciprocidade, em abril de 1937, o governo da Itália deu o nome de Piazzale Brasile (Praça Brasil) a uma praça localizada em Roma antes chamada de Piazzale d'Italia. Como retribuição ao gesto italiano, o interventor do Rio de Janeiro, Henrique Dodsworth, determinou que a terminação da Avenida Aparício Borges, vizinha à Casa d'Italia, passasse a se chamar Praça Itália.

Os jornais não registraram uma inauguração formal da Casa da Itália. O matutino *O Jornal* chegou a considerar Festa da Cumeeira, em 29 de março de 1936, como a inauguração do prédio, enquanto *O Imparcial* assumiu que a Casa passava a funcionar a partir da festa que celebrou a abertura da Praça Itália, em 12 de outubro de 1937.

PROGRAMAÇÃO CULTURAL

A inclusão da Casa d'Italia no roteiro dos eventos sociais e culturais deu-se antes mesmo da conclusão das obras. Em 1935, durante sua passagem pelo Rio, o físico, inventor e deputado italiano Guglielmo Marconi foi recepcionado em uma Casa d'Italia ainda em construção.

Ser recebido no salão da Casa d'Italia tornou-se distinção obrigatória para todo italiano ilustre que chegasse ao Rio de Janeiro. Artistas líricos italianos em temporada na cidade eram frequentemente convidados a apresentar pequenos concertos especiais no grande salão. E nem precisava ter o Rio de Janeiro como destino para ser recebido na Casa d'Italia. Estar de passagem também valia. Em junho de 1937, o navio que levava o maestro e compositor italiano Franco Alfano para a Europa, depois de uma apresentação bem-sucedida de sua ópera *Cyrano de Bergerac* em Buenos Aires, fez uma escala na cidade maravilhosa. E lá foi o maestro, levado à Casa para tomar um vermute e ser recebido pelo Embaixador Lojacono, pela Associação Brasileira Amigos da Itália e *tutti quanti* de sempre. Na época, a lista de passageiros ilustres dos transatlânticos e dos aviões de carreira era divulgada diariamente nos jornais como um evento social.

Artistas brasileiros também se apresentavam na Casa. A Sociedade Propagadora da Música Synphonica e de Câmara — Pró-Musica promoveu, em 13 de novembro de 1938, um concerto sinfônico com os regentes Arnaldo Estrella, Raphael Baptista e Villa-Lobos. Na segunda parte do programa, o compositor e maestro brasileiro Villa-Lobos regeu a estreia mundial da versão integral de sua composição *Bachianas Brasileiras nº 1*. Foi a primeira apresentação completa da obra, com seus três movimentos — *Introdução/Embolada, Prelúdio/Modinha e Fuga/Conversa* —, interpretados por uma orquestra de oito violoncelos, conforme indicado na partitura. Em duas ocasiões anteriores, em 1932 e 1936, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, apenas os atuais segundo e terceiro movimentos foram apresentados por uma formação mista de violoncelos e violas.

Em 1939, houve a apresentação de Carlo Felice Cillario, jovem e talentoso violinista italiano nascido na Argentina. Em 27 janeiro de 1940, apresentava-se o Trio Casa d'Italia, composto por Rosina Bessa no primeiro violino, Anna Zappa no segundo violino e Valeria Emanuele no violoncelo. No repertório, Scarlatti, Belini, Mortara, Boccherini, Bolzoni e Gabrielli. E em 27 de março do mesmo ano foi a vez das mezzo-sopranos Gabriella Besanzoni Lage e Julieta Fonseca apresentarem o *Stabat Mater* de Pergolesi, acompanhadas de orquestra de cordas e harmonium.

Instalado no quinto andar, o Instituto Ítalo-Brasileiro de Alta Cultura promovia o intercâmbio de professores universitários, altas personalidades e estudiosos de reconhecido valor dos dois países com o objetivo de “tornar sempre mais íntimas e intensas

as relações culturais entre a Itália e o Brasil, [facilitando] o conhecimento recíproco da atividade literária, artística e científica que se desenvolveu no passado e que se desenvolve no presente dos dois países”, (*A Noite*, 10/7/1934, 2ª ed., p. 2) como dizia o jornal *A Noite*, em julho de 1934. Além de Marconi, dentre as figuras de renome italianas trazidas ao Rio estão o futurista Filippo Tommaso Marinetti, o economista Gino Arias, o crítico literário Giulio Dolci, o físico Enrico Fermi e o poeta Giuseppe Ungaretti.

A Casa d’Italia também teve intensa programação esportiva, com ciclismo, esgrima, boxe, remo, entre outras modalidades. Várias provas atléticas de percurso, inclusive, tinham o edifício Casa d’Italia como ponto de partida e/ou de chegada. E as solenidades de entrega das premiações aos vencedores às vezes aconteciam no próprio salão da Casa. Um dos grandes destaques eram as provas de ciclismo promovidas pela Opera Nacional Dopolavoro.

Com seu amplo salão, seu belo terraço e sua fabulosa vista para a Baía de Guanabara e o Pão de Açúcar, a Casa d’Italia era um espaço privilegiadíssimo no Centro do Rio, e sediou eventos não só da colônia italiana, mas também de outras entidades cariocas, como sindicatos diversos, faculdades e escolas, hospitais, os vizinhos clubes de regatas, repartições públicas brasileiras e mesmo associações de outros países.

Dentre as festividades que tiveram lugar na Casa d’Italia, vale destacar o carnaval. Da Itália, o carnaval carioca já tinha herdado os personagens da *commedia dell’arte* e outros elementos. Em contrapartida, os festivos italianos adaptaram-se bem ao nosso carnaval tropical. Os bailes carnavalescos do Clube Dopolavoro eram animados e concorridos.

Em 29 de junho de 1938, dia do aniversário de Mussolini, foi inaugurado no grande salão da Casa d’Italia um medalhão de bronze com a efígie em baixo relevo do Duce doado pela escultora paulista radicada no Rio de Janeiro Nicolina Vaz de Assis. Ainda em 1938, o artista brasileiro filho de imigrantes italianos Candido Portinari doou ao Colégio Leonardo da Vinci uma cópia do autorretrato de Leonardo. No dia 14 de maio do mesmo ano, teve lugar uma cerimônia de inauguração do quadro, para a qual o presidente do Ginásio, Ferruccio Agosti, convidou especialmente o artista.

Convém lembrar aqui que, mesmo que valores culturais sejam autênticos, e seu compartilhamento desejável, seu uso não está livre de ter embutidas implicações ideológicas ou políticas, empregadas como ferramenta de cooptação no que hoje ficou conhecido como *soft power*. Os anos 1930 foram um palco bastante dinâmico nesse sentido, com atores dos mais diversos matizes ideológicos como Estados Unidos, Alemanha, França, Inglaterra e Itália, entre outros, buscando influenciar diversos países através da cultura.



Vista do interior do auditório da Casa d'Italia, que sediou apresentações de artistas italianos e brasileiros [Foto: Archivi Alinari, Firenze. Fonte: Fondazione Alinari per la Fotografia]



O restaurante do Clube Dopolavoro serviu tanto prosaicos almoços cotidianos como grandes banquetes especiais em homenagem a italianos ilustres [Foto: Archivi Alinari, Firenze. Fonte: Fondazione Alinari per la Fotografia]



O prédio também presenciou histórias inusitadas. A edição de 28 de janeiro de 1937 do jornal *O Imparcial* conta que os professores dos vários cursos que funcionam na Casa d'Italia, intrigados com alunos que fugiam das aulas para se aglomerar próximo ao prédio em frente — o Edifício Santa Branca —, do outro lado da avenida, descobriram que os pupilos acompanhavam a movimentação em um determinado apartamento, onde uma “senhora de idade madura” (segundo o jornal) circulava nua de um lado a outro, cuidando das unhas e da pele.

Um dos mestres pediu à vizinha que evitasse repetir a cena escandalosa. Com a recusa da senhora em atendê-lo, o zeloso professor chamou a Polícia. Investigar o fato foi simples, mas resolvê-lo, não. É que a desinibida tinha imunidade parlamentar. Para qualquer procedimento policial mais enérgico, seria necessário ter autorização da Câmara de Deputados. Tratava-se da deputada federal Bertha Lutz, cientista, professora, feminista e líder incontestável na luta pelos direitos políticos das mulheres brasileiras. Sem dúvida, uma mulher decidida. Finalmente, com muita habilidade e serenidade, os policiais conseguiram convencê-la a interromper a mostra de naturismo, e os professores puderam retomar suas aulas.

UMA GUERRA NO MEIO DO CAMINHO

A invasão da Polônia pela Alemanha deflagrou a Segunda Guerra Mundial em 1º de setembro de 1939. O Japão e a Itália são aliados da Alemanha na chamada Aliança do Eixo enquanto a Inglaterra, a União Soviética e, posteriormente, os Estados Unidos comandam o bloco dos Países Aliados, que combatem o Eixo. Inicialmente o Brasil declara-se neutro no conflito.

Em janeiro de 1942, os países do continente americano rompem relações diplomáticas com as nações que compõem o Eixo. No fim daquele mês, Filinto Müller, chefe de Polícia do Distrito Federal, baixa uma portaria orientando os procedimentos a serem tomados em relação às associações de imigrantes identificados como “súditos do Eixo”, incluindo a interdição e encerramento de sociedades recreativas ou culturais que deveriam ser fechadas e interditadas. (*Jornal do Brasil*, 30/1/1942, p. 9) Foram interditadas a Opera Nazionale Dopolavoro, a Società Italiana di Beneficenza e Mutuo Soccorso, a Società Dante Alighieri, a Società Fuscaldese di Mutuo Soccorso Humberto Primo e a Casa d'Italia. Já as associações ou entidades de assistência médica e hospitalar permaneceriam em funcionamento, desde que fossem nacionalizadas, mantendo na direção pelo menos dois terços de brasileiros natos.

Em 18 de março de 1942, obedecendo às determinações do decreto-lei do governo federal, a Casa d'Itália foi entregue ao Ministério da Justiça por intermédio da missão diplomática da Suíça. O Ministro da Justiça, por sua vez, nomeou como interventor junto à Casa d'Italia o diretor da Seção de Segurança Nacional do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, Augusto Cesar Lobo, responsável por receber e estudar as denúncias referentes à segurança nacional. Em 24 de março, o presidente Getúlio Vargas determina que a Faculdade Nacional de Filosofia também vá para o edifício.

Em abril de 1942, as placas de localidades que homenageavam países do Eixo foram retiradas ou substituídas na Bahia, Pará, Rio grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Juiz de Fora, Petrópolis e até mesmo na cidade do Rio. A da Praça Itália ainda sobreviveu por alguns meses, mas já surgiam nos jornais sugestões de mudança do nome, como Praça da Liberdade ou outros.

Entre fevereiro e agosto de 1942, dezenove navios brasileiros foram torpedeados por submarinos do Eixo (quase todos alemães) matando centenas de pessoas. A histórica simpatia entre brasileiros e italianos foi imediatamente suplantada pela comoção social e por demonstrações públicas de indignação e de engajamento. Em 19 de agosto de 1942, após mais um ataque alemão aos navios brasileiros, o povo tomou as ruas em passeatas e manifestações. Bancos e estabelecimentos comerciais



Com o rompimento de relações diplomáticas entre o Brasil e os países do Eixo em decorrência da Segunda Guerra Mundial, a Polícia do Distrito Federal fecha e interdita várias associações de imigrantes. Posteriormente, alguns imóveis foram confiscados, entre os quais a Casa d'Italia do Rio [*Diário Carioca*, 30/1/1942, p. 5. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional]

de imigrantes de países do Eixo fecharam as portas por precaução. Diante da multidão que ocorreu ao Palácio da Guanabara, Getúlio Vargas declarou que “os navios pertencentes aos países agressores seriam incorporados ao patrimônio brasileiro para pagamento dos prejuízos causados; os bens dos súditos do Eixo, adquiridos no Brasil [...] seriam, também, responsáveis”, como noticiou a *Gazeta de Notícias*. Naquele mesmo dia, manifestantes arrancaram uma grande placa de bronze do edifício Casa d’Italia, assim como a da Praça Itália, e sugeriram que a praça passasse a se chamar Praça Baependi, nome de um dos navios brasileiros afundados.

Em 22 de agosto de 1942, o Brasil declara guerra aos países do Eixo, mas ainda demorará a enviar tropas ao conflito na Europa. Invadida pelos Aliados, em 3 de setembro de 1943, a Itália é vencida e se rende, declarando guerra à Alemanha em 13 de outubro, passando a combater ao lado dos Aliados. Em setembro de 1944, os primeiros soldados brasileiros chegam à Itália para ajudar a libertar o país do invasor alemão, obtendo sua maior vitória na Batalha de Monte Castelo, em fevereiro de 1945.

Um decreto da prefeitura carioca mudou oficialmente o nome da Praça Itália para Praça Monte Castelo, em 7 de março de 1945. Hoje, a praça tem novamente seu nome original, e a denominação Praça Monte Castelo é atualmente atribuída ao antigo Largo do Rosário, ao lado da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, entre a Rua Uruguaiana e a Rua dos Andradas.

Em abril de 1945, a Alemanha é vencida pelos exércitos dos Países Aliados, e em setembro o conflito também acaba no Pacífico com a rendição incondicional do Japão. Termina a Segunda Guerra Mundial.

FACULDADE NACIONAL DE FILOSOFIA

A Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi) foi criada em 1939, a partir da dissolução da Universidade Distrito Federal (UDF), instituída apenas quatro anos antes. Originalmente instalada nas dependências da então Escola José de Alencar (hoje Colégio Estadual Amaro Cavalcanti), no Largo do Machado, que não tinha espaço adequado para comportar a faculdade, a FNFfi mudou sua sede para a Casa d’Italia, passando a ocupar parte do edifício — compartilhado ainda com o Ministério da Justiça.

A Faculdade se instalou em quatro andares, com apenas um deles reservado para salas de aulas. Os demais receberam a administração da FNFfi, a biblioteca e laboratórios de Química, Física e História Natural. Em 1947, a FNFfi tinha 600 alunos matriculados em onze cursos, alguns ministrados fora do edifício, em salas da escola do Largo

Telegramas enviados ao chefe do Governo

"Rio — Interados pelo exmo. sr. ministro da resolução de v. excel. de confiar à Faculdade Nacional de Filosofia o edifício da Casa da Itália cumprimos o dever de agradecer essa benemérita medida que vem tornar possível a realização da tarefa educacional deste Instituto até aqui prejudicado em sua plena eficiência pela falta de localização adequada. Saudações — Tiago Dantas, diretor, Alceu Amoroso Lima, Antonio Carneiro Leão, Annibal Renault de Figueiredo, Alvaro Fernando Souza. Seguem-se mais 40 assinaturas".

Em 1942, o Governo Federal instala em alguns andares do Edifício Casa d'Itália a Faculdade Nacional de Filosofia – FNFfi, que até então funcionava de modo precário em um endereço do Largo do Machado [O Jornal, 24/3/1942, p. 4. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional]



A Faculdade Nacional de Filosofia funcionou na Casa d'Italia por 25 anos com cursos em várias áreas. Ao ser incorporada à UFRJ em 1967, seus cursos foram dispersos e deram origem a diversos institutos e faculdades da Universidade. Na imagem, matéria especial de seis páginas da *Revista da Semana* (16/11/1946, p. 22-27) sobre a FNFfi [Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional]

do Machado e na Biblioteca Nacional. A limitação de espaço era tal que havia aulas nas escadas da antiga Casa d'Italia. O Ministério da Justiça gradativamente mudava suas dependências para outros locais. No entanto, nem sempre os espaços vagos eram destinados à FNFfi. Dois andares foram entregues a varas criminais, o que levou a um protesto de alunos, que mantiveram uma mobilização permanente no prédio por vinte dias até o então presidente Eurico Gaspar Dutra atender a demanda da Faculdade, colocando à disposição da FNFfi os dois andares liberados pela Justiça.

O ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, apresentara, em março de 1945, um projeto de adaptação do edifício para melhor adequá-lo às necessidades da FNF e permitir também a instalação da Reitoria da Universidade do Brasil. No entanto, para executar o projeto seria necessário realocar o Juízo de Menores, ainda funcionando no edifício. A transferência efetiva só ocorreu em 1949, quando o Juízo de Menores foi transferido para a vizinha Avenida Franklin Roosevelt. Em 1953, a adaptação do edifício finalmente foi feita, alterando sua distribuição interna e descaracterizando o belo coroa-mento escalonado original do alto da fachada, transformando-o em um grande cubo.

A BATALHA PELA DEVOLUÇÃO

Com o rompimento das relações entre o Brasil e a Itália durante a Segunda Guerra, os contatos diplomáticos davam-se por intermédio da Suíça. Ainda durante a guerra, em 1944, a Itália fez ao governo brasileiro um pedido para a suspensão das medidas restritivas contra os bens italianos. Com a reabertura dos consulados em 1945, essas demandas foram diversas vezes retomadas.

Em 1947, é feita uma nova investida em relação à devolução dos bens — que incluía a Casa d'Italia —, mas as memórias da guerra ainda eram intensas, e a questão não prosperou. Em 1949, a assinatura da Declaração de Amizade e Cooperação entre o Brasil e a Itália abre o caminho para o resgate dos históricos vínculos de amizade entre os dois países. Todavia, a questão dos bens ainda evoluiria com lentidão.

Na impossibilidade de ter o prédio de volta, em 1948, os antigos dirigentes da Casa d'Italia foram à sede da Faculdade fazer a identificação dos móveis, pertencentes às associações italianas anteriormente ali instaladas, a fim de solicitar sua devolução. O fato gerou revolta nos estudantes, e o Diretório Acadêmico dos alunos da Faculdade manifestou-se contrário à ideia em uma carta aberta publicada nos jornais no dia 21 de novembro. Diziam não se referir de modo geral ao imigrante italiano, mas exclusivamente aos antigos dirigentes da Casa de Itália e suas reivindicações. Entre ofensas e declarações de indignação, os alunos solicitam aos poderes públicos “uma atenção especial para o fato de [que] atender a tal pedido vir atentar fortemente contra os interesses de uma classe universitária”, como publicou o *Diário de Notícias*.

Uma vez mais, o intercâmbio cultural veio desempenhar um importante papel na reproximação dos dois países. Em 1949, foi criado o Centro Cultural Brasil-Itália no Rio de Janeiro. A embaixada do Brasil em Roma incentivou a edição de livros brasileiros na Itália.



Com o resgate das relações diplomáticas entre os dois países após o fim da Segunda Guerra Mundial, Brasil e Itália foram gradativamente reconstruindo seus vínculos comerciais e culturais, inclusive com novos incentivos à imigração [O Cruzeiro, 4/10/1952, p. 96-97. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional]

A Universidade de Roma instituiu, em 1954, uma cadeira permanente de literatura brasileira. E para a IV Bienal de Arte de São Paulo, em 1957, a Itália trouxe 35 caixas de obras.

Em novembro de 1951, o Itamaraty emitiu uma longa nota expondo a posição brasileira em relação à restituição das Casas da Itália. As de São Paulo seriam devolvidas pela Secretaria de Segurança Pública à última diretoria ou ao representante italiano, se fossem propriedade do governo. Mas isso não se aplicava à do Rio de Janeiro, que seria definida por convenção especial. (Cervo, 1992, p. 192) Enquanto isso, a Faculdade

Nacional de Filosofia seguia ocupando indefinidamente o edifício Casa d'Italia do Rio de Janeiro, que o governo brasileiro não comprava, não alugava e não restituía.

A posição do Ministério da Educação e Saúde sobre a o edifício Casa d'Italia era de que, enquanto a FNFi não tivesse uma sede própria, não seria removida do prédio. Em 1952, o ministro Simões Filho solicita à Comissão de Obras da Cidade Universitária — então em construção na Ilha do Fundão — que se tomem providências para a elaboração do projeto de uma futura sede para a Faculdade. (*Diario Carioca*, 9/11/1952) Em 1955, o embaixador da Itália, Giovanni Fornari, desejava empreender uma solução final para as Casas da Itália e outras questões pendentes. Ele chegou a firmar uma convenção de venda da Casa do Rio, mas o pagamento não chegou a ser efetuado.

A Sociedade Casa d'Italia, que administrava originalmente o edifício, teve suas atividades suspensas em 1942 em virtude da guerra e foi declarada dissolvida pelo Decreto-Lei nº 9.727, de 3 de setembro de 1946, com a incorporação de seus bens ao patrimônio nacional. Com as articulações pela devolução da Casa em andamento, surge uma movimentação pela reorganização da Sociedade.

Em 1º de junho de 1954, alguns sócios originais da Sociedade promoveram uma assembleia para sua reorganização, elegendo uma diretoria. Dois anos depois, um segundo grupo de sócios também se reuniu em assembleia com o mesmo fim. O desacordo entre as duas diretorias foi objeto de disputa judicial. Como o primeiro grupo incluía algumas pessoas que não tinham se associado antes de 1945 e o segundo grupo contava inclusive com um membro que tinha feito parte da última diretoria a administrar a Casa, o juiz reconheceu como legítimo esse último grupo. A Sociedade Casa d'Italia continuou por alguns anos se reunindo e promovendo alguns eventos em diferentes endereços da cidade.

No campo das relações diplomáticas, as relações entre a Itália e o Brasil têm um sensível incremento sob os governos do presidente italiano Giovanni Gronchi (1955-1962) e do brasileiro Juscelino Kubitschek (1956-1961), que contaram, inclusive, com visitas de cada um dos governantes ao outro país.

Como o Convênio Ítalo-brasileiro de 1949 reconhecia a legitimidade da demanda pela devolução da Casa d'Italia, ainda que esse reconhecimento esbarrasse na determinação de não desalojar a FNFi, tentou-se, por anos, estabelecer como compensação o aluguel do prédio baseado no valor de espaços equivalentes na mesma região. Essa questão foi finalmente resolvida pela Lei nº 3.151, promulgada em 24 de maio de 1957 pelo presidente Kubitschek, que autorizou o Poder Executivo a abrir, pelo Ministério

da Educação e Cultura, o crédito especial de Cr\$ 10.700.000,00 para pagamento desses aluguéis. Também em 1957 foi feita a devolução da Casa d'Italia de Juiz de Fora.

O Decreto 60.455-A, de 13 de março de 1967, efetivou a reestruturação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, incorporando e desmembrando a antiga Faculdade Nacional de Filosofia. Com o fim da FNFi e a remoção de seus cursos para outros campi da UFRJ, estava, enfim, eliminado o último obstáculo que impedia a devolução do edifício Casa d'Italia.

A assinatura do termo de devolução da Casa à Embaixada da Itália foi marcada para o dia 2 de janeiro de 1970. No momento de efetivar o documento, contudo, os representantes da parte italiana discordaram dos termos utilizados em duas passagens do texto. Nelas, os representantes da UFRJ diziam que “o governo italiano declara haver recebido, sem restrições, o prédio da Casa da Itália”, “não tendo nenhuma reclamação a fazer”.

O problema é que o governo italiano tinha, sim, restrições ao estado em que o edifício estava sendo devolvido. Na avaliação do arquiteto Giulio Cellini, um dos encarregados da construção, o prédio fora submetido a várias reformas, inclusive, com salas grandes subdivididas em salas menores. Depois de duas horas de negociações, suprimiu-se o trecho referente a não ter nenhuma reclamação a fazer. Já a declaração de “haver recebido, sem restrições, o prédio” foi mantida. E o documento assinado ficou nesses termos:

Pelo presente, a Universidade Federal do Rio de Janeiro, por seu procurador-geral faz a entrega, e a Embaixada da Itália, por seu representante, neste ato, ao qual comparece também, o presidente da Associação Civil Casa d'Italia, declara haver recebido, sem restrições, o prédio da Casa d'Italia, à Avenida Presidente Antônio Carlos, 40, nesta, que, pela referida Instituição de Ensino Superior vinha sendo ocupada nos termos dos convênios firmados com a autorização de seu Conselho de Curadores e a concordância do governo italiano. E, para clareza, firmam este termo: o procurador geral da UFRJ, sr. Adalmir Pinheiros de Barros, conselheiro Sérgio Valacci, presidente da Casa d'Italia, sr. Giovanni Gianazzi, tendo como testemunhas o cônsul e advogado italiano, respectivamente, srs. Sergio Emina e Andre Tripolli. (Correio da Manhã, 3/1/1970, p. 3)

Após a assinatura, houve a devolução simbólica das chaves. A intenção da Embaixada da Itália naquele momento era demolir o prédio para construir uma nova Casa d'Italia, mais moderna e ampla, o que acabou não se concretizando. O edifício poderia, agora, finalmente cumprir sua vocação original sonhada lá nos anos 1900: o de sediar instituições que fossem uma ponte nas relações sociais e culturais entre a Itália e o Brasil.



O PLANO AGACHE E AS GALERIAS CARIOCAS

A Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil, realizada em 1922 no Rio de Janeiro, aconteceu em uma nova área da cidade surgida com a demolição do Morro do Castelo e o aterro de uma faixa de mar próxima a ele. Após o fim da exposição e a conclusão da demolição do morro, a região, conhecida como Esplanada do Castelo, representava uma oportunidade ímpar para o urbanismo: aproximadamente 1 quilômetro quadrado de área plana, livre e desimpedida, localizada no coração da cidade.

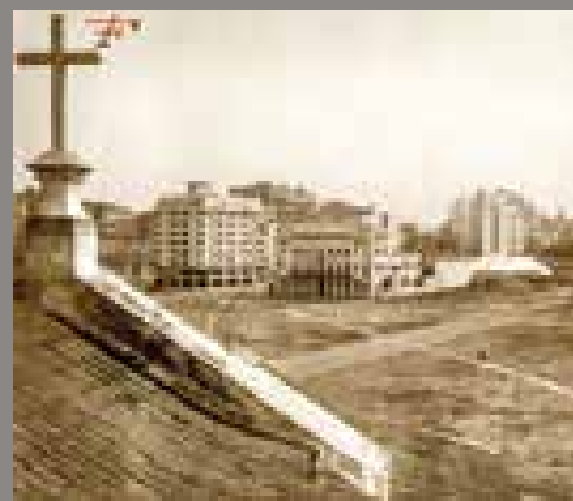
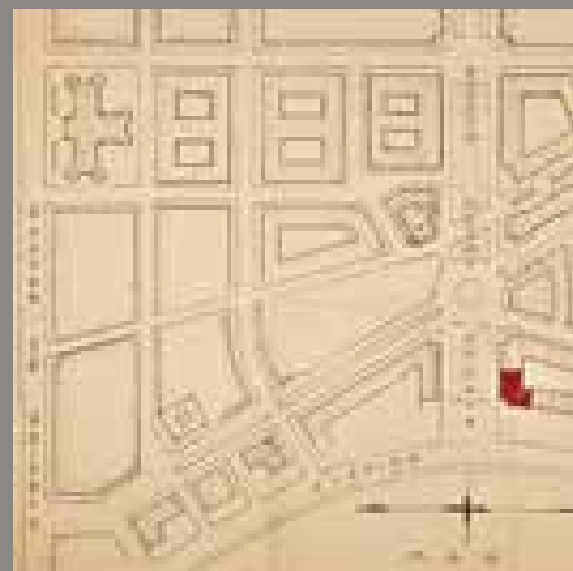
Em 1927, o então prefeito da cidade, Antônio Prado Júnior, encomendou ao urbanista francês Alfred Agache um plano de remodelação urbana para a área. O estudo, conhecido como Plano Agache, foi apresentado em 1928, mas mudanças no cenário político do país e da cidade fizeram com que ele fosse abandonado. Uma das poucas propostas aplicadas foi a concentração, na área, de edifícios da administração pública, como o Ministério da Educação e Saúde, o Ministério do Trabalho e o Ministério da Fazenda. Alguns consulados e embaixadas também escolheram a região para instalar suas sedes.

Outra proposta aproveitada foi a de se dotar as avenidas mais importantes do novo bairro de uma ampla galeria para pedestres incrustada na fachada dos prédios. Essa galeria nada mais é que a milenar loggia, velha conhecida da arquitetura clássica italiana. Nas ruas e praças frequentemente sem árvores do ensolarado Mediterrâneo, a loggia proporciona uma área de sombra e proteção franqueada ao público, integrando a rua com o comércio local. Na arquitetura moderna italiana, a loggia foi reinterpretada e pode ser encontrada, por exemplo, tanto no bairro EUR – complexo urbano planejado nos anos 1930 – quanto nos prédios modernos que ladeiam o histórico Mausoléu de Augusto, ambos em Roma.

Primeiro edifício construído na Esplanada do Castelo após o Plano Agache, o Edifício Itaúna (1931) não apresenta ainda a galeria. Mas ela já consta como um dos itens obrigatórios do programa do concurso para o projeto do então chamado Edifício Casa degli Italiani, proposto no mesmo ano. Hoje, a galeria de pedestres espalha-se por ruas e avenidas muito além dos limites da Esplanada do Castelo, tornando-se uma característica tão marcante do urbanismo do Centro do Rio que dava até para rebatizá-la de galeria carioca.



Projeção de grupo de



À esquerda, concepção artística da Praça do Castelo mostrando as galerias propostas no Plano Agache. Na foto acima, o Edifício Itaúna (1930–1931) – à direita do cruzeiro –, primeiro prédio construído na Esplanada do Castelo após o Plano, mas que ainda não apresenta as galerias. No mapa ao alto, de 1931, já aparece a indicação das galerias na futura Casa d'Italia [Ilustração: Agache, 1930, p. 176 plus — Foto e mapa: Archivio Centrale dello Stato, Roma – CLBV-FOT/021bis]

2

De volta à casa
(1972-2010)

Eliane Bardanachvili

Jornalista



Passado e presente povoam os nove andares do edifício Casa d'Italia, ao longo das quase quatro décadas transcorridas desde a devolução do imóvel ao Estado italiano.

Se parte do projeto original do Edifício ficou para trás, muito se manteve, ainda, para contar sua história. De volta às mãos originais, um novo capítulo dela passou a ser escrito. As icônicas varandas da parte inferior da fachada, o piso de mármore trazido da Itália para a construção do prédio, assim como as altas colunas do quarto andar e o imponente portão em ferro forjado do térreo venceram o tempo e ali se mantêm como valiosos indícios de que o passado permanece presente.

Essa história se expressa não só no espaço físico. Está também nas iniciativas ali desenvolvidas, sempre inspiradas na proposta original de resgatar o característico espírito agregador da colônia italiana no Rio de Janeiro.

A ocupação do prédio, após sua devolução, foi se dando aos poucos. No início de 1972, em março, instalou-se no segundo andar o Comitê Assistencial Italiano (*Comitato Assistenziale Italiano*). No fim do mesmo ano, em outubro, a Sociedade Italiana de Beneficência e Mútuo Socorro — Hospital Italiano (*Società Italiana de Mutuo Soccorso*) chegou ao oitavo andar do Edifício, depois de se despedir com um baile de sua sede tradicional, na Praça da República nº 17.

Em 1974, a Casa d'Italia recebeu o Istituto Italiano di Cultura (IIC), que deixara a sede no bairro de Laranjeiras para ocupar o quarto e quinto andares do prédio, nos quais até hoje difunde a língua e a cultura italianas.

Em 8 de setembro de 1975, finalmente, o Consulado Italiano do Rio de Janeiro, sai do casarão na Praia do Flamengo, para inaugurar suas instalações no Edifício. Por esses primeiros *habitantes* da Casa d'Italia após seu retorno aos italianos, é possível perceber que aqueles andares abrigariam muito mais do que o senso comum espera de um prédio no qual se localiza o consulado de um país. O edifício Casa d'Italia confunde-se por vezes com o Consulado Italiano, mas, para além da extensa lista de serviços consulares disponíveis (passaportes, vistos de entrada, assistência a italianos no exterior, cidadania italiana, registro civil, aposentadoria, procurações...), foram e são muitas as atividades abertas — tanto à comunidade italiana quanto ao público em geral — que vieram mantendo viva essa construção.

Durante esse período, a Casa d'Italia foi endereço de eventos dos mais variados perfis. Para lá convergiram apresentações culturais de teatro, música, artes e literatura, festividades do calendário italiano, assembleias e manifestações de associações



A elegância clássica ocupa o hall do Consulado-Geral da Itália com movelaria e objetos que reiteram sua estirpe [Foto: Marco Antonio Rezende]

italianas no Rio de Janeiro, recepções oficiais do consulado e... torcidas calorosas nas disputas da Copa do Mundo. Sem falar nas celebrações privadas, como festas de casamento e confraternizações de empresas ou reuniões daqueles que não perderam a oportunidade de se encontrar nas agradáveis e acolhedoras instalações do imóvel. Registros desses eventos ocuparam as colunas sociais de jornais cariocas.

Foi principalmente no amplo salão do segundo andar, tido como o espaço da comunidade italiana, que se celebrou, durante muitos anos, o 2 de junho, Dia Nacional da Itália, aniversário da proclamação da República italiana, em que o cônsul recebia os *connazionali* (compatriotas), conforme se constatava em anúncios de convocação — algumas vezes em italiano — publicados nos jornais cariocas, em 1979, 1983, 1986, 1990, 1996, 2002, 2007...

Além de recepção promovida pelo cônsul, a celebração do 2 de Junho costuma envolver extensa programação, por vários dias, dentro e fora da Casa d'Italia, tendo a cultura italiana como protagonista. Nos 50 anos da República, em 1996, a programação foi marcada pelo lançamento do livro *Giacomo Leopardi, poesia e prosa*, do escritor Marco Lucchesi, sobre a obra de Leopardi (1798-1937), considerado um dos expoentes da poesia italiana, uma das atividades dos festejos que ocuparam espaços em treze pontos da cidade.

Já a celebração de 2002 contou com palestra do arqueólogo italiano Lanfranco Cordischi a respeito da coleção de antiguidades clássicas italianas da imperatriz Teresa Cristina, natural da cidade italiana de Nápoles e aficionada por arqueologia; um recital do pianista italiano Christian Leotta, além de uma aula-espetáculo sobre Arlechino e o uso da máscara na *commedia dell'arte*, entre outras atrações.

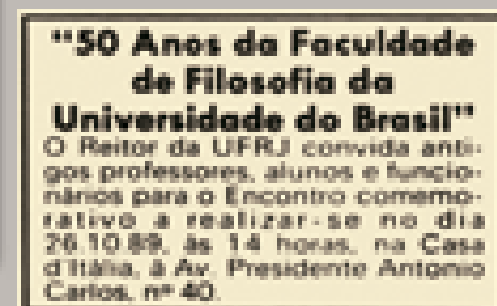
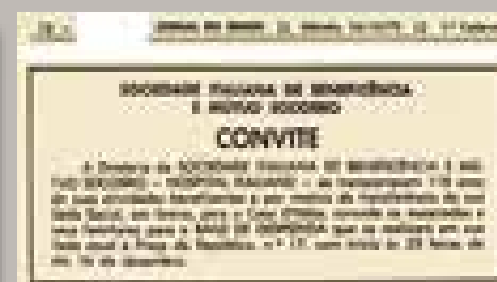
No início da reocupação do prédio, uma primeira vocação para suas instalações se anunciava — seu espaço como reduto das associações italianas. Em 12 de março de 1975, anúncio publicado no jornal *Diário de Notícias* convocava os associados do Comitê Assistencial Italiano do Rio de Janeiro para sua assembleia geral, que aconteceria uma semana depois, no segundo andar da Casa d'Italia.

Pelos salões do Edifício passaram convidados da empresa aérea Alitalia, seja para uma noite de queijos e vinhos em comemoração aos voos especiais para Paris e Florença, em 1977, ou para um coquetel de apresentação do novo superintendente para o Brasil, em 1975, reunindo dirigentes de companhias de aviação, jornalistas e parlamentares. Lá também foi recepcionado o diretor-geral da Italia — Società di Navigazione, em visita ao Rio de Janeiro, com coquetel oferecido pela empresa Italmar, representante da sociedade no país, como noticiou o *Correio da Manhã*, em 1972. Cônsules gerais da França, Grécia, Dinamarca e Honduras compareceram à festa oferecida pelo cônsul italiano Tommaso Troise ao comandante e oficiais do navio-escola San Giorgio, que aportara no Rio de Janeiro, em agosto de 1975.

Em 1995, a Casa d'Italia recebeu o presidente italiano Oscar Luigi Scalfaro em sua visita ao Brasil. Um momento muito especial, pois havia trinta anos que o país não recepcionava um chefe de Estado italiano. Em 2005, foi recebido no edifício o ministro Mirko Tremaglia, conhecido como o Ministro dos Italianos no Mundo, pela lei que possibilitou o voto dos seus conterrâneos no exterior. Esses eventos, entre muitos outros, ganharam a cobertura da revista *Comunità Italiana*, fundada em 1994, parceira do Consulado nas relações da Itália com o Brasil.



Instituto Italiano di Cultura, um dos primeiros ocupantes do edifício após sua devolução [Foto: Acervo do Instituto Italiano di Cultura Rio de Janeiro]. Emblema sobre a porta de entrada do Consulado [Foto: Marco Antonio Rezende]. Capa da revista *Comunità Italiana*, parceira do Consulado, noticia a visita do presidente italiano Oscar Luigi Scalfaro à Casa d'Italia do Rio de Janeiro, em julho de 1995. Convite do baile de despedida do antigo sobrado, na Praça da República, que um dia já foi apelidado de *casa degli italiani* [Jornal do Brasil, 16/12/1972, p. 12. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional]. Chamada para professores, alunos e funcionários da antiga Faculdade Nacional de Filosofia voltarem à Casa d'Italia na comemoração dos 50 anos de fundação da FNF [Jornal do Brasil, 25/10/1989. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional]



Também instalada na Casa d'Italia, no sexto andar, esteve a Câmara Ítalo-Brasileira de Comércio e Indústria do Rio de Janeiro, que ali cumpriria, ao longo da década de 1990 até mudar-se para outro prédio, também no Centro da cidade, a missão de contribuir para o intercâmbio econômico e comercial entre o Brasil e a Itália, com apoio e consultoria para que empresas italianas e brasileiras fizessem investimentos e parcerias.

Esses são apenas alguns dos muitos exemplos que ajudam a dar uma ideia da diversidade e da movimentação que caracterizaram a *vida* do Edifício ao longo do tempo, bem como da sua estreita relação com a comunidade italiana e com a cidade onde foi erguido.

O espírito agregador pautou até mesmo a boa relação da Casa d'Italia com o período em que esteve distante das mãos italianas: os 50 anos da Faculdade Nacional de Filosofia (que ocupou o imóvel até sua devolução) foram lá comemorados, em 26 de outubro de 1989, com anúncio no *Jornal do Brasil* convidando antigos professores, funcionários e alunos, que retornariam ao espaço em que, respectivamente, trabalharam e se formaram.

A COMUNIDADE ITALIANA E SUAS REPRESENTAÇÕES

A Casa d'Italia, como ponto de convergência da comunidade italiana e seus descendentes, abrigou, ao longo das décadas, importantes associações. Além das primeiras a ali ocuparem seus espaços — o Comitê Assistencial Italiano e a Sociedade Italiana de Beneficência e Mútuo Socorro —, entidades como o Comitê de Italianos no Exterior (*Comitati degli italiani residenti all'estero* — Comites), a Sociedade Dante Alighieri, o Círculo Italiano do Rio de Janeiro e a Associação Cultural Ítalo-Brasileira (Acib), foram algumas a deixar suas marcas em diferentes andares do Edifício.

O Comites instalou-se no terceiro piso, em 1988, atuando na defesa dos interesses da comunidade ítalo-brasileira, em especial, quanto a questões consulares e dando prosseguimento a iniciativas voltadas para atender diferentes demandas de seus associados. O Comites promovia reuniões semanais abertas ao público para orientar o processo de obtenção de cidadania italiana e a concessão de benefícios para os associados, como descontos em passagens aéreas e cursos, visando à valorização da comunidade italiana no exterior. As assembleias do comitê chegaram a lotar a Sala Itália, auditório de 250 lugares, localizado no quarto andar. Com integrantes eleitos pela própria comunidade e abrangendo as jurisdições do Rio de Janeiro e Espírito Santo, o comitê é um dos sete



Fanfani volta hoje à Itália

O ex-Primeiro-Ministro e atual Presidente do Senado da Itália, Amintore Fanfani, chegou ontem ao Rio em companhia de mulher Maria Pia, onde se hospedará para alguns dias. Ele veio acompanhado por seu filho, o Ciro Fanfani, e seu neto, o Amintore Fanfani, em sua passagem pelo Rio de Janeiro [Jornal do Brasil, 19/3/1979, p. 5. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional]

Representante de um país na posse do Presidente João Baptista de Oliveira Figueiredo, o Senador Amintore Fanfani, esteve também em São Paulo, onde esteve o Governador Paulo Maluf. No Rio, passou na tarde de ontem em alguns pontos turísticos.

Puxador personalizado da porta que um dia conduziu ao escritório da Alitalia [Foto: Marco Antonio Rezende]. Em 1979, no ano seguinte à sua ida para a Casa d'Italia, o Círculo Italiano realizou um coquetel para recepcionar o ex-Primeiro-Ministro e então Presidente do Senado da Itália, Amintore Fanfani, em sua passagem pelo Rio de Janeiro [Jornal do Brasil, 19/3/1979, p. 5. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional]

instalados no Brasil — ao lado dos de São Paulo, Distrito Federal, Belo Horizonte, Recife, Curitiba e Rio Grande do Sul. A partir de 2010, passou a ocupar um novo espaço, no segundo andar, onde permaneceu até 2021, mudando-se, ainda, para o oitavo e daí saindo da Casa d'Italia para um escritório em Vitória (ES).

Também em 1988, foi fundada a Acib, que permaneceu, até o início dos anos 2010, em um amplo espaço no terceiro andar. Da sua sede no Edifício, a Acib comandava um importante projeto de oferta de curso de italiano com aulas ministradas, em sua maioria, nas escolas da rede pública de ensino do Rio de Janeiro, em parceria com a prefeitura carioca. O projeto tinha apoio diplomático e financeiro do governo italiano, e a Associação chegou a reunir mais de 2.500 alunos. O corpo docente especializado recebia cursos de atualização ministrados por professores de universidades italianas.

Na década de 1990, o Edifício abrigou a Sociedade Cultural Dante Alighieri, uma iniciativa independente, que levava o nome do grande escritor e poeta da língua italiana — sem vínculo, no entanto, com a Società Dante Alighieri, cuja sede oficial ficava em Roma. A associação, que funcionou no terceiro andar, ampliou, no período, o leque de opções de cursos de italiano oferecidos aos residentes na cidade.

O Círculo Italiano do Rio de Janeiro instalou-se no Edifício em 1978. De certa

forma, foi um retorno ao lar. Décadas antes, o Círculo liderara o movimento pela construção da *Casa degli Italiani*, que viria a abrigar o Dopolavoro — ponto de encontro dos trabalhadores da comunidade italiana após o expediente de trabalho. Ocupando amplas instalações no segundo andar, promoveu jantares temáticos, festivais de pizza, apresentações teatrais, óperas e exposições, entre outras atividades para as quais convergiam os italianos e seus descendentes. Em seu auge, de 1985 a 1990, o Círculo Italiano chegou a reunir cerca de 2 mil associados. Em meados da década de 1990, a entidade deixou o Edifício, instalando-se em um prédio próximo, tendo a última eleição para a presidência acontecido no início dos anos 2010.

No Edifício estiveram instalados, ainda, o Comitato Assistenziale Italiano, no segundo andar, e o Centro Calabrese San Francesco di Paola, no sexto.

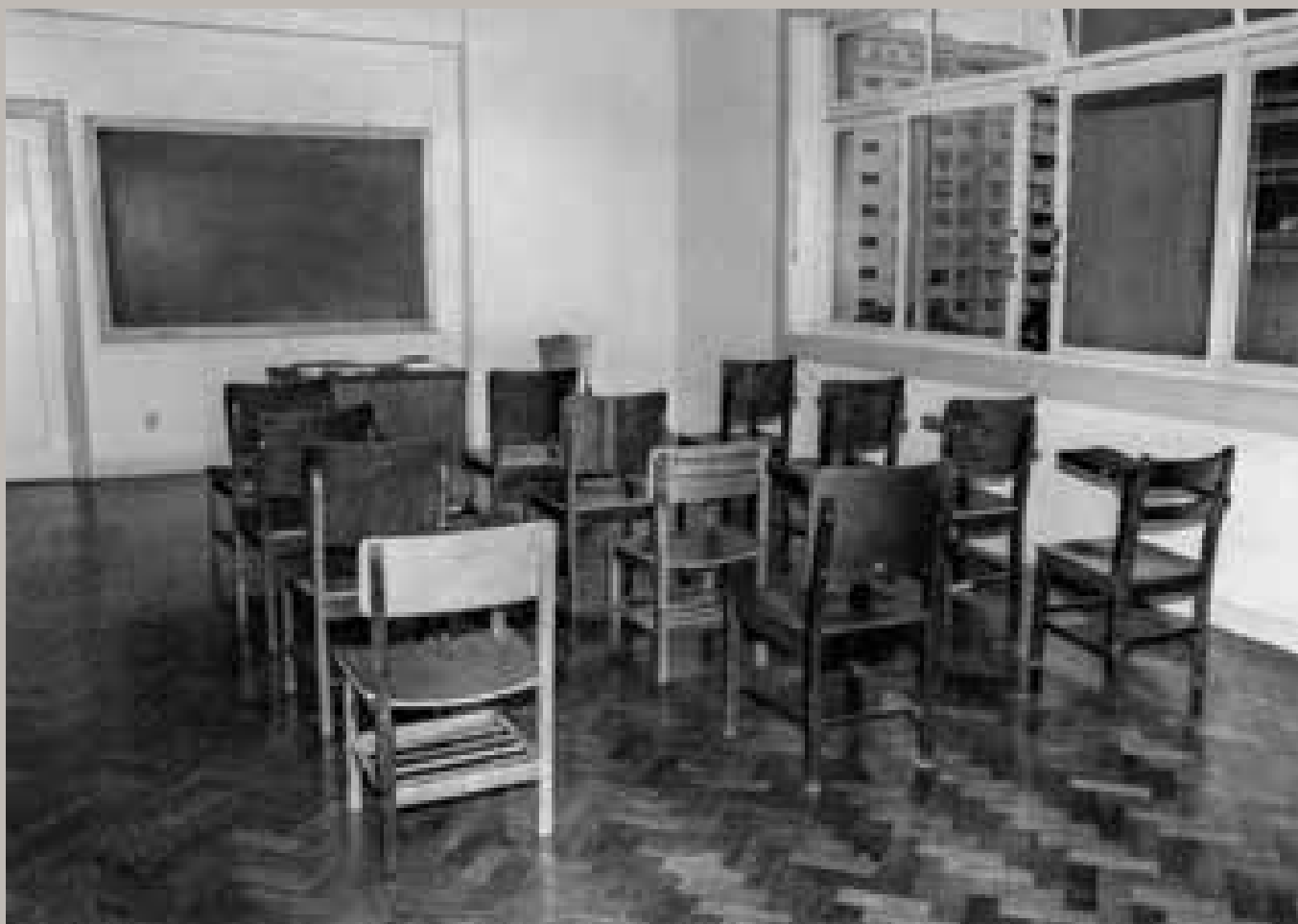
A Casa d'Italia foi também por vários anos ponto de encontro da comunidade de jornalheiros — atividade muito associada ao imigrante italiano — do Rio de Janeiro. Houve uma diversidade de eventos voltados para esse grupo, noticiados e anunciados ao longo das décadas, como o jantar de confraternização, “com mais de 350 convidados”, do Sindicato dos Jornalheiros e da Associação Recreativa e Esportiva dos Jornalheiros (Arej), em maio de 1982, em homenagem à Mãe dos Jornalheiros daquele ano, Elvira Amêndola Turano, à então diretora-presidente do *Jornal do Brasil*, condessa Pereira-Carneiro, e a Ruth Marinho, mulher do presidente de *O Globo*, Roberto Marinho, com a presença do cônsul Luca Biolato. Dois anos antes, em 1980, a comunidade dos jornalheiros já havia sido destacada na Casa d'Italia, com a concessão do título de Cidadão do Rio de Janeiro, ao então presidente da Arej, o jornalista italiano Salvatore Perrotta.

BANCOS ESCOLARES PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Para além dos eventos sociais, muitas outras iniciativas deram vida à Casa d'Italia na Educação, na Cultura e nos Esportes. O Edifício foi frequentado durante muitos anos por crianças e adolescentes, alunos da Scuola Italiana Guglielmo Marconi, criada em 1982. Até 1994 a Scuola atendeu, em especial, os filhos de diplomatas a serviço do governo italiano e de dirigentes de empresas italianas atuantes no Rio de Janeiro. Havia uma presença significativa dessas companhias na cidade, então. As marcas de automóveis Fiat e Alfa Romeo, a siderúrgica Italsider, a fabricante de bombas e equipamentos Bertolini, além da linha aérea Alitalia, eram algumas delas. O estatuto previa que a escola seria um empreendimento sem fins lucrativos, tendo como sócios os



Desde sua fundação, o edifício Casa d'Italia disponibiliza salas dedicadas a cursos e aulas de diversas formações [Foto: Acervo do Istituto Italiano di Cultura Rio de Janeiro]



pais dos alunos, ficando um deles à frente da gestão, enquanto o filho estivesse matriculado. O governo italiano, por meio do consulado, enviava recursos e alguns dos professores que comporiam o corpo docente, ao lado de profissionais cariocas convocados na cidade.

Oferecendo os níveis elementar, intermediário e liceu científico (equivalente ao atual Ensino Médio), a Scuola, que funcionava no terceiro andar do Edifício, orientava-se pelo calendário escolar europeu, uma vez que recebia alunos itinerantes — ficavam no

Brasil por curto período, a depender da rotina de seus pais — que retornariam à Itália. Era comum haver turmas de três ou quatro alunos, e, por vezes, até, com um aluno só! Criada por iniciativa do Consulado, que também oferecia o espaço para seu funcionamento, a escola sustentava-se, além de ter o citado apoio financeiro oferecido pelo governo italiano, com a mensalidade paga pelos alunos.

A pulsante rotina de uma escola perpassava os corredores da Casa d'Italia. As apresentações de fim de ano dos alunos ocupavam o salão do segundo andar, assim como feiras de comidas típicas e outras atividades que também tinham como objetivo angariar fundos para a instituição. Na laje do nono andar, onde hoje se localiza o Terraço panorâmico, os alunos faziam as aulas de Educação Física.

Os planos iniciais eram que a Guglielmo Marconi se perpetuasse e crescesse, tornando-se uma instituição de ensino ítalo-brasileira no Rio de Janeiro. De fato, chegou a ser regularizada segundo a legislação do Brasil e a adotar o calendário escolar do país. Em 1989, anúncio publicado no *Jornal do Brasil* (16/07/89) informava: *Escola Italiana. Inscrições abertas para 1º e 2º graus. Início das aulas em 21/08/89. E seguia-se o convite: Abra as portas da Europa para seu filho.*

Alguns fatores concorreram, no entanto, para que esses planos não se concretizassem. Um deles foi o movimento das empresas italianas instaladas no Rio de Janeiro em direção a São Paulo. Houve também divergências quanto a escola tornar-se ítalo-brasileira, por parte de alguns pais, que consideravam ser aquele um espaço circunscrito ao universo italiano. Cursos livres de italiano passaram a ter mais oferta na cidade, despertando o interesse dos professores que para eles se deslocaram. E a Guglielmo Marconi acabou encerrando suas atividades.

LÍNGUA E CULTURA

A Casa d'Italia veio consolidando seu perfil de polo irradiador da língua e da cultura italianas no Rio de Janeiro, pelas iniciativas promocionais próprias do Istituto Italiano di Cultura (IIC). As portas do Istituto abriram-se para que os cariocas apaixonados pelo *Bel Paese* — como a Itália é poeticamente tratada — ingressassem em cursos e ainda pudessem contar com um variado calendário de atrações culturais.

Entre 1.000 e 2.000 alunos cada ano frequentaram cursos de língua italiana e cursos temáticos voltados a arte, moda, culinária, cinema, teatro, design e fotografia, em



Hall do Instituto Italiano di Cultura caracterizado com uma ambientação de linguagem visual contemporânea [Foto: Marco Antonio Rezende].

Com a ida do Instituto Italiano di Cultura para a Casa d'Italia, o Auditório, hoje denominado Teatro Itália, volta a ser palco da cultura italiana no Rio [Foto: Jorge Carlos Alves dos Santos]

formatos diversos, como seminários e *workshops*, além de aulas formais, movimentando ainda mais o Edifício, com a circulação de pessoas de variados perfis.

O Teatro Sala Itália, no quarto andar, com seu amplo palco e seus 250 lugares, veio se configurando como o local principal dos eventos artísticos e culturais. Sessões de cinema, palestras, apresentações musicais e teatrais, lançamentos de livros são algumas das modalidades de atrações. Foi na Sala Itália, em agosto de 1991, a apresentação do violonista Gianni Palazzo em concerto de músicas napolitanas do *Novecento* (como os italianos se referem ao século 20), conforme reportou o jornal *O Fluminense*. No ano seguinte, em 1992, foi agendada para a Sala uma ópera por mês, como *Madame Butterfly* e *Cavalleria rusticana*, segundo noticiou o *Jornal do Brasil*. A Sala Itália foi palco também da Compagnia Della Luna, grupo teatral que veio pela primeira vez ao Brasil, em maio de 1990, para apresentar a peça *L'Adalgisa, Inês & C.*, de Carlo Emilio Gadda, na versão original em italiano, noticiou o *Jornal do Commercio*.

A data histórica de 25 de abril, aniversário da Libertação da Itália do nazifascismo, também integra a agenda de eventos do Edifício. Em 2008, em comemoração ao 63º aniversário, o Istituto Italiano di Cultura recebeu as atividades organizadas pela Associação Anita e Giuseppe Garibaldi, incluindo exibição do filme *A cobra fumou*, de Vinicius Reis, sobre a atuação da Força Expedicionária Brasileira na Itália.

O espaço recebeu, ainda, atrações como o *show* da cantora italiana Paola Contavelli, *Canções entre duas guerras*, em abril de 1997, conforme registro no *Jornal do Brasil*; o lançamento, em agosto de 2001, do livro *Maria Baderna, bailarina de dois mundos*, do ex-deputado e escritor italiano Silverio Corvisieri, contando a história da primeira bailarina do Scala de Milão, que se refugiou no Brasil em 1850; e o recital, em junho de 2002, do pianista italiano Christian Leotta, interpretando sonatas de Beethoven.

Outro destaque na programação cultural foi a palestra do grande nome dos quadri-nhos Milo Manara, convidado de honra da Rio Comicom 2010, que viera ao Brasil para inaugurar o evento ao lado do diretor-geral do Napoli Comicom.

Brasileiros ilustres do meio artístico também transitaram pela Casa d'Italia, como as atrizes Fernanda Montenegro, Marília Pera (1943-2015) e o cantor e compositor Gilberto Gil, destacado pelo Consulado com o título de Personalidade Brasileira.

Esse ambiente diverso e acolhedor firmou-se como uma *marca* do Edifício, que seguiu se renovando nos anos seguintes.



PAIXÃO 'BINACIONAL'

Em estreita sintonia com a paixão brasileira, o futebol — ao lado de outros esportes — teve lugar garantido na rotina do edifício Casa d'Italia. A começar pelos diferentes cônsules que atuaram no Rio de Janeiro, os primeiros a atrair e animar as torcidas durante as Copas do Mundo, não só para times italianos, como para os brasileiros, com telões instalados em alguns andares do prédio. A animação volta e meia merecia um registro jornalístico. Na Copa de 1982, na cobertura da vitória da Itália sobre a Alemanha, o jornal *O Globo* (12/07/82) mostrou o cônsul Luca Biolato tocando buzina indiana e usando chapéu típico dos habitantes do norte da Itália, conforme descrito na legenda. Após a vitória, houve comemoração no segundo andar, com vinho e comidas típicas, em meio aos brados de “Tritália! Tritália!, Tritália!”, em referência ao tricampeonato conquistado pela *Azzurra*.

Na Copa do Mundo de 1990, disputada na Itália, em que havia a expectativa de a seleção do país sagrar-se tetracampeã, a Casa d'Italia recebeu antena parabólica e telões para que fosse possível acompanhar o campeonato do início ao fim. O Edifício foi, inclusive, um dos locais indicados nos jornais para se assistir aos jogos. A Alemanha ganhou a Copa e a Itália acabou ficando em terceiro lugar. Mesmo assim, a autêntica comida italiana não faltou para os torcedores.

Nem mesmo na Copa de 1994, com a final entre Itália e Brasil, sendo vencedora a seleção brasileira, em seu tetracampeonato, a animação e o espírito de confraternização deixaram a Casa d'Italia, mais uma vez ponto de encontro de torcedores. O tetra para a seleção italiana viria na Copa do Mundo de 2006, quando o time disputou a final com a França. Mais de 500 pessoas reuniram-se na Casa d'Itália na final, para coquetel em frente ao telão. Os brados de *Veni. Vidi. Vici.* (Vim. Vi. Venci.), da frase em latim supostamente proferida pelo imperador



Em 1982, as comemorações do tricampeonato da *Squadra Azzurra* na Copa do Mundo começaram diante do telão instalado no auditório do quarto andar da Casa d'Italia, continuaram depois no salão do segundo andar para só terminar bem mais tarde em um restaurante de São Conrado [*O Globo*, 12/7/1982. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional]



O tetracampeonato veio em 2006, novamente com o telão instalado no quarto andar, mas desta vez a torcida na Casa d'Italia saiu em uma animada carreta com 500 torcedores pela Zona Sul [O Globo, 10/7/2006. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional]

romano Júlio César, em 47 a.C. embalaram a celebração dos torcedores campeões, como relatou *O Globo*, em 10 de julho daquele ano.

Na Copa de 2022, o Consulado montou um mega telão na Praça Itália para transmitir os jogos, acolhendo centenas de torcedores da Seleção Brasileira e de times europeus, especialmente, dos consulados vizinhos, França e Alemanha.

A paixão pelo esporte expressou-se — e ainda se expressa — na Casa d'Italia por outros caminhos também. O delegado do Comitê Olímpico Nacional Italiano no Brasil (*Comitato Olimpico Nazionale Italiano* — Coni Brasile), órgão oficial do governo italiano instalado há mais de três décadas, desde 1989, no terceiro andar do prédio, fortaleceu no país a vocação de promover a língua e a cultura italiana pela prática esportiva, com incremento do esporte amador.

Entre os importantes eventos promovidos pelo Coni estavam os Jogos da Juventude. Realizados anualmente, os Jogos eram disputados por associações esportivas italianas e brasileiras para estimular a prática do esporte, promover a integração dos jovens ítalo-brasileiros e favorecer o intercâmbio entre Brasil e Itália. O sucesso dessa atuação está registrado nas dezenas de troféus que enfeitam uma das salas do Coni — a Sala Mario Trampetti, que homenageia o diplomata da Embaixada da Itália no Brasil, grande incentivador dessas iniciativas —, obtidos em diversas modalidades esportivas.

3

Reviver a casa
(2012-2026)

Eliane Bardanachvili
Flavio Cenciarelli*



 edifício Casa d'Italia veio passando, desde 2012, por um plano de recuperação e valorização, levado à frente pelo Consulado Geral da Itália, a fim de tornar mais confortáveis, seguras e funcionais suas instalações, bem como para distribuir de forma equânime os espaços ocupados pelos diferentes componentes do Sistema Itália — que compreende serviços consulares, atividades culturais, formação, associacionismo, esporte, assistência à comunidade italiana e empresas.

O projeto de requalificação do Edifício é um exemplo de sucesso da *diplomacia da arquitetura*, proposta que tem na valorização do patrimônio imobiliário uma forma sólida e atraente de projetar a identidade de uma nação no exterior. A Casa d'Italia veio se estruturando para divulgar a excelência do *Bel Paese* e reforçar os laços com a comunidade local, em sintonia com sua missão de ser o centro agregador do ecossistema italiano no Rio de Janeiro. O Edifício está agora pronto para cumpri-la, em toda sua potencialidade!

Para chegar até aqui, um bem pensado processo de reformas compreendeu duas fases.

FASE 1 (2012-2016)

Nessa primeira fase, a fachada do Edifício foi reestruturada, duas colunas de drenagem de água foram instaladas, as entradas completamente renovadas e equipadas com sistemas de segurança, as janelas ganharam novas esquadrias, painéis que captam energia solar no terraço passaram a garantir 20% do consumo de eletricidade do prédio.

O mezanino também foi reformado, com a criação de uma sala de manutenção, quarto de hóspedes e vestiário.

Salas do terceiro e oitavo pisos foram recuperadas para se destinarem a escritórios de empresas italianas e outras entidades. No oitavo andar, ainda, o amplo espaço com vista para a Baía de Guanabara passou por reformas, sendo ocupado pela emissora italiana Rai (Radiotelevisione Italiana), que fez de lá suas transmissões, durante a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016. No sexto andar, a área de atendimento ao público nos serviços consulares ganhou novo piso e guichês, bem como assentos confortáveis.

* Coordenador administrativo do Consulado Geral da Itália e responsável pelo projeto de requalificação da Casa d'Italia.

O Istituto Italiano di Cultura, que ocupa o quarto e o quinto andares desde sua chegada ao prédio, teve as salas de aula e os escritórios reformados e ampliados, assim como o espaço de atendimento ao público, e mobiliário renovado, recebendo também uma sala de reuniões. Para isso, foi preciso deslocar temporariamente a ampla e valiosa biblioteca parcialmente para o oitavo andar.

No quarto andar, ainda, também o Teatro Sala Itália, vinculado ao Istituto Italiano di Cultura, recebeu melhorias, com a reforma do palco, que ganhou novas cortinas, e restauração das altas colunas facetadas, tendo foco na preservação, buscando-se manter as características originais.

As reformas do Istituto incluíram a criação de uma área de cozinha, inaugurada em 2016, para oferta de cursos de Gastronomia. Uma antiga e pequena copa e banheiros de serviço foram retirados, a fim de dar lugar ao novo espaço, que vem atraindo interessados em associar o aprendizado da língua italiana à culinária.

A partir de 2014, os eventos institucionais, culturais e sociais com endereço na Casa d'Italia passaram a ser adornados por uma moldura especial, ao se realizarem no novo Terraço Panorâmico. Erguido no alto do prédio e oferecendo aos convidados uma vista privilegiada do Rio, o espaço se debruça sobre o Aterro do Flamengo e a Enseada da Glória, tendo o Pão de Açúcar como cenário de fundo. Respeitando as normas de acessibilidade, com foco em sustentabilidade e utilizando painéis solares para consumo de energia, o Terraço, com salão interno e varanda, passou a sediar as festividades do Consulado, sendo a primeira delas a Festa da República Italiana daquele ano. Reafirmando sua interação com a cidade, o Terraço também pode ser alugado para eventos institucionais e corporativos.

FASE 2 (2021-2026)

Após um grande projeto de reestruturação, o segundo andar o Edifício passou a abrigar o imponente Instituto Europeu de *Design* (IED), que lá chegou em 2021. Esse espaço já havia hospedado as sedes de entidades associacionistas da comunidade italiana, um restaurante e um amplo salão para eventos chamado de Sala Roma. Destinar parte de suas instalações ao aluguel privado — algo previsto no projeto inicial do Edifício — não significou para o prédio distanciar-se de suas origens, havendo uma *aura italiana* nos empreendimentos que por ali passam e passaram — desde a chegada da companhia aérea Alitalia, em 1979, com sua conhecida loja no andar térreo e escritórios no sexto



O projeto de requalificação da Casa d'Italia visa proporcionar mais conforto, segurança, funcionalidade e beleza ao edifício. Aqui, painéis solares sobre o terraço, a fachada renovada e o Polo Cultural ItaliaNoRio, que também funciona como recepção e sala de espera da Casa. Nas páginas seguintes, segue a renovação com o Espaço Corporativo, o IED, a Galeria, o Quiosque da Praça Itália, a Escola Enogastronômica Italiana (Cucina) e a Scuola di Pizza







andar, que se mantiveram abertos até 1995, ou a Banca Commerciale Italiana, instalada no prédio na década de 1980, sendo absorvida pelo Banco Sudameris, em 1993.

Agora, em sua recente ocupação, também o IED, rede internacional de escolas de moda, *design*, comunicação visual e administração, fundado na Itália, em 1966, traz para o prédio um pouco do país de origem, ou melhor, um pouco da elegância do *fatto in Italia* (ou *made in Italy*, como é mais comum), seja nas instalações que modificaram o segundo andar, seja nas disciplinas ali ministradas.

Em 2022, o elevador dos fundos foi modernizado, permitindo acesso direto ao Terraço Panorâmico, sendo renovados também os sistemas de segurança e monitoramento.

As mudanças pelas quais veio passando a Casa d'Italia chegaram, em 2024, ao térreo, onde é agora possível reforçar ainda mais sua vocação agregadora. A área, que vinha sendo ocupada desde a década de 1970 por instituições bancárias, foi liberada após a saída do último banco, no início de 2022. Ali foi instalado o Polo Cultural ItaliaNoRio, inaugurado em 21 de fevereiro 2024, no 150º aniversário da Imigração Italiana no Brasil, pelo cônsul geral Massimiliano Iacchini, com a presença de uma delegação do Ministério das Relações Exteriores e da Cooperação Internacional, guiada pelo vice-ministro da pasta, Edmondo Cirielli, pelo secretário-geral embaixador Riccardo Guariglia, e pelo embaixador da Itália no Brasil, Alessandro Cortese.

Na cerimônia inaugural, que contou com cerca de 200 convidados (entre representantes de instituições italianas e brasileiras e da comunidade ítalo-brasileira, CEOs e diretores das principais empresas italianas, jornalistas e personalidades do meio cultural local), foi ressaltada a importância da valorização das conexões entre Itália e Brasil e do papel dos imigrantes italianos na formação social, cultural e econômica do Rio de Janeiro. O nome *ItaliaNoRio* que batizou o centro cultural, assim como o logotipo especialmente desenhado pelo IED, representam esses laços.

A preocupação com essas conexões expressa-se também na criação, como suporte dos setores consulares, no terceiro piso, de um espaço para abrigar os arquivos dos concidadãos (*connazionali*), ao lado de uma sala de digitação de documentos.

A segunda fase de reformas abrangeu um importante vizinho do Edifício: a Praça Itália. Após um intenso processo de revitalização, foi inaugurada em 11 de outubro de 2025 a nova Praça Itália, reformada com base em um projeto arquitetônico assinado pelo renomado escritório de arquitetura italiano Archea Associati. O desenho da nova praça é inspirado no brasão da família Bourbon de Nápoles, da qual a imperatriz Teresa Cristina

(1822-1889), esposa de D. Pedro II, era originária; os materiais empregados, os jardins – irrigados por um sistema de reuso das águas pluviais –, bem como o mobiliário urbano, replicam a estética das praças italianas, com destaque para o quiosque gastronômico permanente. A iniciativa, do Consulado Geral da Itália, em parceria com a Prefeitura do Rio de Janeiro, insere-se no projeto de requalificação urbana do Centro Histórico da Cidade Maravilhosa *Reviver o Centro* e traz um pedaço da Itália ao coração do Rio.

Em 2026, as obras de recuperação e valorização do Edifício chegam a sua fase final com a conclusão de mais três projetos:

- a Escola de Gastronomia Italiana, instalada no térreo e integrada funcionalmente ao Polo Cultural ItaliaNoRio e à Praça Itália. A obra foi realizada com o apoio da família ítalo-brasileira Leta – à frente dos Supermercados Zona Sul.
- o espaço corporativo ItaliaNoRio, no oitavo andar, com 600 metros quadrados dedicados ao mundo empresarial ítalo-brasileiro. Desenvolvido pelo IED e pela empresa de engenharia italiana EfM, o projeto inclui área de *coworking*, escritórios e *showroom* de empresas italianas, além de abrigar a nova sede da Câmara de Comércio Ítalo-Brasileira e da filial no Rio de Janeiro do ITA – Italian Trade Agency (agência governamental italiana, com a missão de promover o intercâmbio comercial e tecnológico entre a Itália e demais países).
- a renovação e ampliação do Terraço Panorâmico, que passa a contar com novos materiais e novas linhas arquitetônicas, além de um espaço dedicado à tradicional pizza, com instalação de fornos profissionais e apta também a receber cursos da Escola de Gastronomia.

Sempre avançando em sua trajetória, a Casa d'Italia segue determinada na vocação de receber visitantes, alunos, trabalhadores, viajantes, empresários, imigrantes, e que quem mais vier a cruzar seu emblemático portão de ferro, que permanece, desde o primeiro momento do Edifício, como testemunha dessa biografia, com um: “Benvenuti!”.

O histórico contido nos capítulos 2 e 3 foi construído a partir de uma viagem pelos recortes de jornais do período e de relatos de profissionais que atuaram no Edifício Casa d'Italia, desde o seu retorno para o Estado Italiano. Seus nomes estão listados em agradecimento no fim da publicação.



HISTÓRIA TAMBÉM NAS OBRAS DE ARTE

A Casa d'Italia abriga, desde o retorno às mãos italianas, uma coleção de peças que remetem ao tempo do Rio de Janeiro como capital do Brasil. São obras de arte que faziam parte do palacete da Embaixada da Itália, no bairro carioca de Laranjeiras, e agora compõem uma pequena galeria localizada no sétimo andar do Edifício, onde fica o gabinete do cônsul. O destaque é um busto em bronze moldado a partir de um original romano do século 1 a.C., encontrado nas escavações da cidade de Herculano, conhecido como o Pseudo-Sêneca – em referência ao filósofo do Império Romano, identificação que se revelou equivocada – e que hoje encontra-se no Museu Arqueológico Nacional de Nápoles. A moldagem que ornamenta a Casa d'Italia foi feita em fins do século 19 pelo escultor italiano Salvatore Errico (1848-1934), um dos artistas autorizados pelo museu a executar cópias diretas a partir dos originais de seu acervo.

Vieram também diretamente da Embaixada para a Casa d'Italia uma imponente mesa com tampo de mármore, hoje utilizada pelos cônsules em seu gabinete, assim como majestosas poltronas e cadeiras.





O mobiliário do gabinete do cônsul (foto ao lado), assim como as obras de arte vieram da antiga Embaixada italiana, no bairro de Laranjeiras (imagem em sépia) — considerada uma das mais luxuosas e imponentes do Rio na primeira metade do século 20. Com sua transferência para Brasília, parte do acervo foi compartilhado com o Consulado do Rio [Foto histórica: *O Cruzeiro*, 8/7/1933, p. 11. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional — Demais fotos: Marco Antonio Rezende]



4

Uma praça
chamada Itália

Aristides Corrêa Dutra



A trajetória da Praça Itália está fortemente associada à da vizinha Casa d'Italia, mas não é uma simples derivação desta. Ao contrário, a praça tem sua própria história, que em muitos momentos é compartilhada com a Casa, mas em outros se relaciona mais diretamente com a própria história da cidade.

Para as comemorações dos cem anos da Proclamação da Independência do Brasil, em 1922 o velho Morro do Castelo foi posto abaixo, e suas terras foram utilizadas para aterrar a área da Exposição Internacional do Centenário da Independência. Após a exposição, a área foi sendo aos poucos ocupada, dando origem a um novo bairro no Centro, a Esplanada do Castelo.

Em 1936, à medida que seus andares iam sendo liberados, o Edifício Casa d'Itália foi sendo ocupado pelas diversas associações italianas no Rio de Janeiro. Em abril de 1937, a cidade de Roma homenageou o povo brasileiro batizando de Piazzale Brasile (Praça Brasil) o largo localizado entre a Porta Pinciana e os Jardins da Villa Borghese, na capital italiana. Vale ressaltar que anteriormente o logradouro chamava-se Piazzale d'Italia, o que torna o gesto ainda mais significativo. Coincidentemente ou não, uma das vias que corta o parque, chamada Viale San Paolo del Brasile (Via São Paulo do Brasil), desemboca justamente neste *piazzale*.

Alguns meses depois de Roma, a cidade do Rio de Janeiro retribuiu a homenagem dando o nome de Praça Itália a duas pequenas praças irmãs localizadas no início da Avenida Aparício Borges (atual Avenida Presidente Antônio Carlos), uma ao lado do Ed. São Miguel, no lado ímpar da avenida, ao sul, e outra ao lado da Casa d'Itália, no lado par, ao norte. O Decreto nº 6.076, de 07 de outubro de 1937, oficializando o nome da praça, foi assinado pelo prefeito-interventor da cidade, Henrique Dodsworth. Em um ofício de agradecimento enviado ao prefeito Dodsworth, o cônsul da Itália no Rio, Vitale Gallina, ressaltou a estreita amizade e a solidariedade de propósitos e de trabalho que uniam cada vez mais o Brasil e a Itália.

A ideia de batizar de Praça Itália o logradouro público ao lado da Casa d'Italia foi do professor Aloysio de Castro, presidente da Associação Brasileira dos Amigos da Itália e copresidente do Instituto Ítalo-Brasileiro de Alta Cultura. Médico, professor, compositor e poeta, o prof. Castro era também membro da Academia Brasileira de Letras, onde ocupava a Cadeira 5, anteriormente pertencente a Oswaldo Cruz.

A inauguração das placas de identificação da Praça Itália foi realizada na manhã do dia 12 de outubro de 1937 com pompa e circunstância. Um quiosque foi instalado



Piazzale Brasile na década de 1930, entre a Porta Pinciana, abaixo, e os Propileus das Águias, acima, uma das entradas dos Jardins da Villa Borghese [Foto: ENIT]. Cerimônia de inauguração da Praça Itália, com os alunos dos colégios Leonardo da Vinci e Príncipe de Piemonte em formação recepcionando os convidados [Caretta, 23/10/1937, p. 30. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional]. Em pleno Natal de 1937, duas esquadrilhas de caças italianos Fiat CR 32 fazem evoluções nos céus do Rio. No alto à esquerda, público aglomerado na Avenida Beira Mar e na Praça Itália; embaixo à direita, privilegiados no terraço da Casa d'Italia veem mais de perto as acrobacias [Caretta, 1/1/1938, p. 26-27. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional]



no centro da praça ao lado da Casa d'Italia para acolher os convidados mais ilustres. O público foi recepcionado pelos alunos dos colégios Leonardo da Vinci e Príncipe de Piemonte alinhados em formação, além de outras associações italianas. O Edifício Casa d'Italia estava embandeirado para a ocasião.

Estavam presentes o embaixador e o cônsul da Itália, o prefeito do Rio de Janeiro, representantes do presidente da República, do Ministério da Justiça e outras autoridades e membros ilustres da colônia italiana no Rio. O professor Aloysio de Castro reiterou os agradecimentos ao prefeito pela nomeação da Praça Itália. Henrique Dodsworth respondeu dizendo que seu ato foi uma demonstração do alto apreço que o Brasil e o Rio de Janeiro têm pela Itália. Por fim, falou o embaixador da Itália, Roberto Cantalupo, que enalteceu o gesto e fez coro aos agradecimentos. Ouviram-se então os hinos do Brasil e da Itália, executados pela banda da Polícia Municipal.

O jornal *O Imparcial* (RJ) noticiou equivocadamente a festa da praça como se fosse a inauguração da Casa d'Italia. O edifício tinha tido, um ano e meio antes, uma festa da cumeeira, e estava prometida para 28 de outubro de 1936 uma inauguração efetiva, que não ocorreu por atrasos da concepção do habite-se. Historicamente, a festa da cumeeira acabou sendo registrada, então, como a inauguração do prédio.

UMA PRAÇA QUE ABRE PASSAGEM

Rapidamente a Praça Itália se tornou um ponto bem conhecido na nova geografia da cidade. Sua esquina fazia a conexão entre o fim da Avenida Beira-Mar e o início da Avenida Aparício Borges.

Na década de 1930 a Beira-Mar já tinha se consolidado como a principal via de ligação entre o Centro do Rio e a Zona Sul. A pulsante Avenida Rio Branco já não dava mais vazão ao crescente fluxo de veículos. A nova Avenida Aparício Borges, com aproximadamente o dobro da largura da Rio Branco, passou a ser o caminho preferencial para quem viesse da Zona Sul e desejasse chegar ao Largo da Carioca ou a outros pontos importantes do Centro. E a Praça Itália situava-se como uma espécie de discreto marco limite na transição entre a morada e o trabalho para uma boa parcela da população. Muito natural, portanto, que ela se tornasse bem conhecida dos cariocas.

Naqueles tempos, o reemplacamento anual de veículos no Rio de Janeiro era feito pelo Touring Clube do Brasil. Por vários anos, o posto de emplacamento tinha sido instalado na Feira de Amostras, uma área de eventos localizada ao lado do Museu Histórico

Nacional, perto do Aeroporto Santos Dumont. A partir de 1939, contudo, o posto de emplacamento passou a ser instalado na esquina da Praça Itália ao lado da Casa d'Italia. Como o novo local era a passagem natural de quem ia ou voltava do trabalho a partir da Zona Sul, ficava mais difícil alguém acabar se esquecendo de emplacar o carro.

A nova praça também podia funcionar como plateia para eventos especiais. Em 25 de dezembro de 1937, duas esquadrilhas constituídas, cada uma, de cinco aviões de caça italianos Fiat CR 32, executaram acrobacias em formação sobre a Baía de Guanabara, nas proximidades da Avenida Beira Mar. Ver as evoluções aéreas dos aviadores italianos a partir da praça certamente conferiu um sabor especial ao evento, sobretudo nos momentos em que os aviões sobrevoavam a Casa d'Italia.

Eventos esportivos também aconteciam seguindo pela aprazível Avenida Beira Mar e terminando em frente à Praça Itália. Em 22 de janeiro de 1939, por exemplo, a Liga Carioca de Ciclismo realizou a disputa do Campeonato de Resistência, com três provas tendo a Praça Itália como ponto de partida e de chegada. Na primeira categoria, o percurso era ida e volta até o Campinho; na segunda, até o Largo da Freguesia; e na terceira categoria, ida e volta até o Gávea Golf. Hoje esses eventos esportivos com vista privilegiada acontecem na Avenida Infante Dom Henrique – via que ladeia o Aterro do Flamengo – e têm como ponto de partida e/ou de chegada o Museu de Arte Moderna, MAM, ou o Monumento aos Pracinhas, não muito distantes da Praça Itália.

Devido a seu fácil acesso e farto transporte público nas proximidades, a praça era uma boa referência para quem chegava ao Centro da cidade vindo de outros bairros. No dia 26 de fevereiro 1959, os candidatos aprovados no concurso de admissão ao recém-criado Colégio Naval deveriam comparecer à Escola Naval, na Ilha de Villegagnon, para uma reunião de orientação ao aquartelamento. Para facilitar o deslocamento, o diretor do colégio colocou à disposição dos alunos um ônibus gratuito até a ilha localizada ao lado do Aeroporto Santos Dumont. O ponto de partida? A Praça Itália.

BALAS DE BRONZE PARA A GUERRA

No dia 18 de agosto de 1942 – após as notícias dos torpedeamentos de navios brasileiros no Nordeste por um submarino alemão ocorridos nos dias anteriores – o povo carioca foi às ruas em um dia de intensas manifestações patrióticas de repulsa às ações dos países do Eixo na guerra. Vários estabelecimentos de propriedade de alemães e de italianos foram atacados, tendo vidraças quebradas ou outros objetos destruídos.

As representações estrangeiras e seus símbolos também foram alvo das manifestações. A placa de bronze da Praça Del Prete, localizada em frente à Real Embaixada da Itália, em Laranjeiras, foi arrancada. No lugar do nome do avião italiano, os manifestantes penduraram uma tabuleta provisória com o nome Praça Araraquara, referência ao maior dos cinco navios brasileiros afundados.

O Edifício Casa d'Italia – já nesta época confiscado pelo governo brasileiro e abrigando a Faculdade Nacional de Filosofia (FNF) e o Serviço de Estatística do Ministério da Justiça – ainda ostentava em seu portão de entrada um medalhão circular de bronze com uma vistosa imagem em relevo da Loba Capitolina. Quando a multidão enfurecida tentou arrancar o medalhão, George Loutz – um funcionário do Ministério da Justiça que trabalhava no prédio – interveio contra o ato e entrou em luta corporal com os manifestantes, sendo acusado de traidor. De qualquer modo, a placa foi finalmente arrancada. Há relatos de que ela teria sido jogada em um caminhão e levada para o depósito público. Mais tarde o Sr. Loutz tentou retratar-se dizendo que sua intenção era a de que a placa não fosse simplesmente perdida ou destruída, mas encaminhada a um ministério militar para ser fundida e reaproveitada.

As placas da Praça Itália também foram arrancadas e quebradas. Enquanto a multidão se aglomerava no local, passou um carro da Companhia Telefônica. O motorista atendeu aos pedidos do povo e deixou que um dos manifestantes utilizasse uma escada presente no veículo para arrancar as placas localizadas nas duas metades da Praça Itália. A retirada aconteceu sob os aplausos da multidão. Uma placa provisória de papelão com o nome Baependi (outro navio torpedeado) foi colocada no lugar, agora com uma ovação estrondosa.

Na sequência, um grupo de manifestantes concentrou-se na Cinelândia e seguiu pela Avenida Rio Branco carregando os pedaços da placa com a intenção de entregá-los ao Ministério da Guerra. No fim da tarde de 19 de agosto uma multidão se aglomerou em frente ao prédio do Ministério da Guerra (atual Palácio Duque de Caxias) em manifestação de repúdio aos atos praticados pelos países do Eixo. Um dos oradores, chamado José Alves de Moraes, apresentou os pedaços da placa pedindo para que o Ministro da Guerra, o general Eurico Gaspar Dutra, mandasse com eles fundir balas para serem utilizadas na guerra contra os países agressores. Apesar das novas placas de papelão, o nome da praça não foi efetivamente modificado. Por algum tempo, pelo menos.

Em 3 de março de 1945, o Decreto nº 8.054, assinado pelo prefeito Dodsworth, alterou oficialmente o nome da Praça Itália para Praça Monte Castelo. A troca, sugerida pelo jornal *O Globo*, era uma homenagem à tomada do Monte Castelo, empreendida



no dia 21 de fevereiro de 1945 pela Força Expedicionária Brasileira, com apoio da 10ª Divisão de Montanha dos EUA, contra o invasor alemão no norte da Itália. Após quatro tentativas frustradas em um combate que já durava três meses, finalmente o monte foi conquistado, contribuindo para o rompimento da linha de defesa alemã (Linha Gótica), abrindo caminho para a libertação de Bolonha.

Ainda em 1945 o Brasil e a Itália reabriam suas embaixadas, iniciando o caminho para o restabelecimento de suas boas relações diplomáticas. Uma das primeiras providências foi a assinatura do Decreto nº 8.448, de 26 de janeiro de 1946, restituindo o nome da Praça Itália. O mesmo decreto alterou o nome do logradouro ao lado da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, na Rua Uruguaiana, de Largo do Rosário para Praça Monte Castelo, transferindo de lugar a homenagem.

Um fato inusitado: no dia 2 de dezembro de 2025, o vereador Renato Moura deu entrada na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro com o Projeto de Lei Nº 1.679/2025 propondo dar o nome de Praça Miguel Faustino do Monte à praça localizada entre as Avenidas Beira Mar 406 e Presidente Antônio Carlos 38 sob a alegação de ser essa uma praça inominada. O detalhe que escapou ao legislador é o fato de que essa “praça inominada” é, na verdade, o lado sul da Praça Itália.

FORMAS E REFORMAS

Apesar de ser já bastante conhecida do carioca, a Praça Itália não recebia, em seus primeiros anos, o devido cuidado da prefeitura da cidade. A bem da verdade, como muitas áreas do novo bairro do Castelo, quando foi batizada, ela era apenas um descampado. E assim permaneceu por vários anos. A única coisa que a identificava era uma placa de bronze com seu nome afixada na parede da Casa d'Italia. Em 1940, o jornal *Gazeta de Notícias* denunciava seu estado de abandono pelos poderes municipais, dizendo que ela parecia mais um lote de terreno, não possuindo jardim ou nem mesmo uma árvore que a distinguisse. A nota termina advogando em seu favor, dizendo: “É a Praça Itália porque, um dia, pregaram a placa de logradouro público... E, no entanto, que país tem dado mais braços à grandeza de nossa terra do que a Itália?” (*Gazeta de Notícias*, 3/8/1940, pág. 3)

Em junho de 1942, a mesma *Gazeta de Notícias* volta ao tema, acrescentando à descrição de desalento o capim alto e cascas de laranja e de banana deixadas pelos trocadores de ônibus. A matéria também ressalta que a praça, assim como outros espaços vazios do Castelo, tinha se transformado em dormitório de “vagabundos de todos os

matizes”, o que contrastava com os altos aluguéis dos apartamentos e escritórios daquela que já tinha se convertido em uma das áreas mais nobres do Centro da cidade.

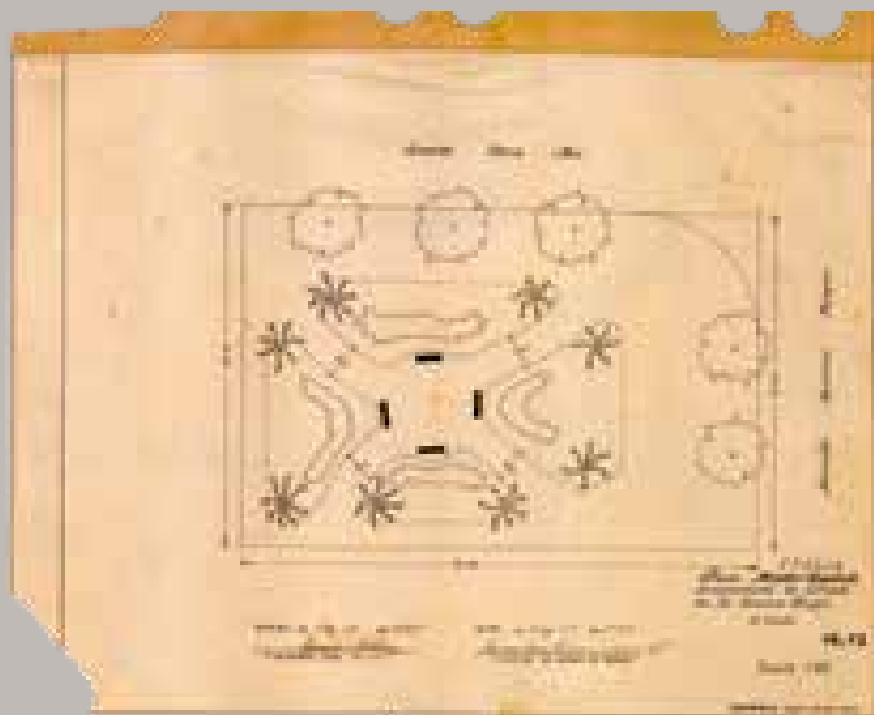
Em 1944, a Secretaria Geral de Viação e Obras Públicas da Prefeitura do Rio de Janeiro finalmente abriu uma concorrência pública para o ajardinamento da Praça Itália. O projeto aprovado incluía o plantio de cinco árvores nas calçadas e a delimitação de um jardim central cortado por duas passagens diagonais que se cruzam no centro. O desenho era bem simplório, mas já era melhor que o nada anterior.

Na antevéspera do Natal de 1951, no dia 23 de dezembro, o governo do Rio de Janeiro entregou simultaneamente cem parquinhos infantis instalados em praças por toda a cidade. Cada parquinho tinha um patrono, que havia indicado um local e faria a entrega. Dentre os patronos estavam vereadores da cidade, alguns deputados, instituições e amigos da cidade. O próprio prefeito, Dr. João Carlos Vital, encarregou-se de indicar pessoalmente uma boa lista de locais, dentre os quais a Praça Itália. Por algum tempo o parquinho encheu a praça de vitalidade, tornando-se um grande prazer da infância local.

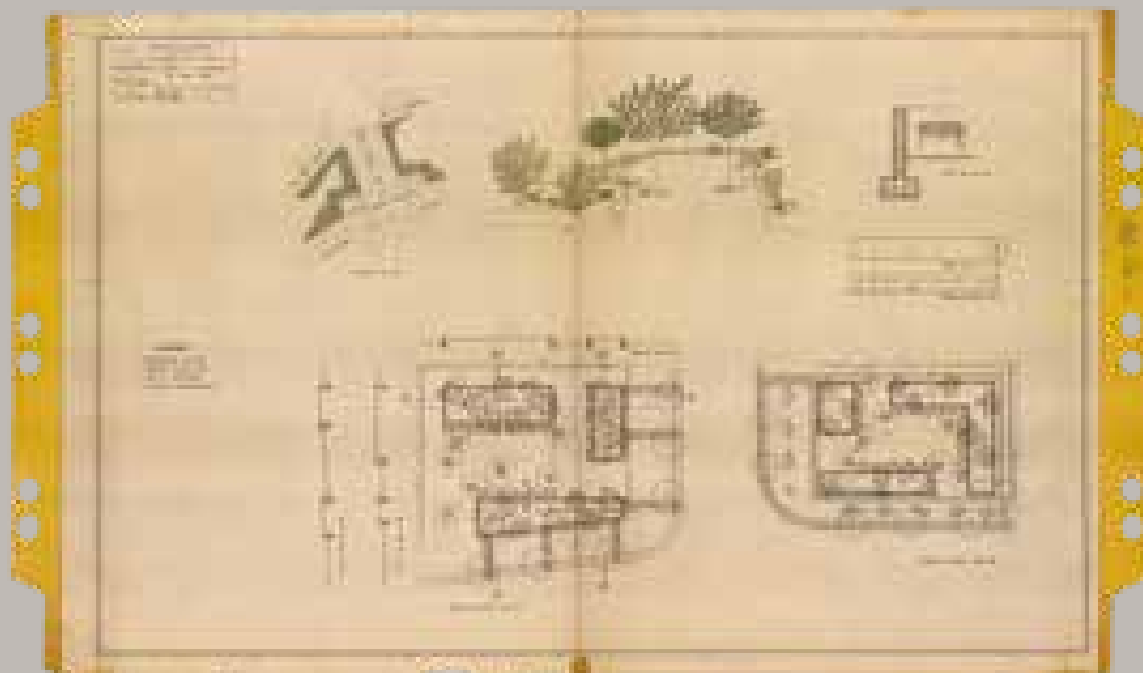
Das janelas do apartamento 504 do Ed. São Miguel, vizinho à porção sul da Praça Itália, o médico e intelectual Edgard Roquette-Pinto gostava de ficar contemplando as crianças brincarem no parquinho. Roquette Pinto fundou a primeira emissora oficial de rádio do país, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (atual Rádio MEC). Ele também foi um pioneiro na utilização do rádio como um poderoso instrumento de educação popular, difusão científica e de construção da identidade nacional. Com sua morte em fins de 1954, o jornal *Correio da Manhã* sugeriu que a praça fosse renomeada em sua homenagem, dada sua relação emocional com o local. O nome Praça Itália poderia, sugeria o jornal, ser transferido para o logradouro em frente à Embaixada da Itália, em Laranjeiras. A mudança proposta não ocorreu, e há hoje uma Rua Roquete Pinto na Urca e outra na Maré, próximo ao Piscinão de Ramos.

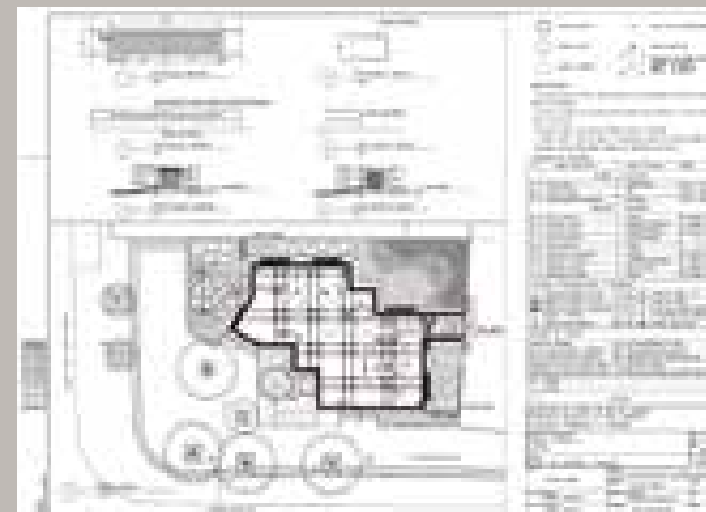
Era de se esperar que a construção do Parque do Flamengo (1959–1965), com jardins de Burle Marx, e a proximidade do novo Museu de Arte Moderna dessem mais visibilidade à Praça Itália diante dos olhos da administração pública. Em 1962, um novo traçado chegou a propor abandonar o antigo aspecto de pracinha antiquada da reforma de 1944, dando à praça uma configuração mais angular, moderna e interessante, com uma área central elevada e mais ampla e vegetação mais concentrada. A nova proposta não foi implantada, mas suas ideias centrais reapareceriam repaginadas quase três décadas depois.

Com a construção do Aterro, a área vizinha à Praça Itália mudou de feição. O mar foi afastado da Avenida Beira Mar, e a nova Avenida Infante Dom Henrique passou a



Quando da primeira intervenção urbanística, em 1944, o logradouro chamava-se oficialmente Praça Monte Castelo. No ano seguinte, com a restituição do nome original, uma anotação a lápis no canto da planta corrige o nome: Praça Itália [Fonte: Memória da Paisagem Carioca, Fundação Parques e Jardins, Rio de Janeiro]. Por iniciativa do prefeito João Carlos Vital, no Natal de 1951 a cidade do Rio foi presenteada com cem parquinhos infantis espalhados por praças de toda a cidade. Na Praça Itália, o parquinho fez a alegria da garotada e ajudou a encher de vida o local. Em 1962, uma nova proposta de traçado mais geométrico aproximaria o formato da praça da modernidade do novíssimo Aterro do Flamengo, mas o projeto não foi implementado [Fonte: Memória da Paisagem Carioca, Fundação Parques e Jardins, Rio de Janeiro].





Na passagem para o novo milênio, o Projeto RioMar empreendeu uma extensa requalificação da orla carioca, do Aeroporto Santos Dumont ao Leblon. Aqui, os estudos de 1998 para a intervenção paisagística na Praça Itália [Fonte: Memória da Paisagem Carioca, Fundação Parques e Jardins, Rio de Janeiro]. Em 2006, a alteração efetivamente implantada pelo Projeto RioMar dá ao piso levemente elevado da praça uma breve escadaria para cada uma das duas avenidas da esquina e uma rampa de acesso [Fonte: Memória da Paisagem Carioca, Fundação Parques e Jardins, Rio de Janeiro].



ligar mais rapidamente o Centro à Zona Sul, desembocando no Trevo dos Estudantes, inaugurado em 1967. Se antes a praça situava-se entre os prédios e o mar, agora ela se encontrava entre os prédios e o trânsito automobilístico do Aterro.

No dia 13 de novembro de 1969 foi inaugurado um busto do Marechal Mascarenhas de Moraes na porção sul da Praça Itália, localizada do outro lado da Avenida Antônio Carlos (a antiga Aparício Borges, que tinha mudado de nome). Instalado no alto de um pedestal de dois metros de altura, o busto foi executado por Elza Medeiros, que além de escultora, também era jornalista, escritora, atriz e enfermeira.

Em 1943 Elza foi a primeira voluntária a se alistar no Exército Brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial, sendo integrada ao grupo de cerca de 30 enfermeiras que acompanharam a Força Expedicionária Brasileira na campanha da Itália. Bem simbólico, portanto, que fosse uma veterana da Segunda Guerra a pessoa encarregada de criar o busto do marechal que comandou a Força Expedicionária Brasileira em sua atuação para ajudar a libertar a Itália do nazifascismo. Muito simbólico também que o monumento tenha sido instalado justamente em uma das porções da Praça Itália. E a partir do molde original, guardado pela escultora, outras cópias do mesmo busto foram produzidas e instaladas em outros locais, como a Praça Bety Orsini, em Niterói, e o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, no Aterro do Flamengo.

A homenagem na Praça Itália, contudo, durou pouco mais de 16 anos. Na madrugada do dia 27 para 28 de agosto de 1986, o busto do Marechal foi furtado de seu pedestal. O desaparecimento foi primeiro percebido pelos copeiros do antigo Café-Bar Restaurante Santa Branca, cujas janelas davam vista para praça. Aquele lado da Praça Itália servia, nessa época, de dormitório noturno para um grupo de mendigos catadores de papel, a quem os trabalhadores do restaurante atribuíram o furto.

O pedestal ficou vazio por pouco tempo. Logo os guardadores de carros da Avenida Antônio Carlos colocaram – não se sabe bem por que – um pesado balde de concreto no local antes destinado ao busto do Marechal. Por algumas semanas o balde permaneceu como o substituto inusitado do homenageado ausente. Como a escultora ainda tinha o molde original, uma nova cópia foi repostada na praça. Até que no dia 3 de março de 2003, em plena segunda-feira de carnaval, a nova cópia seria também roubada.

Em 1997, o canteiro central entre as duas metades da Praça Itália ganhou a companhia de uma escultura do artista Waltercio Caldas instalada dentro do programa de ações

urbanísticas do Rio-Cidade (1993–2000). Dois mastros inclinados de concreto são revestidos de pedras portuguesas que sobem da calçada ao topo sem interrupção. Uma faixa preta desce espiralada por um mastro, serpenteia pelo chão e sobe pelo outro mastro, integrando horizontalidade e verticalidade. Denominada *Escultura para o Rio*, a obra foi demolida em 2015 para as obras do VLT e reconstruída quatro anos mais tarde alguns metros adiante.

Em 1998, uma nova reforma foi implementada como parte do Projeto RioMar. O lado sul, identificado no projeto como Praça Itália I, servia já de espaço para mesas de dois restaurantes executivos, o que proporcionava uma boa ocupação da praça durante o dia. Uma das ideias era replicar o uso na então chamada Praça Itália II (lado norte da praça), como uma espécie de varanda com mesas e ombrelones do restaurante do Aeroporto Othon Hotel. Uma porta a ser aberta na lateral do hotel conduziria diretamente à praça. Assim como na proposta não implementada de 1962, a parte central das duas praças foi elevada, e os canteiros ganharam formas mais geométricas. Mas a ligação da praça com o restaurante do hotel não foi implementada.

Em 2006, uma nova reforma da praça alterou mais uma vez sua configuração. O piso da praça, levemente elevado em relação à calçada, é alcançado por duas escadarias de três degraus e por uma nova rampa inclinada de acesso. Uma mureta baixa ladeia a área útil da praça funcionando como banco. A porta de entrada lateral para o restaurante do hotel continuava prevista, mas não aparece nas fotografias de 2010.

E A CASA D'ITALIA VOLTA-SE PARA A PRAÇA

Em 29 de novembro de 2008 a Praça Itália ao lado da casa ganhou a companhia de um busto em bronze da Imperatriz Teresa Cristina, a princesa napolitana que se casou com o imperador do Brasil, Dom Pedro II. Resultado da parceria do Consulado Geral da Itália com a Prefeitura do Rio, o busto foi esculpido pelo artista plástico José Luiz Ribeiro. Apoiado sobre uma base de granito com uma placa comemorativa, ele foi instalado na margem da praça que ladeia a Avenida Antônio Carlos. A inauguração contou com a presença, entre outros, de Mara Carfagna, então Ministra para a Igualdade de Oportunidades do governo italiano, cargo correspondente ao nosso Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania.

Em seus 46 anos como imperatriz-consorte, Teresa Cristina de Bourbon-Duas Sicílias exerceu uma influência ao mesmo tempo discreta e profunda na vida social e cultural brasileira. Segundo o poeta e jornalista brasileiro Artur de Azevedo, contemporâneo da Imperatriz, as pessoas se referiam a ela como “a mãe dos brasileiros”. Ao mesmo tempo,

ela mantinha intensos laços afetivos e culturais com sua terra natal, tendo apoiado a imigração italiana no Brasil e tendo também contribuído para impulsionar o interesse brasileiro pela cultura e pela sociedade italiana. É, portanto, bastante pertinente que a Casa d'Italia tivesse em suas cercanias um monumento em sua homenagem.

Por dez anos o semblante austero de Teresa Cristina acompanhou atentamente a história daquele pedacinho da Esplanada do Castelo. Infelizmente, contudo, o busto da imperatriz teve o mesmo destino inglório do Marechal e acabou sendo furtado de seu pedestal na madrugada do dia 30 de janeiro de 2019. Três anos depois, um novo monumento à imperatriz foi instalado quase no mesmo ponto do anterior.

Criado pelo artista plástico Gianguido Bonfanti, o novo busto, de aparência mais livre e expressionista, apoia-se sobre um pedestal em chapa de ferro recortado e dobrado, com silhuetas vazadas de uma jarra italiana e de um cocar indígena brasileiro. O busto encaixa-se fixamente sobre seu pedestal como uma pedra preciosa engastalhada sobre uma joia. A inauguração aconteceu no aniversário de 200 anos do nascimento de Teresa Cristina, 14 de março de 2022.

ADOÇÃO DA PRAÇA PELO CONSULADO

Desde sua criação em 1937 até 2015, as duas metades da Praça Itália foram administradas pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Em janeiro de 2015 a porção da praça localizada ao lado da Casa d'Italia passou a ser mantida e conservada pelo Consulado da Itália quando este aderiu ao Programa de Adoção de Áreas Públicas da Fundação Parques e Jardins do município, com previsão de durar até janeiro de 2017. A praça foi limpa, os canteiros foram replantados e o banco foi pintado de vermelho, que, com o verde da vegetação e o quase branco do piso, compunha as cores da bandeira da Itália. As paredes laterais da Casa d'Italia receberam a pintura de painéis alusivos à obra da arquiteta Lina Bo Bardi. Logo acima dos painéis, a lateral do mezanino ganhou um jardim vertical. Em 2017 as muretas foram pintadas de verde, reforçando as cores nacionais.

Em 2022, o acordo com a Fundação Parques e Jardins foi renovado. Um novo busto de Teresa Cristina substituiu o anterior. E a saída da agência bancária que ocupava o térreo do edifício abriu toda uma nova oportunidade de reforma do espaço e da integração da praça à Casa. Nascia o projeto do Polo Cultural ItaliaNoRio, inaugurado em fevereiro de 2024. Entre abril e maio do mesmo ano, a Praça Itália abrigou uma quadra de *beach tennis* dentro do projeto Praia Itália, com aulas gratuitas para o público.



Aderindo ao programa Projeto Reviver o Centro, o Consulado da Itália adota em 2015 a Praça Itália e inaugura em 2025 sua mais ousada modificação, com uma intensa reformulação paisagística e um plano de ocupação que finalmente integra a praça à Casa d'Italia [Fonte: Projeto do escritório Archea Associati].

Em 2025, uma intensa remodelação, inserida no contexto do programa Reviver o Centro, da prefeitura, integrou a praça ao Polo ItaliaNoRio com a abertura de portas na lateral do edifício, comunicando-o diretamente com a área externa. O projeto de requalificação do espaço, custeado pelo consulado, foi desenvolvido pelo Archea Associati, um renomado escritório italiano de arquitetura.

Assim, a Casa d'Italia e a Praça Itália reafirmam seu papel e seu espaço no cenário cultural da cidade do Rio de Janeiro, resgatando, atualizando e ampliando seu escopo original: o sonho e o designo de ser a casa da cultura e da comunidade ítalo-brasileira na cidade maravilhosa.



REVITALIZAÇÃO DA PRAÇA ITÁLIA

Em 12 de outubro de 2025, no dia em que completava 88 anos, a Praça Itália foi reinaugurada completamente redesenhada. O projeto é de autoria do arquiteto Marco Casamonti, do renomado escritório italiano Archea Associati, e se inspira nas praças contemporâneas da Itália, com foco na interação cultural. O traçado da praça privilegia o uso cuidadoso dos materiais, a luminosidade farta, tanto de dia quanto de noite, e a integração com as áreas verdes e com a paisagem.

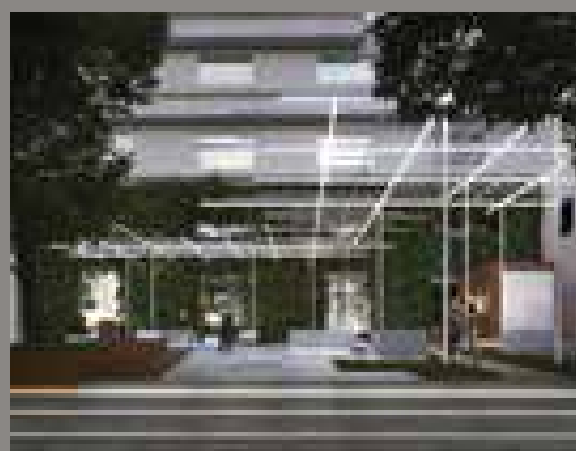
Uma das principais inovações foi a abertura de portas laterais no Polo Cultural ItaliaNoRio, localizado no térreo do edifício, integrando de maneira orgânica a praça com a Casa d'Italia. Com isso, os eventos realizados no Polo poderão utilizar a praça como uma espécie de varanda.

O piso em tabuleiro foi refeito com placas drenantes e pedras portuguesas marroms e brancas, cujo desenho liga uma passarela central às portas e escadas de acesso, funcionando tanto como recurso estético quanto como sinalização. O verde das árvores da calçada abraça a Praça Itália, enquanto a vegetação no centro da praça, baixa e discreta, libera a circulação e a visão do espaço. Assim, o piso branco e avermelhado combinado ao verde da vegetação remete discretamente às cores nacionais italianas.

Também foi instalado na praça um quiosque de serviço com estrutura em aço galvanizado e com telhado verde. Localizado próximo à porta da Cucina – Escola Enogastronômica Italiana, o quiosque funciona como apoio logístico aos eventos realizados na área. E no outro extremo da praça, vigilante e maternal, guarda-nos desde 2022 o busto da imperatriz Teresa Cristina moldado pelo artista ítalo-brasileiro Gianguido Bonfanti

A revitalização da Praça Itália foi feita integrada ao programa “Reviver o Centro”, da Prefeitura do Rio de Janeiro, e foi custeada pelo Consulado da Itália na cidade. Desde 2015 a praça já tinha sido adotada pelo Consulado, passando por uma remodelação inicial. Mas foi a inauguração do Polo Cultural ItaliaNoRio, no térreo do edifício, em 2024, que mudou definitivamente seu destino. Agora, com a requalificação do espaço e sua integração às dinâmicas da Casa d'Italia, mais que uma simples remodelação, o que nós temos é um verdadeiro plano de ocupação, que mantém a praça viva, realizando assim sua função primordial, a de acolher a comunidade urbana e suas vivências. Que outros projetos e ações sigam este exemplo e contribuam também para o resgate de uma das áreas mais nobres do Centro do Rio.





Planta e perspectivas da Archea Brasil para a nova Praça Itália [Fonte: Projeto do escritório Archea Associati]



5

Um *tour* imagético
pela Itália

Marco Antonio Rezende

Fotógrafo



 desafio de retratar a arquitetura e as vivências de prédios históricos aguça o olhar em direções tão surpreendentes quanto fascinantes. Uma viagem por ângulos, cores e enquadramentos, como uma arqueologia visual, que identifica aspectos de suas transformações ao longo do tempo.

Com seu peculiar formato cúbico, o prédio que abriga o Consulado Geral italiano, a Casa d'Italia, pode se camuflar entre tantas outras construções que o cercam na Esplanada do Castelo, no Rio de Janeiro. Contudo, há de se prestar atenção quando um edifício se batiza de casa. Um nome que sugere a ideia de lar. No caso, um lar à italiana que convida aos aposentos seus compatriotas, amigos, visitantes e quem mais chegar disposto ao intercâmbio de culturas.

No processo de preparação para a realização das fotos, algumas visitas prévias à Casa para mapeamento visual foram necessárias. Um reconhecimento espacial daquele recorte de Itália em território carioca. A cada entrada através do imponente portão de ferro forjado do prédio da Avenida Presidente Antônio Carlos, fui recebido com toda a hospitalidade pela equipe do consulado. Eu me senti incluído na rotina que transita por seus corredores.

Motivado por esse processo criativo, em cada uma dessas visitas, novas experiências contidas no prédio me eram reveladas. Pelos andares da Casa registrei desde movelaria de época, obras de arte e objetos de acervo até o cenário de cartão-postal que as janelas e o terraço do prédio oferecem generosamente.

Entre uma foto e outra, tive o prazer de presenciar, na cozinha onde acontecem cursos de gastronomia, o preparo de um molho ítalo de tomates frescos. Um clique sensorial que me transportou para outras terras. Da mesma forma, nesse passeio visual minha câmera fotográfica transitou por escadarias, gabinetes, salas elegantes, espaços coletivos dedicados à arte, à moda e ao design.

Um apanhado de imagens, entre conceitos e referências documentais, que falam metaforicamente o idioma italiano. Fotos atuais - cuja autoria assino - combinadas a uma rara seleção de retratos de época resgatados em pesquisas de arquivos fazem parte da composição imagética do livro *Edifício Casa d'Italia do Rio de Janeiro, uma biografia*.

DISCASS



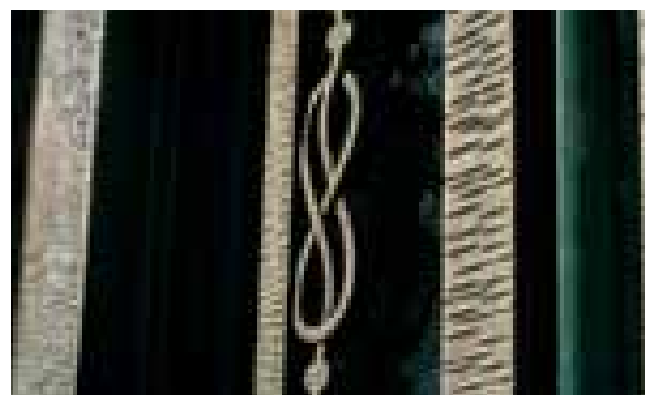
































pintura italiana Hoje

Uma nova cena
pintura italiana Oggi
Uma nova cena

0 0 0 0

00 00

0 0 0 0
0 0 0 0
0 0 0 0
0 0 0 0















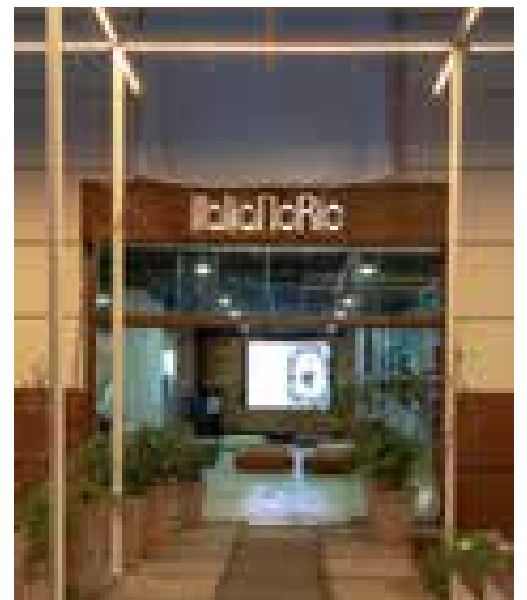
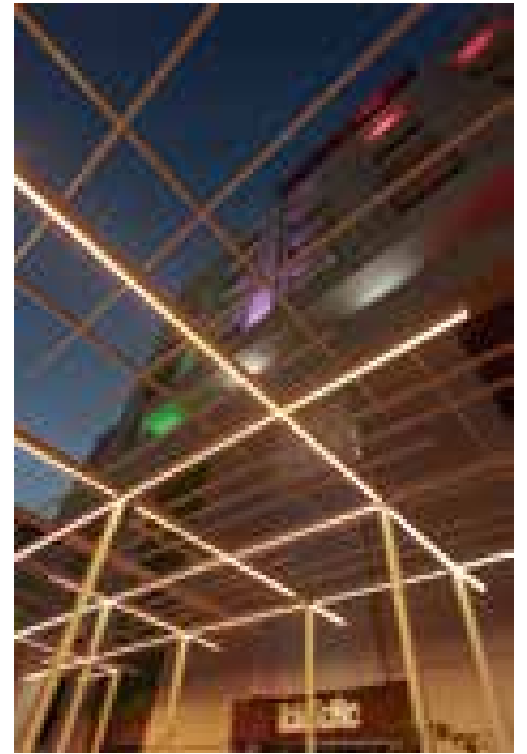




















Italia No Rio







dove Rio
e l'Italia
si incontrano

Italieno Rio
100% CULTURA

Rio
100% CULTURA

Italia
si incontrano

Italieno Rio
100% CULTURA

IT ALIANORIO

Italieno Rio
100% CULTURA

e l'Italia
si incontrano

POLO CULTURALI

contram

Italia No Rio
POLO CULTURAL



Italia No Rio
POLO CULTURAL

Agradecimentos

Alfredo Apicella
Andrea Lanzi
Claudia Lopes
Corrado Bosco
Edoardo Pacelli
Flavio Padovani
Francesca Menegon
Francisco Scofano
Gabriela Pacheco Corrêa
Gianni Cestari
Giuseppe Arno
Irma Caputo
Kathia Pompeu
Marcela Marques Abla
Margareth Corrêa Dutra
Mari Morgado
Maria Pace Chiavari
Mario Miceli
Maristela Thaddeu Pacheco
Olga de Moura Mello
Riccardo Cavagnera
Riccardo Scafati
Rosane Bardanachvili
Sérgio Magalhães

Referências bibliográficas

LIVROS, ARTIGOS E DOCUMENTOS

ALMEIDA E SILVA, Manoel de; ROITER, Marcio; JONGLEZ, Thomas. *Rio secreto*. Rio de Janeiro: Jonglez, 2016.

BERTARELLI, Ernesto et al. *Gli italiani nel Brasile*, São Paulo: Estabelecimento Graphico Pasquino Coloniale, 1922-1924. 2 vol. Disponível em: <<https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/6729>>. Acesso em: 23/4/2022

CAPPELLI, Vittorio. *A belle époque italiana no Rio de Janeiro*. Niterói: Eduff, 2015, 188 p.

CERVO, Amado Luiz. *As relações históricas entre o Brasil e a Itália: o papel da diplomacia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Instituto Italiano di Cultura, 1992. 262 p.

CONSULADO GERAL DA ITÁLIA – RIO DE JANEIRO. *Piano di recupero e valorizzazione dell'immobile "Casa d'Italia"*. Rio de Janeiro, set/2014. 41 p.

LAGO, Manoel Aranha Corrêa do. Villa-Lobos nos anos 1930 e 1940: transcrições e “work in progress”; in: *Revista Brasileira de Música*. Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música da UFRJ: Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 87-106, Jan/Jun 2015.

LEVY, Ruth (org.). 1922-2012 – 90 anos da Exposição do Centenário. Rio de Janeiro: Casa Doze, 2013. 88 p.

NÓBREGA, Adhemar. *As Bachianas Brasileiras de Villa-Lobos*. Brasília: MEC, 1971. 128 p.

PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL; AGACHE, A. *Cidade do Rio de Janeiro: Extensão – Remodelação – Embellezamento*. Paris: Foyer Brésilien, 1930. Disponível em <<http://plannourbano.rio.rj.gov.br>> Acesso em 21/12/2021

TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico – um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989. 574 p.

VANNI, Julio Cezar. *Italianos no Rio de Janeiro: a história do desenvolvimento do Brasil partindo da influência dos italianos na capital do Império*. Niterói, RJ: Editora Comunità, 2000. 142 p.

WEYRAUCH, Clélia Schiavo. Os italianos, a cidade e a expansão urbana no Rio de Janeiro. In: WEYRAUCH, C. S.; FONTES, M. A. R.; AVELLA, A. A. *Travessias Brasil-Itália*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.



JORNAIS E REVISTAS

A Casa; A Luta Democrática; A Noite; Comunità Italiana; Correio da Manhã; Correio do Povo; Correio Paulistano; Critica; Diario Carioca; Diário de Notícias; Fon-Fon; Gazeta de Notícias; Il Bersaglière; Il Pasquino Coloniale; Itália Nossa; Jornal do Brasil; Jornal do Commercio; Jornal dos Sports; Lanterna; O Cruzeiro; O Fluminense; O Globo; O Imparcial; O Jornal; O Paiz; Revista Careta; Revista da Semana; Tribuna da Imprensa

SITES

2ª Mostra Brasílica de arte e produtos italo-brasileiros. Disponível em: <<https://guiagphr.com.br/noticias/2%C2%AAmostra-brasitalia-de-arte-e-produtos-italo-brasileiros/>> Acesso em: 15/4/2022

AGENDA BAFAPÁ. *Semana da Cozinha italiana no mundo no Terraço Belvedere*. Disponível em: <<https://bafafa.com.br/turismo/comer-beber/semana-da-cozinha-italiana-no-mundo-no-terraço-belvedere>> Acesso em: 15/4/2022

Can we find out more about the sculptor Salvatore Errico? Disponível em: <<https://www.artuk.org/artdetective/discussions/discussions/can-we-find-out-more-about-the-sculptor-salvatore-errico>> Acesso em: 10/5/2022

Comites vai testar no Brasil voto eletrônico. Disponível em: <<https://www.insieme.com.br/pb/comites-de-sp-vai-testar-no-brasilvoto-eletronico-lanzi-anuncia-chapas-em-seis-das-sete-circunscricoes-sob-o-apelo-justizia-e-liberta/>> Acesso em: 30/4/2022

CONSOLADO GENERALI D'ITALIA – RIO DE JANEIRO. Disponível em: <https://consrio-dejaneiro.esteri.it/consolato_riodejaneiro/pt/la_comunicazione/dal_consolato/2022/03/consulado-italiano-inaugura-no.html> Acesso em: 5/4/2022

Cultura italiana toma conta do Rio com série de eventos promovida pelo Consulado. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/o-que-fazer-no-rio-de-janeiro/noticia/2019/06/02/cultura-italiana-toma-conta-do-rio-com-serie-de-eventospromovida-pe-lo-consulado.ghtml>> Acesso em: 15/4/2022

DEL RE, Emanuela C. Discurso na videoconferência *Vecchia e nuova emigrazione – per una rivalorizzazione strategica della rete degli italiani nel mondo*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=393248825148499>> Acesso em: 5/1/2022

Embaixadas: um capítulo importante na construção de Brasília. Disponível em: <<http://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2019/12/26/embaixadas-um-capitulo-importante-na-construcao-de-brasilia/>> Acesso em: 15/4/2022

Evento 'Italianorio' traz cultura italiana parara cidade do Rio. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/10/evento-italianorio-traz-cultura-italiana-para-cidade-do-rio.html>> Acesso em: 15/4/2022

FEDITALIA – Confederación de Federaciones Italianas en Argentina. Disponível em: <<https://feditalia.org.ar>> Acesso em: 7/1/2022

IIC RIO – Istituto Italiano di Cultura Rio de Janeiro. Disponível em: <https://iicrio.esteri.it/iic_riodejaneiro/pt> Acesso em: 10/4/2022

Itália inaugura busto e mostra em homenagem à imperatriz Teresa Cristina no RJ. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/arte-e-cultura/italia-inaugura-busto-e-mostra-em-homenagem-a-imperatriz-teresa-cristina-no-rj,f243468c65cbadb03c1e-4353597c87a3o8dqxfrz.html>> Acesso em: 30/4/2022

MACHADO, Elisa Isabel. *A Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro: história, identidades e práticas de ensino de italiano em uma escola pública.* Dissertação apresentada À Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8148/tde-09052016-110429/publico/2016_ElisaIsabelMachado_VCorr.pdf> Acesso em: 20/4/2022

MORABITO, Michele. *Quel palazzo liberty che racconta due secoli di storia pietrasantina.* Disponível em: <<https://iltirreno.gelocal.it/versilia/cronaca/2020/08/29/news/quel-palazzo-liberty-che-racconta-due-secoli-distoriapietrasantina-1.39245479>> Acesso em: 7/1/2022

PORTAL EVENTOS. *Terraço Belvedere é o novo espaço para eventos no Rio.* Disponível em: <<https://www.portaleventos.com.br/news/Terraco-Belvedere-e-o-novo-espaco-para-eventos-no-Rio>> Acesso em: 15/4/2022

PREFEITURA DO RIO. *Praça Itália ganha novo jardim.* Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?id=5423374>> Acesso em: 30/4/2022

Sociedade Cultural Dante Alighieri do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://cnpjs.rocks/cnpj/39133871000119/sociedade-cultural-dante-alighieri-do-rio-de-janeiro.html>> Acesso em: 30/4/2022

Storia della Casa degli Italiani di Barcellona. Disponível em: <<https://www.casaitaliani.com/it/chi-siamo-historia.asp>>. Acesso em: 29/12/2021

Anexo 1

Alexandre Rese

Coordenador IED Rio



ITALIAN DESIGN DAY 2026

A Casa d'Itália tem papel fundamental, simbólico e real, em estabelecer-se como centro de encontro, uma extensão de fusões culturais, que ao longo dos 90 anos de existência, tem sido testemunha da História, que marcou gerações de italianos e brasileiros em território carioca.

Se em 2026, celebram-se as nove décadas de fundação da Casa d'Italia no Rio de Janeiro, também neste ano, de maneira sincrônica o ITALIAN DESIGN DAY, movimento da identidade italiana no mundo, apresentou a proposta para importante reflexão: "RE-DESIGN: regenerar espaços, objetos, ideias e relações". Ao encontro deste tema, a Casa d'Itália se apresenta revigorada e certa do seu propósito, possibilitando aferir os caminhos traçados nas últimas transformações que têm experimentado.

Este espaço de grande importância para a cultura ítalo-brasileira, no Centro da cidade, tem promovido entre os seus espaços - ressignificados, reinterpretados e recuperados - interações que seguem além da gastronomia, das artes, do design, dos negócios ou dos idiomas. As relações e vivências são marcas dos movimentos constantes e que dão vida e sentido ao que se entende por "casa".

O Istituto Europeo di Design (IED Rio) chegou à Casa d'Itália em 2021, e desde então, tem a honra de fazer parte desse momento único e propositivo, potencializando ações e ideias em projetos reais, criando diálogos importantes entre Brasil e Itália, estabelecendo relações de negócio e parcerias culturais, projetando coletivamente novas possibilidades sem deixar de revisitar o passado quando necessário. O IED tem nacionalidade italiana e encontrou no Rio de Janeiro acolhida de compatriotas e fluminenses que não medem esforços para que se siga em frente.

Nesse fluxo, inerente a tempos contemporâneos, em que o presente é desafiador, o regenerar vai além da matéria. Seja em um encontro na Praça Itália, uma degustação na Escola Cucina, aprendendo uma nova "parola" nas conversas, visitando uma exposição no Polo Cultural ItaliaNoRio ou mergulhando no universo do design, algo precioso acontece nas dependências da Casa d'Itália: o encontro de muitos universos que irão construir novas memórias, fortalecer os laços que podem inventar um futuro possível e cooperativo.

Anexo 2

Marco Marica

*Diretor do Instituto Italiano
de Cultura - Rio de Janeiro*



TEATRO SALA ITALIA

No projeto original da *Casa degli Italiani*, concebido pelo arquiteto racionalista Clemente Busiri Vici e parcialmente modificado durante a construção pelos arquitetos Giulio Cellini e Riccardo Buffa, todo o quarto andar servia como área de recepção para as instituições ali instaladas. Devido às suas grandes dimensões, à seção central com pé-direito duplo e às esplêndidas e luminosas janelas com varandas na fachada principal (ausentes no projeto de Busiri Vici, mas que evocam o estilo classicista de Cellini e Buffa, rejeitado pela comissão examinadora), o “piano nobile” do edifício era adequado para receber ilustres visitantes que transitavam pela então capital do Brasil e para eventos sociais da grande comunidade italiana do Rio de Janeiro. O amplo salão, que servia como ponto de encontro, refletia a estética da arquitetura racionalista italiana do período fascista: espaços interiores grandiosos, linhas simples e grandes vãos, apesar da presença de alguns elementos decorativos Art Déco no teto e nas balaustradas do quinto andar, provavelmente adicionados por Cellini e Buffa. A mudança do nome inicial de *Casa degli Italiani* para *Casa d’Italia* também revela uma concepção mais institucional do edifício, deslocando a ênfase da comunidade ítalo-carioca, que havia apoiado sua construção, para o papel de representação do governo italiano no Brasil. O projeto arquitetônico final aprovado pelo júri reflete essa mudança semântica: a Casa d’Itália de Busiri Vici adere plenamente aos cânones estilísticos dos edifícios públicos italianos da época, não apenas em sua fachada, mas também na planta e no uso pretendido de seus espaços internos.

O grande salão no quarto andar foi projetado para sediar cerimônias oficiais, eventos sociais e festas, e apenas marginalmente para servir como teatro/auditório. Isso é evidenciado pelo formato em “L” da planta baixa, claramente visível em uma fotografia de época; pela presença de um bar ao fundo no projeto original; pelas grandes janelas iluminadas, inadequadas para um teatro; pela ausência de assentos fixos; pelo palco relativamente raso; e, finalmente, pela falta de treliças e espaço para movimentação de cenários. Como demonstra o caso de Buenos Aires, onde o edifício do Consulado Italiano (atual Instituto Italiano de Cultura) abriga o grandioso *Teatro Coliseo*, com capacidade para 1.700 pessoas, os imigrantes italianos, atentos às tradições teatrais e operísticas de sua terra natal, conceberam os espaços teatrais como edifícios suntuosos e autossuficientes, com grandes palcos, fosso da orquestra, auditório e vários níveis

de galerias capazes de acomodar centenas de espectadores — requisitos que faltam no esplêndido salão da Casa d'Itália. Embora não tenham sido encontradas fotografias de época, é fácil imaginar uma pequena orquestra tocando no palco, damas em vestidos de noite e cavalheiros elegantemente vestidos dançando no centro do salão ou conversando, bebendo e fumando nas estreitas varandas ou sentados às mesas dispostas nos fundos e na galeria do quinto andar, em meio ao vai e vem de garçons. Todos ficavam encantados com a vista do Pão de Açúcar e o luar refletido na Baía de Guanabara, que na época ainda banhava a Avenida Beira Mar e a Praça Itália, enquanto a brisa marítima entrava pelas grandes janelas, trazendo alívio aos dançarinos e músicos que sofriam com o calor. Ainda assim, alguns eventos culturais importantes aconteceram no salão da Casa d'Italia, incluindo a histórica estreia mundial da *Bachiana brasileira nº 1* de Heitor Villa-Lobos, em 13 de novembro de 1938.

Durante os eventos que se seguiram ao confisco da Casa d'Itália, com sua transformação na Faculdade Nacional de Filosofia e posterior devolução do edifício ao Estado italiano, o grande salão do quarto andar perdeu sua função original, tornando-se volumoso e impraticável. Com o tempo, divisórias foram erguidas, alterando a planta original tanto do quarto quanto do quinto andar. Com a destinação dos dois andares ao Instituto Italiano de Cultura em 1974, o salão foi novamente modificado para criar espaços adequados aos escritórios e à biblioteca do Instituto. O salão adquiriu, assim, um formato retangular, tornando-o adequado para eventos culturais e apresentações, enquanto a instalação de uma tela na parede do fundo permitiu seu uso como cinema.

O salão do Instituto Italiano de Cultura, renomeado Teatro Sala Itália, serviu como um excelente espaço para a promoção da cultura italiana, acolhendo concertos, conferências, exposições de filmes, peças de teatro, apresentações de dança e até mesmo espetáculos circenses, graças em parte à acústica surpreendentemente boa para um espaço originalmente concebido para outro fim. No entanto, a renovação comprometeu irremediavelmente a sua imponência original, criando uma separação artificial entre o quarto e o quinto andares. A galeria do piso superior, com vista para o salão, foi fechada ao público e convertida em sala técnica, criando uma descontinuidade arquitetônica com o piso inferior. A ausência de assentos fixos na plateia, embora permitisse um uso multifuncional do espaço, frequentemente utilizado para exames e concursos públicos, também prejudicou a visão do público em relação ao palco e à tela. Até mesmo o conforto das cadeiras, que são removidas quando necessário, foi sacrificado em prol da versatilidade do salão, e ainda hoje o público se acomoda em cadeiras simples. Por fim, o Teatro Sala Itália, com capacidade para mais de 200 pessoas sentadas e mui-

tas outras em pé, tornou-se um auditório grande demais para as necessidades do Instituto. Diante disso, uma nova reforma tornou-se imprescindível. Esta não só melhorará o conforto e a usabilidade do Teatro Sala Itália, como também criará espaço para a biblioteca do Instituto, fechada ao público desde 2018 e que aguarda um local definitivo. Para celebrar o 90º aniversário da Casa d'Itália, chegou a hora de o grande salão do Instituto Italiano de Cultura, assim como já aconteceu com o restante do edifício, ganhar uma nova aparência e retornar ao seu antigo esplendor.

O projeto de renovação foi confiado à Archea Brasil Arquitetura e Interiores, filial paulista do Studio Marco Casamonti & Partners / Archea Associati, que anteriormente supervisionou a renovação da Praça Itália. Em comum acordo com os arquitetos, optou-se por abandonar o caráter híbrido do salão e transformá-lo em um auditório completo, adequado para concertos, conferências, cinema e teatro. O auditório contará com acústica aprimorada e uma área de assentos em níveis com 120 lugares, que aproveitará ao máximo o pé-direito duplo. Ao mesmo tempo, o auditório será equipado com um novo sistema de ar condicionado e equipamentos de palco modernos. A área de assentos do novo teatro deverá ocupar dois terços do espaço atual, permitindo melhor circulação e assentos confortáveis para o público.

A biblioteca, que ocupará a parte posterior do atual salão, será um verdadeiro destaque do projeto de reforma. Retomando a ideia original de integrar o quarto e o quinto andares, a biblioteca se estenderá por dois níveis, apresentando materiais modernos, cores quentes que remetem ao estilo dos anos 1930 e uma estética que dialoga com o design racionalista de Busiri Vici, conciliando modernidade e rigor filológico, estilo italiano e a alma carioca. A sala de leitura no quinto andar desfrutará de uma vista esplêndida do Pão de Açúcar e do Cristo Redentor, enquanto o foyer do Instituto será tornado mais funcional e acolhedor. Um foyer também será criado no quinto andar, onde se localizam as salas de aula de idiomas, com uma grande janela que oferece vista para a biblioteca e o teatro abaixo.

O projeto foi submetido ao Ministério das Relações Exteriores e Cooperação Internacional da Itália e está atualmente em análise. Se o projeto for aprovado e financiado, as obras poderão começar no final de 2026. No geral, a reforma abrangerá mais da metade dos espaços ocupados pelo Instituto Italiano de Cultura e ajudará a oferecer ao público e aos estudantes de idiomas um ambiente acolhedor e funcional que melhor represente a Itália contemporânea, aberta ao diálogo com outras culturas, voltada para o futuro, mas sempre atenta à preservação do seu patrimônio.

Posfácio

Aristides Corrêa Dutra



BREVES NOTAS E VAGOS PENSAMENTOS PARA UM SUPOSTO POSEFÁCIO

Quando olhamos fotos antigas de uma cidade, três coisas costumam, de imediato, chamar nossa atenção: roupas, carros e prédios. São artefatos que se relacionam a nossas vidas para proteção, deslocamento, abrigo e mais um monte de funções tanto práticas como simbólicas. Na data de uma foto, o tempo cronológico pode até ser um só, mas, no fundo, todo mundo bem sabe que o tempo passa de maneiras diferentes para coisas diferentes.

As roupas evoluem rapidamente, capturadas pelos ciclos de renovação permanente da moda. Carros envelhecem um pouco mais devagar, mas não muito. Prédios costumam ter uma permanência maior diante do passar do tempo. Se Einstein já nos tinha provado que o tempo não é absoluto no universo físico, imagine-se no mundo das coisas simbólicas.

E que tempo é esse que passa de maneira diferente para edifícios, para cidades? Nós até podemos parar para observar os prédios, mas, na verdade, acho que eles é que nos contemplam passar. E nós passamos rápido. Para falar desse tempo arquitetônico, esse tempo urbano, termino essas breves anotações pegando emprestadas as palavras do arquiteto italiano Renzo Piano, que coloca essas cronologias em uma perspectiva mais mensurada. Em uma entrevista ao escritor peruano Mario Vargas Llosa publicada em 1997 no jornal *La Repubblica*, ele declarou:

*As cidades são belas porque são criadas lentamente; são feitas pelo tempo. Uma cidade nasce de um emaranhado de monumentos e infraestruturas, cultura e mercado, história nacional e histórias quotidianas. Uma cidade leva quinhentos anos para ser criada, e um bairro, cinquenta.*¹

Espero que este resgate do passado e este registro do presente do edifício Casa d'Italia do Rio de Janeiro possam, de alguma forma, contribuir sempre que se pensar em seu futuro.

1 • Tradução livre. No original: « *Le città sono belle perché sono fatte molto lentamente, sono fatte dal tempo. Una città nasce da un groviglio di monumenti e infrastrutture, cultura e mercato, storia nazionale e storie quotidiane. Una Città si crea in cinquecento anni, e un quartiere in cinquanta.* »



Este livro foi diagramado com tipografia Source Serif 4, corpo 11, entrelinha 15;
miolo impresso em papel Couché Matte 150g/m2 e capa dura em papelão Horlee 20g. revestido
em papel Couché Matte 170g/m2, guardas em papel Couché Matte 170g/m2.

Rua Marquês de Caxias, 31, Centro – Niterói – RJ
CEP: 24.030-050 – Tel: 21 – 2722-2555/2722-0181
www.comunitaitaliana.com.br / editora@comunitaitaliana.com.br



Consolato Generale d'Italia
Rio de Janeiro

